

GABRIELA PACHECO AMARAL

**AS VOZES QUE SILENCIAM OS “EUS” DE FABIANO, EM *VIDAS
SECAS*, DE G. RAMOS**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

2016

GABRIELA PACHECO AMARAL

AS VOZES QUE SILENCIAM OS “EUS” DE FABIANO, EM *VIDAS SECAS*, DE G. RAMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ida Lucia Machado.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Dissertação intitulada “As vozes que silenciam os “eus” de Fabiano, em *Vidas Secas*, de G. Ramos”, defendida por Gabriela Pacheco Amaral, apresentada em 25 de novembro de 2016 à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

(Orientadora) Prof.^a Dr.^a Ida Lucia Machado

Prof.^a Dr.^a Ivanete Bernardino Soares

Prof. Dr. Gilmar Bueno Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu pai santo e eterno por estar sempre comigo e por me possibilitar tantas conquistas.

Aos meus pais por sempre me darem o apoio necessário.

À Helena, a luz que ilumina minha vida.

Ao João, pai e amigo, a pessoa que eu posso contar e confiar em todos os momentos.

Ao meu eterno namorado que sempre acredita em mim e que me dá um imenso apoio e incentivo em todos os meus passos.

Ao Heitor, razão de minha alegria e de minha felicidade, a melhor parte de mim.

À Professora Ida, por ser essa pessoa doce e amável que contribui imensamente para mais essa conquista em minha vida.

À minha amiga Jaqueline, companheira acadêmica e de vida com quem eu divido minhas aflições e conquistas.

Aos meus demais familiares e amigos por todo apoio.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais por possibilitar esse crescimento acadêmico.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).

Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.

Como o panteísta se sente árvore e até a flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho busca analisar a multiplicidade de vozes que surgem nos desdobramentos dos “eus” e no silenciamento do personagem Fabiano, do romance *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos. Consideramos que o silenciamento em *Vidas Secas* pode ser investigado a partir dos pensamentos que envolvem o protagonista e que, por conseguinte geram um desdobramento dos “eus” de Fabiano. Esse desdobramento pode ser um efeito da angústia do personagem quanto aos papéis identitários e quanto aos imaginários e às ideologias que constituem as formações discursivas nas quais ele se depara ao longo de sua jornada. Em algumas situações comunicativas, Fabiano não se identifica plenamente com o sujeito universal que advêm das formações discursivas, por isso, ele não apresenta uma tomada de posição única e homogênea diante de determinados contextos. Buscaremos, assim, compreender as vozes ideológicas, morais e/ ou não morais que constituem as formações discursivas e que podem contribuir para o silenciamento de Fabiano na trama narrativa. Para isso, iremos estabelecer um diálogo entre os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin como os postulados de Pêcheux sobre as formações discursivas e também com a Semiologia de Charaudeau. Acreditamos que no campo da Análise do Discurso essas teorias não se excluem umas às outras, elas se complementam e podem enriquecer ainda mais nossas análises. Na esteira de Bakhtin e de Pêcheux, deparamo-nos com teorias e conceitos que auxiliam nosso percurso teórico enquanto que a Semiologia nos fornece tanto teorias quanto categorias de análise. De tal modo, um diálogo entre ambas pode nos possibilitar uma maior compreensão sobre nosso *corpus* e sobre como investigar o silenciamento de Fabiano em *Vidas Secas*. Nosso objetivo foi enfim o de mostrar que o silenciamento de Fabiano não é um “silêncio” no sentido literal da palavra, mas sim um diálogo interno que raramente vem à tona, pois é sufocado pelas vozes das ideologias dominantes.

Palavras-chaves: Análise do Discurso; *Vidas Secas*; Silenciamento; Vozes ideológicas; Desdobramentos.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est d'analyser la pluralité de voix qui émergent à partir de la division de nombreux *moi(s)* et de l'attitude silencieuse du personnage Fabiano dans le roman *Vies Arides – Vidas Secas*, en portugais - publié en 1938 par l'écrivain brésilien Graciliano Ramos. On considère que ce silence peut être analysé à travers les pensées du personnage autour duquel l'histoire a été construite : en d'autres mots on peut étudier le silence par moyen de la division des plusieurs *moi(s)* qui sont refoulés dans ce personnage. Il est possible que cette division soit le résultat de l'angoisse du personnage par rapport à ses rôles identitaires et imaginaires, ou aux idéologies qui constituent les formations discursives qui assaillent le personnage en question, nommé Fabiano. Pourtant, lors de certaines situations communicatives, il ne s'identifie complètement pas avec le sujet universel qui émerge de ces formations discursives. Par conséquent, il hésite et ne prend pas position d'une manière unique et homogène vis-à-vis de certaines personnes ou des certaines situations. On cherche à comprendre, alors, les voix idéologiques, morales et/ou celles qui n'ont pas un caractère moral qui constituent les formations discursives et qui sont capables de favoriser l'attitude silencieuse de Fabiano dans la narrative du roman. Pour que cela soit possible, on établira un dialogue entre les concepts de dialogisme et de polyphonie chez Bakhtine, les postulats de Pêcheux sur les formations discursives et des concepts liés à la Sémiolinguistique de Charaudeau. On croit que, dans le domaine de l'Analyse du Discours, ces théories ne s'excluent pas mais sont complémentaires et leur usage peut enrichir les analyses. À la suite de Bakhtin et Pêcheux, d'un côté, on a des théories et des concepts qui aident la construction du parcours théorique. D'un autre côté, la Sémiolinguistique fournit des contributions théoriques et analytiques. Ainsi, un dialogue entre ces deux perspectives aidera l'appréhension du *corpus* de cette recherche dont l'objectif est enfin, celui de montrer que le silence de Fabiano n'est pas un « silence » au sens littéral du terme, mais un dialogue intérieur qui n'émerge pas car il est étouffé par les voix dominantes.

Mots-clés: Analyse du Discours; *Vidas Secas – Vies Arides*; Silence; Voix idéologiques; Dédoublings du moi.

LISTA DE QUADROS

Quadro número 1	p. 83
Quadro número 2	p. 91
Quadro número 3	p. 96
Quadro número 4	p. 102
Quadro número 5	p. 106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11	
CAPÍTULO I – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE NOSSO INSTRUMENTAL DE TRABALHO:		
A ANÁLISE DO DISCURSO	15	
1.1. Rápido percurso sobre a teoria fundadora da Análise do Discurso na França	16	
1.2. Os três momentos da AD e de Pêcheux: alguns conceitos principais.....	22	
1.3. A heterogeneidade das formações discursivas	30	
1.4. Visão panorâmica do conceito de heterogeneidade enunciativa, segundo Authier-Revuz	32	
1.5. O dialogismo e a polifonia de Bakhtin: as vozes que ecoam no sujeito e no discurso	34	
1.6. Breves considerações sobre a Semiologia de Patrick Charaudeau.....	44	
1.7. O sujeito clivado e dividido no discurso	48	
1.8. Os desdobramentos do “eu” em diversos outros “eus”	53	
CAPÍTULO II – GRACILIANO RAMOS NA LITERATURA BRASILEIRA		57
2.1. Entendendo o posicionamento e o estilo de Graciliano Ramos	58	
2.2. Os desdobramentos de Graciliano como escritor personagem	64	
2.3. Os desdobramentos dos “eus” de Graciliano Ramos em <i>Infância</i>	71	
2.4. <i>Vidas Secas</i>	75	
CAPÍTULO III – FABIANO: UMA COMPLEXA RELAÇÃO DO “EU” INTERNO COM COM AS VOZES EXTERIORES		80
3.1. Procedimentos de análise	81	
3.2. Afinal, qual dos “eus” sou eu?	85	
3.3. A máscara de identidade escolhida diante de uma injustiça	89	
3.4. “Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar”	94	
3.5. O posicionamento de Fabiano diante de um desejo de vingança.....	98	

3.6. A voz do arrependimento	100
3.7. A relação patrão <i>versus</i> empregado.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

Vidas Secas é uma obra de Graciliano Ramos que retrata a vida de uma família de retirantes: Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos (que não têm nomes próprios) e a cadela Baleia. Muitas chaves de leitura podem ser adotadas para uma pesquisa, como a animalização dos personagens, a humanização do cão, o social e o psicológico dos personagens e o silenciamento.

Fabiano e a sua família não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola, por isso, não sabem escrever nem ler. Devido a isso, muitos estudiosos associam o silenciamento de Fabiano com sua dificuldade para se comunicar. Porém, consideramos que seu silêncio pode ser mais complexo, pois ao ler o romance deparamo-nos com um paradoxo no interior dessa voz que não se manifesta ou pouco se manifesta: há um jogo complexo e uma luta de vozes ideológicas ocorrendo no íntimo de Fabiano. No âmbito desse silêncio, o personagem nos chama a atenção pois ele é o vértice, o ponto central a partir do qual a narrativa se desenrolará, como se fosse uma fita ligada a um ponto.

Dito isso, nossa hipótese de pesquisa é que o silenciamento de Fabiano é transpassado por diversas vozes ideológicas, morais e mesmo *não-morais*; logo, pelo silêncio do personagem perpassam várias divisões/indecisões vindas dos diferentes “eus” que Fabiano abriga em si. Aliás, o desdobramento de “eus”, de modo geral, pode ser investigado a partir dos estudos de Machado (2014, 2015) que ao pesquisar sobre as narrativas de vida, percebeu que há no sujeito discursivo múltiplos desdobramentos dos sujeitos-falantes, e que eles podem ser entrevistados graças às marcas linguísticas que deixam em seus ditos ou escritos.

Considerando a divisão de “eus” desses sujeitos, iremos, pois, amparar teoricamente nossa pesquisa em Pêcheux (sobretudo na 3ª. fase de sua Análise do Discurso), mas também em alguns conceitos da Semiologia, teoria divulgada pelo linguista Charaudeau em 1983, sem contar que a voz de Bakhtin atravessará é claro, toda nossa pesquisa. Um dos pontos centrais desta teoria está na multiplicidade de sujeitos proposta por Charaudeau (1983, p.46). O linguista considera que nos enunciados -ou *atos de linguagem* como ele os chama-, há no mínimo 4 divisões entre os sujeitos: sujeito comunicante, sujeito enunciadador, sujeito destinatário e sujeito interpretante¹.

Na esteira de Charaudeau, Machado (2015) considera que em um mesmo sujeito pode ocorrer a soma (ou divisão) entre um “eu-interior” e um “eu-exterior”. Além do mais, para a pesquisadora, os “eus” que surgem nos diferentes discursos são atravessados por uma multiplicidade de vozes ideológicas, o que nos levará também forçosamente a Bakhtin (1970).

¹ A divisão entre os sujeitos nos atos de linguagem será por nós observada de mais perto no Capítulo II desta pesquisa.

Interessa-nos pesquisar como o silêncio pode ser estudado na Análise do Discurso, nela adquirindo um sentido de implícito. A opção que o autor ou sujeito-comunicante Ramos concede a Fabiano, falar pouco ou quase nada, possibilita diversas alternativas de sentidos e interpretações.

Assim, *Vidas secas* é um romance em que a taciturnidade predomina. Fabiano, não conversa muito com sua família nem com outras pessoas, se tenta fazê-lo raramente obtém sucesso, visto que ele se comunica através de poucos gestos e poucas palavras. No decorrer da narrativa existem poucos diálogos. Nessa ótica, acreditamos que o jeito de ser desse personagem não se dá apenas pelo motivo dele não dominar a linguagem oral, mas sim por motivos bem mais amplos e densos. Nesse ponto, chegamos a um paradoxo presente em nossa *pergunta de pesquisa*: - Se é o silêncio que domina o personagem, como tantas vozes podem nele serem estudadas?

O fato é que as vozes que calam o protagonista de *Vidas secas* também podem ser percebidas em outras obras de Ramos, inclusive na própria vida do autor. Bastos (2008, p. 12) considera que Graciliano é um escritor da angústia, não somente dos personagens de suas obras, mas sim da angústia de sua existência e das desigualdades sociais que ele vira desde sua infância até a maturidade. *Infância* (1945) é uma autobiografia em que o autor narra sua trajetória, e nela percebemos vozes ideológicas e a posição de Ramos quanto às questões sociais. Candido corrobora que em *Angústia* (1936) podem ser percebidas características pessoais e frustrações do romancista transmutadas para o personagem principal, Luís da Silva. Visto que nas palavras do crítico: “[...] ele não é Luís da Silva, está claro; mas Luís da Silva é um pouco o resultado do muito que, nele, foi pisado e reprimido” (CANDIDO, 2006, p. 61).

Nesta pesquisa temos também interesse em perceber como as múltiplas vozes assumidas por Ramos em suas narrativas se misturam com as vozes de seus personagens e como ele próprio se inscreve em suas obras. Avançando um pouco o fio de nosso raciocínio, acreditamos que o principal objetivo de Ramos, como romancista, seria então, de “ser um intelectual que dá voz aos marginalizados da sociedade” (BASTOS, 2008, p. 12). Pode parecer estranho afirmarmos que os personagens “têm voz” sendo que nossa pesquisa se baseia no silenciamento de Fabiano. Contudo, concordamos com Bastos que “[...]a grandeza artística está em construir uma voz narrativa contaminada por aquele que não tem voz” (ib.).

Isto posto, nosso objetivo geral é investigar a multiplicidade de vozes que surgem nos desdobramentos dos “eus” e no silenciamento do personagem Fabiano. Como objetivos específicos teremos:

- ✓ Estudar a posição de narrador de Ramos verificando se sua voz se mistura a de seus personagens em geral. Para tanto, além de *Vidas Secas* (*corpus* principal) contaremos com um *corpus* auxiliar constituído pelas obras *Infância*, *São Bernardo*, *Angústia*;
- ✓ Compreender as posições ideológicas nas formas enunciativas que se referem aos pensamentos e decisões do principal protagonista de *Vidas Secas*;
- ✓ Delinear a utilização do modo de organização do discurso enunciativo, segundo Charaudeau (1992) em *Vidas Secas*, a fim de verificar como são expostos os pontos de vista e os posicionamentos do protagonista.

Para alcançarmos nossos objetivos o trabalho será assim organizado: no capítulo I iremos discorrer sobre o arcabouço teórico que sustentará a pesquisa. Discursaremos sobre os conceitos de ideologia e de formação discursiva na perspectiva de Pêcheux, bem como apresentaremos, sucintamente, as três fases iniciais de sua Análise do Discurso. Consideraremos os trabalhos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade enunciativa para compreendermos que as formações discursivas não são homogêneas e fechadas em si, elas são heterogêneas e suportam em si múltiplas vozes e diversos discursos, o que nos levará forçosamente aos conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin. Por fim, iremos apresentar alguns conceitos da Semiolinguística, como os atos de linguagem e a identidade. Com o intuito de elucidação sobre esses conceitos apresentaremos análises do nosso *corpus* principal e do *corpus* auxiliar.

O capítulo II será dirigido para a obtenção de uma melhor apreensão das vozes ideológicas que circulam no *corpus* auxiliar: *Infância*, *São Bernardo* e *Angústia*. Compreendemos que G. Ramos pode emprestar alguns de seus posicionamentos, de seus pontos de vista e até algumas características identitárias suas para aplica-las em seus personagens ou “sujeitos de papel” de seus romances. Para tanto, proporemos breves análises que podem demonstrar o diálogo que há entre as vozes de G. Ramos e as de alguns de seus personagens.

No capítulo III começaremos por discorrer sobre alguns conceitos teóricos de Charaudeau (2008) sobre o modo de organização enunciativo que, nesse ponto preciso, serão preciosos para nossa análise. Eles entrarão em diálogo com conceitos de dialogismo (Bakhtin), de silenciamento (Orlandi), das formações discursivas (Pêcheux). A seguir, passaremos a analisar alguns trechos do *corpus* principal, ou seja, do livro *Vidas Secas*. Nesta análise buscaremos investigar como as vozes ideológicas contribuem para a divisão de “eus” do protagonista Fabiano.

CAPÍTULO I

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE NOSSO INSTRUMENTAL DE TRABALHO: A ANÁLISE DO DISCURSO

1.1. RÁPIDO PERCURSO SOBRE A TEORIA FUNDADORA DA ANÁLISE DO DISCURSO NA FRANÇA

A fim de situarmos teoricamente a nossa pesquisa que toma por base conceitos da Análise do Discurso, apresentaremos, neste capítulo, algumas considerações sobre o surgimento dessa disciplina e sobre seu desdobramento teórico vinda por parte daquele que a concebeu, ou seja, o filósofo Michel Pêcheux. Tais demonstrações serão por nós enfatizadas principalmente no que diz respeito à inclusão da ideia de que há heterogeneidade nas formações discursivas. Teceremos, também, reflexões acerca de outras noções, tais como o dialogismo e a polifonia de Bakhtin, que contribuem em grande valia para a compreensão da heterogeneidade constitutiva no discurso e no sujeito no campo da Análise do Discurso. Ademais, abordaremos algumas noções de Charaudeau, a partir de sua teoria da Semiologia, com o intuito de realizar um diálogo entre os primeiros estudos discursivos com esta teoria, difundida no início dos anos 80, quase duas décadas após a teoria fundadora.

Insistimos nesse diálogo, pois devemos ressaltar, desde já, que a Semiologia realiza um estudo sobre os desdobramentos do sujeito no discurso e que essa tomada de posição analítico-discursiva nos auxiliará a compreender como o personagem principal de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tem sua identidade interna dividida e clivada.

Nessa perspectiva, entendemos que essas teorias, ou seja, a fundadora da AD com seus acréscimos ou avanços e a teoria criada por Charaudeau, com seus “toques” bakhtinianos², não se excluem; complementam-se e podem enriquecer teoricamente umas às outras.

Nossa pesquisa visa analisar os prováveis sentidos que podem se originar da multiplicidade de vozes emergentes no silenciamento ou, em outras palavras, da dificuldade enunciativo-comunicativa do supracitado personagem da obra de G. Ramos, a partir de uma abordagem que considera a proeminência da dialética entre a conjuntura social e a conformação do discurso. Vem daí nossa necessidade de mesclarmos conceitos de teorias analítico-discursivas tentando delas retirar o que for demandado para a análise do nosso *corpus*, que é um *corpus* literário.

Abrimos aqui um parêntese para discorrer sucintamente sobre a apreensão do discurso literário na AD. De acordo com Maingueneau (2012, p. 38) o discurso literário pode ser analisado sob a perspectiva da AD tendo em vista as múltiplas dimensões de discursividade

² No primeiro projeto CAPES/COFECUB (1994-1998), concedido à linha de estudos sobre análise do discurso do Poslin/FALE/UFMG e que foi coordenado por Ida Lucia Machado e Patrick Charaudeau, tendo como título *A análise do discurso: procedimentos de persuasão e de sedução*, pode-se ler, na descrição da Teoria Semiológica sobre a qual se baseou o Projeto, o seguinte enunciado de Charaudeau “Nossa análise é fundamentalmente bakhtiniana”.

que são passíveis de observação. Ainda para o autor supracitado (ib. p. 60), o discurso literário, mesmo com suas especificidades, não é isolado, pois ele permite que se realize uma relação entre a literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência. De tal modo, para se analisar o discurso literário deve-se utilizar conceitos e métodos que, de menor ou maior grau, sejam válidos para outros tipos de discursos. Compreendemos, assim, que o discurso literário pode ser analisado sob a perspectiva da AD conforme postula Machado:

[...] a Análise do Discurso (AD), disciplina oriunda das Ciências da Linguagem e que tem como base uma lingüística discursiva, é passível de ser aplicada a textos literários e, mais que isso, deles retirar dados importantes ligados à representação da sociedade, ou em outros termos, dados que dizem respeito ao mundo real e social que pode ser apreendido ou ‘traduzido’ em discurso e ser ‘revelado’ por um narrador ou sujeito-falante de uma determinada sociedade, em um determinado momento (MACHADO, 2006, p. 105).

Dito isso, iremos basear nossas pesquisas em conceitos e métodos oriundos da AD que podem ser aplicados a outros discursos, como o discurso político, o discurso filosófico, e assim por diante. Vale ressaltar que a escolha de nosso *corpus literário* se justifica pela *transmutação* da realidade de um dado contexto social que pode ser (re)criado em uma obra literária. Não consideramos que a literatura seja um mero documento histórico, porém ela nos permite analisar determinadas situações que ocorreram em uma época social e histórica, bem como será possível analisar, no contexto da obra, como se dá a relação entre os sujeitos, sob a figura de personagens, com as questões sociais que são retratadas no romance. Enfim, encontramos nas palavras de Machado a justificativa pela escolha de um discurso literário, trata-se de: “tentar ver nas entrelinhas desse texto [*o discurso literário*], nos seus explícitos conjugados aos seus implícitos, os anseios e desejos de uma dada sociedade. Os seus sonhos, fantasmas ou devaneios (MACHADO, 2014, p.43). Fechamos os parênteses.

Voltamos, então, ao percurso teórico da *Análise do Discurso*. Pêcheux, nos anos 1960, dá início às teorias que culminaram com a fundação de uma disciplina, nomeada *Análise do Discurso*. Em sua base e primórdios vê-se uma estreita relação entre o discurso, a ideologia e o sujeito.

De acordo com Brandão (2004, p. 16), esta disciplina é considerada por muitos como de linha francesa ou europeia o que a distingue de outra, de linha anglo-americana. A primeira considera importante a inserção do contexto social e histórico nos estudos sobre a linguagem e o discurso. Diferentemente desta, a análise do discurso anglo-americana possui ênfase nas análises das unidades da língua no texto.

A Análise do discurso pècheutiana é chamada por muitos de AD, simplesmente. Outros teóricos a chamam de ADF (análise do discurso francesa) para distingui-la das outras análises de discurso que foram surgindo aos poucos³. No *Dicionário de Análise do Discurso* (2008), Maingueneau assina um verbete intitulado “Análise da Escola Francesa” para falar da corrente em questão. No Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, no qual estamos inscritas, todas as análises criadas por teóricos franceses são consideradas como “análises do discurso de tendência francesa”. Neste trabalho, para evitar confusões, iremos nos referir à Análise do discurso criada por Pêcheux como ADF; e chamaremos AD à todas as outras análises discursivas que virão completar esta pesquisa, inclusive a Semiologia de Patrick Charaudeau.

Para que a ADF pudesse marcar a sua especificidade e sua alteridade e não fosse confundida com a História, com a Sociologia e com a Psicologia, faz-se necessário enfatizar alguns pontos que demarcaram o seu surgimento teórico. Podemos assim, em consonância com Brandão (2004, p. 17) destacar alguns pontos teóricos que foram enriquecedores para a disciplina, quais sejam: o reconhecimento dos embates históricos e sociais como constituintes no discurso; a reflexão de que o delineamento dos discursos produzidos se mostra atrelado às instituições; a noção de que cada discurso possui um espaço próprio na medida que um interdiscurso se configura no interior de cada discurso.

Embora a ADF e a Linguística, segundo Orlandi (2001, p. 19), considerem que a linguagem não seja transparente, cada uma delas tem suas particularidades. Nos pressupostos da ADF, a relação que ocorre entre a linguagem, o discurso e o mundo não é realizada de forma transparente e unívoca. Ademais, a conjugação entre linguagem e história é que produz os sentidos para o discurso e no discurso. De maneira oposta à Linguística que trabalha somente com a língua sem realizar uma relação entre linguagem e mundo, a ADF considera que a linguagem só faz sentido se forem levados em consideração fatos exteriores ao enunciado: o social e o histórico.

Assim como a Linguística, a Psicanálise contribuiu para a ADF na medida em que se tem a perspectiva do deslocamento da noção de homem para a noção de sujeito. Com isso, o sujeito se constitui em uma relação com o simbólico, na história. O sujeito de linguagem é afetado pela língua e também pela história e não tem controle sobre como ocorre esse processo que o afeta. Assim, tanto o inconsciente quanto a ideologia são engrenagens que auxiliam para a constituição do sujeito discursivo.

³ E entre eles, MACHADO (2007, p. 113-114), que tomaremos como ponto de referência para o uso desta sigla.

Dois conceitos são fundamentais para entender a ADF: o de ideologia e o de discurso. Os estudos sobre a ideologia e os aparelhos ideológicos de Althusser influenciaram diretamente os trabalhos de Pêcheux na constituição dessa disciplina, o que pode ser visto, mais especificamente em seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos* (1971). Neste, o autor distingue os *Aparelhos (repressivos) do Estado* dos *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Nos primeiros, o funcionamento ocorre pela violência, física ou mental. Nos segundos, o funcionamento é impulsionado pela ideologia dos seres-comunicantes.

Vale destacar que as ideologias que interpelam os sujeitos são produzidas nos *Aparelhos Ideológicos do Estado* (doravante AIEs). De onde surge tal conceito? Ele surge do filósofo francês Althusser, em 1970. Melhor explicando:

[...] o conceito de aparelho ideológico do Estado (AIE), se apresenta, na época [1970] como uma tentativa para salvar o marxismo do reducionismo economista, segundo o qual a economia seria a única base de leitura para analisar e compreender as relações sociais. [...] Para Althusser, as ideias que pensamos ter escolhido livremente seriam apenas o reflexo dos aparelhos ideológicos do Estado. (YOUSFI, 2016, p. 52)⁴

Entre as instituições que produzem tais aparelhos podemos citar a igreja, a escola, a família, o sistema jurídico, entre outras. A igreja, com seus dogmas acaba por influenciar a mente dos indivíduos que a frequentam e levam demasiadamente a sério tudo o que ouvem de padres, pastores, rabinos, etc.; a escola, por sua vez, também tende a reproduzir um sistema inibitivo ou na melhor das hipóteses, uniformizado, que visa passar conhecimentos, mas, se houver por parte dos alunos, obediência e disciplina, para melhor apreensão das ideias transmitidas. O sistema jurídico dita leis que regulam o Estado e os cidadãos. A família é também um local onde se produzem AIEs que podem marcar seus membros, de maneira positiva ou negativa, conforme os casos.

Uma ideologia, enfim, seria uma forma de pensamento, um credo, que visa influenciar/dominar um indivíduo ou um grupo de indivíduos. Ela pode ter um aspecto religioso, moral, jurídico, político, de posição de classe, etc. Com o intuito de explicar o funcionamento da ideologia, Althusser (1970, apud BRANDÃO, op.cit., p.24) formula três hipóteses que serão absorvidas pelas reflexões e estudos de Pêcheux:

⁴ Nossa tradução de: “[...] le concept d’appareil idéologiques d’État (AIE) se présente à l’époque comme une tentative pour sauver le marxisme du réductionnisme économiste, selon lequel l’économie serait la seule grille de lecture pour analyser et comprendre les rapports sociaux.[...] Pour Althusser, les idées que nous pensons avoir librement choisies ne seraient en réalité que le reflet des appareils idéologiques d’État.”

1. A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência.

Com esse pressuposto, Althusser não considera que a ideologia seja uma representação mimética da realidade. Ela é a maneira segundo a qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, relação essa que ocorre de forma necessariamente imaginária e supõe um distanciamento da realidade concreta. Esse distanciamento poderia ser a causa da alienação no imaginário das condições reais da existência dos homens, os quais, algumas vezes, poderiam não perceber a complexidade de ideologias que os interpelam.

2. A ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas.

Nessa hipótese, a existência da ideologia é material, pois ela se materializa nos atos concretos e nas participações individuais em práticas e rituais que ocorrem no interior dos aparelhos ideológicos. Por exemplo, a ideologia religiosa tradicional só existe porque ela é uma prática entre os sujeitos que nela se inserem e agem conforme seus ditames ou conforme os AIEs da igreja.

3. A ideologia interpela indivíduos como sujeitos.

A função da ideologia é a de transformar indivíduos em sujeitos. Essa constituição se estabelece pela interpelação e pelo (re) conhecimento. Assim, o sujeito insere em si mesmo e, em suas ações, crenças e saberes que se transformam em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Por conseguinte, a ideologia só existe através do sujeito e no sujeito.

Voltemos agora para o outro conceito da ADF, ou melhor dizendo, seu objeto principal de estudo: o discurso. Em consonância com Orlandi (2001, p.15), podemos afirmar que a palavra “discurso” traz a ideia de percurso e de movimento. De tal maneira, o discurso é representativo das palavras em movimento, das palavras na prática da linguagem. A ADF considera que o discurso é uma mediação necessária entre o homem e a realidade social, e é por meio dele que se torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e/ou a transformação do homem e da realidade na qual está inserido. De modo geral, a ADF nos permite refletir sobre o vínculo da linguagem com o mundo. Com isso, o discurso se torna a prática da linguagem e representa, em alguma medida, a mediação do homem com a realidade

social, pois nele é possível perceber a língua e a ideologia produzindo sentidos para/pela pessoa.

O discurso, para Foucault (1969, apud BRANDÃO, 2004, p. 32), é concebido como uma dispersão, ou seja, por elementos diversos. Acreditamos que todo analista do discurso deve estar ciente dessa dispersão e estabelecer as *regras de formação* que vão determinar os elementos que compõem o discurso. Esses elementos são constituídos pelos *objetos* que se transformam e coexistem em um *espaço comum* discursivo; pelos diversos *tipos de enunciação* que podem perfazer o discurso; pelos *conceitos* em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, que são relacionados por meio de um sistema comum; pelos *temas* e pelas *teorias* que são os sistemas de relações entre as diversas estratégias capazes de identificar uma *formação discursiva*. Assim eles dão origem às regras que determinam uma *formação discursiva*, em que o discurso passa da dispersão para a regularidade.

Nas considerações de Foucault, as formações discursivas podem ser compreendidas como “[...] os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, [que] formam um conjunto quando se referem ao mesmo enunciado.” (FOUCAULT, 1987, p. 36). Para o filósofo, a questão se dá quando se tenta entender como apareceu tal enunciado para tal situação ou fato e não um outro em seu lugar. A preocupação está no objeto, na reflexão sobre como surge uma formação de conceitos, como são feitas as escolhas e qual é a sua subjetividade.

Cabe explicitar que, em contraste com Pêcheux, Foucault não trabalha com as lutas de classes nem com a interpelação do sujeito pelas formações discursivas. Mas, isso é compreensível pois cada um dos dois homens tinha ideologias políticas diferentes e além disso, caminhos teóricos/práticos diferentes. Pêcheux estava a fundar uma nova disciplina, a Análise do Discurso e Foucault não estava ligado diretamente a esse trabalho, ainda que, mais tarde, Pêcheux tenha aproveitado alguns conceitos de Foucault, enquanto pensador do fenômeno discursivo.

Assim, Pêcheux desenvolve uma crítica marxista e articula esse pressuposto com uma teoria materialista do discurso. Ele elabora então (com a ajuda de Fuchs) um quadro epistemológico geral da ADF que engloba três dimensões de conhecimento:

[...] o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso, com a determinação histórica dos processos semânticos (Pêcheux e Fuchs (1975) apud BRANDÃO, 2004, p.38.).

A ADF não ignorou que o discurso e sua prática tinham muito a ver com o social, evidentemente. Assim,

Considera-se que o discurso é a linguagem em interação, a linguagem em suas condições de produção, ou seja, a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto são constitutivos da significação do que se diz. Com essa noção de discurso estabelece-se que o modo de existência da linguagem é social e fica entre a língua (geral) e a fala (individual): o discurso é o lugar social. Daí poder-se considerar a linguagem como trabalho (ELICHIRIGOITY, 2007, p. 6).

É possível compreender porque, em certo momento, Pêcheux e seus seguidores foram buscar em outras disciplinas noções e pensamentos que os auxiliassem a analisar o funcionamento do discurso em sua prática social. O resultado foi a plena percepção de que a língua não é um sistema abstrato: ela só pode ser entendida em seu pleno funcionamento na sociedade. Dessa maneira, não se pode excluir o contexto social e histórico em que um discurso foi produzido, pois, assim, não conseguiríamos perceber os efeitos de sentido que um enunciado adquire.

Como bem já o afirmava Volochínov (1981, p. 79), antes da instituição da ADF, a palavra por si só é um signo neutro, ela adquire sentidos no decorrer da história, na maneira como as pessoas a concebem e, por meio dela, criam crenças. Assim, as questões sociais e históricas são determinantes do teor ideológico das palavras e do discurso.

Em suma, o objetivo principal da ADF é o de entender como o sentido é produzido pelo/no discurso. Nessa esfera, torna-se fundamental compreender o funcionamento da tríplice aliança entre discurso, sujeito e ideologia, em que um está interligado ao outro, sendo cabível compreender e estudar o discurso levando em consideração o sujeito que o produz e as ideologias nele presentes.

Veremos a seguir como Pêcheux relaciona esses três elementos e exporemos os conceitos principais que os regem.

1.2 . OS TRÊS MOMENTOS DA AD E DE PÊCHEUX: ALGUNS CONCEITOS PRINCIPAIS

A ADF, como sói acontecer em diversas disciplinas, desde o seu início, passou por diversas contradições que a levaram a evoluir. Assim, desde os primeiros estudos e pensamentos que a fundaram até o presente momento, houve e haverá sempre um processo de

evolução teórica a ela ligado. Ainda sob o domínio de Pêcheux, a ADF passou por três fases teóricas que lhe foram determinantes.

Na primeira fase, quando ela se constituiu como disciplina, Pêcheux (1983, p. 311) considerava que a produção do discurso era realizada por uma estrutura ou máquina discursiva. Desse modo, os traços de um enunciado podiam ser determinados por apenas uma máquina discursiva — o que logo se revelou ser nada mais que um mito, uma utopia —. A análise do *corpus*, nessa fase, buscava selecionar sequências discursivas que seriam dominadas por condições de produções estáveis e homogêneas. Quanto às noções sobre o sujeito, havia a crença de que ele era totalmente assujeitado pelo discurso e, dessa forma, não possuía liberdade nem poder de criação.

De acordo com Pêcheux (ib., p. 316), a análise linguística na ADF se limitava a supor que havia uma homogeneidade enunciativa em cada sequência analisada. Ou seja, não se pensava, ainda, em uma natureza dialógica e contraditória da linguagem e do discurso.

As máquinas discursivas, que eram concebidas como uma estrutura fechada nelas próprias, paulatinamente foram sendo revistas.

Na segunda fase, ao fazer entrar em sua teoria o conceito de Foucault sobre as formações discursivas, Pêcheux pôde reavaliar a perspectiva que tinha sobre os processos discursivos. A partir daí ele passou a considerar que as formações discursivas são atravessadas por outras formações discursivas (doravante FD). Assim, uma FD mantém uma relação paradoxal com seu exterior, uma vez que ela é “invadida” e atravessada por elementos oriundos de outras formações discursivas.

A FD, na ADF⁵, consiste em determinar o que, numa dada formação ideológica, estipula aquilo que pode e deve ser dito. A formação ideológica, por sua vez, pode ser localizada no âmbito dos *Aparelhos Ideológicos do Estado*, ou seja, quando existir um confronto, uma aliança duvidosa ou uma dominação entre uma posição e outras. Basicamente, a FD pode ser interpretada como um conjunto de crenças e saberes que são produzidos e reproduzidos dentro de um AIE, como a formação ideológica religiosa, por exemplo. Dessa maneira, uma FD comporta uma posição determinada e uma conjuntura que está “[...] no

⁵ Nos dias de hoje, o teórico Dominique Maingueneau (2008) passou a definir “formação discursiva” como unidades não tópicas. Para o linguista, o discurso pode ser organizado em unidades tópicas e unidades não tópicas. A unidade tópica são os discursos que estão vinculados a uma instituição determinada, já as unidades não tópicas não têm vínculo com nenhuma instituição. A FD de Pêcheux é considerada por ele como os posicionamentos dentro de um campo discursivo e institucional – as unidades tópicas-. A FD para Maingueneau é compreendida como uma unidade não tópica que servem para caracterizar um discurso que não se refere a uma instituição, como o discurso racista, o discurso colonial e assim por diante. Apesar de muito respeitarmos o trabalho de Maingueneau, nesta dissertação, iremos nos ater à concepção de formação discursiva seguindo Pêcheux.

interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes” (ELICHIRIGOITY, 2007, p.3). Por conseguinte, trata-se de uma condição de produção específica, que ocorre em um contexto social, histórico e ideológico particular.

Nas formações discursivas – e no uso geral da língua – o sentido de uma palavra não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas que atuam no processo social e histórico no qual as palavras são produzidas. As mesmas palavras podem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e, do mesmo modo, as palavras “literalmente diferentes” podem ter o mesmo sentido no interior de uma mesma formação discursiva. De acordo com Orlandi (2001, p. 43), o discurso adquire algum sentido na medida em que o dito do sujeito se inscreve em uma formação discursiva e não em outra. Por consequência, será a ideologia que determinará o sentido de um enunciado.

Consideramos, como Pêcheux (1995, p. 133-159), que ideologia não é algo constituído somente por ideias; ideologia implica também uma prática, uma prática significativa que aparece como o efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história. A ideologia, segundo o criador da ADF, fornece os saberes por meio dos quais os sujeitos conhecem “o que é/ quem é” e “como deve ser” algo ou alguém que ocupa uma posição social. Será por meio da ideologia que determinará esses lugares, que o sujeito saberá distinguir as diferenças entre patrão e funcionário, entre professor e aluno, bem como saberá que, neste mundo, há uma exigência de base: cada lugar exige um tipo de comportamento. Por exemplo, em casa, com a família, um profissional não irá adotar o mesmo comportamento e repetir os mesmos assuntos que são habituais em seu local de trabalho. Em suma, diante dessas reflexões, consideraremos que a ideologia, toda ideologia, carrega consigo um conjunto de conhecimentos que se referem às questões de identidade, comportamento, posição social e assim por diante.

No entanto, concordamos também com o pensamento de Charaudeau (2006, p. 192-196), quando o linguista considera que a ideologia poderia ser vista em termos de *imaginários sociodiscursivos*, já que o sintagma “ideologia” traria em si um sentido histórico marxista ligado à luta de classes. Na perspectiva charaudiana, os *imaginários sociodiscursivos* podem ser compreendidos por meio dos mais diversos saberes compartilhados nas representações socioculturais de um grupo sobre o mundo, o espaço, o tempo, os indivíduos, os comportamentos e os valores.

As crenças e os costumes de uma cultura, de um povo são muitos e variados e fazem parte do dia a dia desse determinado conjunto de pessoas. Mais que isso: eles permitem

identificar a identidade de um povo, de um país, de uma classe social. E ainda: crenças e costumes são portadores de ideologias, isso é lógico, conforme a visão de mundo de um dado conjunto de sujeitos. Por conseguinte, existem diversas ideologias, e o sujeito se enquadra naquelas que ele considerar compatíveis com sua identidade, ou em algumas situações ele é interpelado por elas. Assim, as ideologias têm sentidos para os sujeitos, uma vez que elas representam as identificações que o sujeito tem de si e do mundo.

Pêcheux (1995, p. 157), à luz de Althusser, afirma que a ideologia recruta os indivíduos para que estes se tornem sujeitos. Seguindo este raciocínio, poderíamos ver a presença da ideologia no conjunto de características que respondem ao sujeito: “-Quem sou eu?”, no qual somente o “eu” poderia afirmar e dizer “sou eu”. Nesse sentido, o indivíduo é desde sempre interpelado pela ideologia a se tornar um sujeito.

Na constituição do sujeito há o esquecimento da causa que o determina. Para explicar isso, Pêcheux (ib.) utiliza algumas metáforas, como o “efeito Münchhausen”, em que um barão imortal se elevava puxando-se pelos próprios cabelos, e um desenho em que há duas mãos e que uma desenha a outra no mesmo papel. Essas metáforas são destinadas a fazer entender o apagamento necessário, ou seja, que o sujeito é uma “causa de si” um “sempre-já-sujeito” (ib.).

Citemos outro exemplo da interpelação da ideologia reproduzida por Pêcheux (1995, p.157): o comportamento de um soldado. Segundo ele, é de conhecimento da maioria das pessoas que o soldado “precisa” ser corajoso, sério, comportado e não pode recuar diante do perigo e da guerra. Assim, é por meio do *hábito* e do *uso* desses saberes sobre a atitude/o modo de ser do soldado que a ideologia determina *o que é e o que deve ser* de algo ou alguém (ib.).

Comprendemos que essa interpelação pode ocorrer desde o nascimento do indivíduo, a partir do qual os costumes são passados à criança por seus familiares ou por aqueles que a cercam e criam. As escolhas de roupas, brinquedos e passeios representam, em alguma medida, uma interpelação/imposição de crenças. Mesmo que a criança, ao se tornar adolescente ou adulta, mude seu modo de pensar e venha a realizar escolhas diferentes daquelas feitas por seus pais, ela não estará isenta de uma ideologia, segundo Pêcheux, ou de um imaginário sociodiscursivo, segundo Charaudeau. Haverá, desse modo, um deslocamento de uma ideologia para outra. A identidade de um sujeito ocorre por identificações com um exterior, com um conjunto de características, comportamentos e pensamentos que determinam

as diferentes nuances da identidade. Destarte, a identidade é um processo contínuo e incompleto.

Por vezes, será esse processo de identificação com ideologias adquiridas e conservadas no âmago de um sujeito que delineará sua identidade e poderá gerar conflitos no interior do mesmo sujeito. Como exemplo, podemos citar a aflição do protagonista de *Vidas Secas*, Fabiano: ora ele se posiciona — internamente, em seus pensamentos, que nos são apresentados pela perspectiva do narrador que dele fala na terceira pessoa — como alguém revolucionário, que quer mudanças, quer lutar, está até disposto a matar, para que cessem as injustiças no sertão brasileiro. No entanto, seus pensamentos diferem de suas ações: ele se conforma, submete-se às violências físicas e morais vindas da polícia, do patrão, do governo, e aceita tudo isso. Com isso, podemos perceber que ele não possui uma identidade única: há aquela que pensa e quer agir e a que aceita a infâmia e não age. A identidade não é completa e unânime a uma única ideologia, a um só pensamento, uma só crença. Trata-se de um processo complexo, contraditório e heterogêneo. Como podemos perceber em um dado trecho no qual o protagonista sente desejo de vingança por ter sido preso pelo personagem soldado amarelo:

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia a cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha (RAMOS, 2010, p. 37).

Com base nesse excerto, inferimos que no íntimo do personagem há uma heterogeneidade de ideologias e de crenças. Em um primeiro momento, Fabiano tem um pensamento de consideração pela família como sendo mais importante que o desejo de vingança contra o soldado amarelo. Ele sustenta, desse modo, a crença de que ele, como pai e esposo, deve estar sempre ao lado de seus filhos e de sua esposa. Além disso, a instituição familiar emerge também como uma prisão ideológica para ele, já que ele se sente como um “novilho” amarrado. Assim, a situação de ele ter uma família, impede que ele entre no cangaço e faça justiça com as próprias mãos. Trata-se, pois, de um impedimento ideológico, já que, se ele assim o quisesse fazer, ele poderia.

Em um segundo momento, Fabiano alimenta pensamentos de vinganças, fica elaborando planos como forma de fazer justiça e até cogita entrar para o cangaço. Nesse

ponto, ele sustenta uma outra crença: a de fazer justiça com as próprias mãos. Porém, novamente a lembrança da família surge e acalma o pensamento violento do protagonista. Em resumo, podemos compreender que no âmago de Fabiano existem, nesse trecho supracitado, no mínimo duas crenças distintas: a da importância da família e a da justiça feita com as próprias mãos que o cangaço permitiria. Por conseguinte, a identidade no íntimo do personagem é difusa e heterogênea de ideologias. No entanto, em seu exterior, nas ações e nos posicionamentos em seu meio social ele escolhe a ideologia familiar para representar a imagem de si e para moldar a identidade que deseja apresentar aos outros.

A ideologia configura, pois, o sentido das palavras. De acordo com Pêcheux (1995, p. 146), a palavra sozinha não traz em si um sentido único e inalterável, já que uma mesma palavra poder adquirir sentidos diferentes em formações discursivas opostas. Como também palavras diferentes podem ter o mesmo sentido conforme uma formação discursiva determinada. Com o intuito de elucidação, voltamos a evocar um exemplo de nosso *corpus*: a palavra “bicho” adquire diversos sentidos para o personagem Fabiano, o protagonista principal da história que estudamos. Quando ele associa a palavra a uma FD que considera os bichos como animais altamente adaptáveis e passíveis de sobreviver a diversas situações na natureza, “bicho” adquire um teor positivo para Fabiano. Porém, quando ele a associa a uma FD que considera “bichos” como seres inferiores aos seres humanos — visto que são irracionais, não prosperam e não adquirem bens materiais ao longo da vida — notamos um teor negativo e pejorativo da palavra. Assim:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito [...] (RAMOS, 2010, p. 18 – p. 19).

Como já vimos, o sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina, isto é, a ideologia interpela o indivíduo a se tornar sujeito. Sempre segundo Pêcheux, é com as

formações discursivas que o indivíduo se transforma em sujeito do seu discurso. Diante da interpelação da FD, o sujeito é exposto a dois esquecimentos no âmbito do discurso. O primeiro se dá na dimensão ideológica, na qual o sujeito tem a ilusão da originalidade de suas palavras, sem ter a percepção de que o discurso é uma retomada de diversos outros já ditos. O segundo ocorre na dimensão discursiva e produz a ilusão de que o que é dito só pode ser realizado de uma maneira, e não de outras formas ou com outras palavras (PÊCHEUX, 1995, p. 161-163).

Dito isso, compreendemos a relação complexa do sujeito com o discurso. Ademais, diante da FD, segundo Pêcheux, o sujeito tem três modalidades de tomadas de posição. Nessas modalidades, o sujeito se desdobraria em sujeito individual e sujeito universal. O universal pode ser compreendido como *forma sujeito*, que é determinada pelos saberes de uma dada época, a saber: sujeito capitalista, sujeito de direito, etc. Ele é fruto das ideologias da formação discursiva. Pensemos, dessa forma, como o sujeito “modelo” que representa a prática da FD.

Na modalidade do “bom sujeito”, o sujeito individual se identifica plenamente com a forma sujeito da FD e só teria a liberdade de “reduplicar” a identidade do sujeito universal dela. Na modalidade do “mau sujeito”, por sua vez, o sujeito individual se contrapõe ao universal da FD e pode levantar dúvidas, questionamentos, distanciamentos e contestações. Assim, não ocorreria uma identificação com a FD em questão, mas com outras (ib., p. 175 – 177). Em resumo, podemos compreender que o sujeito sofre uma tensão entre a liberdade e a submissão que a FD desencadeia em seus pensamentos e discursos. Não há um assujeitamento total de um sujeito a uma FD. Isso porque há sempre uma margem de liberdade para o sujeito, uma liberdade para criar, evoluir e contestar.

Para se pensar nos efeitos de sentido da FD, há que se levar em conta a posição do sujeito e as condições de produção. E aqui já estamos na 3ª. fase da ADF. Mas antes de prosseguirmos, apresentamos de modo resumido, as três fases da ADF, aqui resumidas por Machado:

1. A chamada AD1, com a exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural (PÊCHEUX, 1990, p. 311).
2. A AD2, que trata da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual (ib., p. 313).
3. A AD3, com a emergência de novos procedimentos da AD, pela desconstrução das maquinarias discursivas (ib., p.315) (MACHADO, 2014, p. 78-79)

Segundo a supracitada pesquisadora, a primeira fase (Análise Automática do Discurso) mostra como proceder para uma análise de arquivos,

[...] com base em uma compilação de enunciados que determinaria a incidência dos sentidos produzidos em dado discurso, considerando aspectos de suas condições de produção, associados à recorrência desses enunciados nos arquivos. (op.cit., p. 79)

Já a segunda fase ocorre quando Pêcheux introduz em sua teoria as noções de formação discursiva e de interdiscurso.

Na terceira fase, sempre segundo Machado (op.cit.), Pêcheux adota noções de heterogeneidade e de espaços da memória discursiva. Tais elementos passam a ser constituintes do sujeito e de sua emergência nos discursos.

A Teoria de Pêcheux sofre, pois, reformulações que lhe trazem uma maior amplitude de conceitos e que a tornam mais manejável, para os diferentes *corpora* que a ela serão submetidos por diversos pesquisadores. Entre estes, não podemos deixar de destacar, entre outros, o trabalho da linguista Eni de Lourdes Puccineli Orlandi, no Brasil.

Assim, para esta pesquisadora, a posição social e a identidade do *sujeito-falante* podem determinar a relação de força do discurso entre os sujeitos presentes na comunicação (PÊCHEUX, 1995, p. 141-149). As condições de produção são constituídas por duas dimensões: uma restrita e a outra, ampla. Na dimensão restrita, vemos o contexto de enunciação imediato, em que temos os *sujeitos-falantes* em uma dada situação. Na dimensão ampla, por outro lado, são inseridos elementos relevantes no que diz respeito aos dados sociais, aos históricos, aos imaginários sociais e aos ideológicos (ORLANDI, 2001, p. 30-31). Em suma, para interpretar os sentidos de uma FD, faz-se necessário levar em consideração a identidade do sujeito, o explícito e o implícito do enunciado, bem como as informações contextuais da produção do discurso.

Para o precursor da ADF, a FD (seja ela qual for) dissimula “[...] pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘*todo complexo com dominante*’ das formações discursivas[...].” (Orlandi, 2001, p. 148). Esse “todo complexo com dominante” é o interdiscurso. Ele representa algo que já foi dito antes e em outro lugar (ib.). Orlandi vê o interdiscurso como a memória acionada na produção do discurso, ou seja, ele é

[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído” (ORLANDI, 2001, p. 31).

O interdiscurso é reproduzido pelos sujeitos através de paráfrases, que representariam a mesma concepção e formulação discursiva de um mesmo tema. São palavras ou formulações diferentes para se dizer a mesma coisa. Com o uso discursivo da polissemia, há uma ruptura e um deslocamento sobre o tema. Trata-se, portanto, de um caminho inverso ao da paráfrase. Poderíamos considerar que são palavras parecidas que, em alguns enunciados, inscrevem-se em formações discursivas diferentes.

Com esse pressuposto de que o interdiscurso consiste em ditos já evocados em outros discursos, lembramos os estudos de Bakhtin sobre a linguagem. Ao apresentar a noção de dialogismo⁶, o autor corrobora a ideia de que os já-ditos compõem o discurso. Nesse âmbito, é possível compreender que os discursos não são originais e homogêneos, mas, sim, constituídos de diversos dizeres que foram e são proferidos em diferentes situações e épocas.

Ao refletir sobre a natureza dialógica do discurso, Fiorin (2006, p. 18), afirma que o discurso ocorre pelo entrelaçamento de dois ou mais enunciados. Dessa maneira, ele sempre é atravessado pelo discurso alheio. Quando o *sujeito-falante* produz um discurso, automaticamente são evocados diversos outros *já ditos* sobre o assunto, tema ou problematização. Por conseguinte, todo enunciado é heterogêneo, já que é transpassado de múltiplas vozes.

1.3 . A HETEROGENEIDADE DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Se o discurso é dinâmico e dialógico, assim também são as formações discursivas, pois elas não são fechadas em si. Pelo contrário, elas dialogam e se contradizem, de modo a não existir uma formação discursiva pura que não se contamine ou não seja atravessada por diversas outras perspectivas, como bem afirma Pêcheux:

É necessário [...] definir a relação interna que ela [*formação discursiva*] estabelece com seu exterior discursivo específico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelas quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 254). (Complemento nosso).

⁶ Conceito que iremos desenvolver mais adiante.

Se na primeira fase da AD, Pêcheux considerava que as formações discursivas eram fechadas e homogêneas, neste fragmento vemos que ele já dotava sua teoria da complexidade heterogênea que constitui uma FD.

Insistimos no fato de que uma FD é atravessada e invadida por elementos que são de outras FDs. Em nossa pesquisa, temos o objetivo de entender e verificar como as vozes ideológicas, sejam elas morais ou não-morais, estão presentes em uma FD e como elas podem exercer uma forte influência no silenciamento do protagonista principal do romance *Vidas Secas*.

Assim, perceber como outras vozes transpassam as FDs nos levará a compreender que “[...] uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambiguidade ideológica, de divisão, de resposta pronta e de réplica ‘estratégicas’ [...] (PÊCHEUX, 1983, p. 314)” podem estar presentes em uma FD.

Com a evolução e o desenvolvimento das pesquisas na AD, é possível investigar os pontos de vista e os lugares enunciativos que estão presentes no discurso. Os discursos não são concebidos mais como um círculo fechado, mas, sim, como uma interação em espiral, na qual interagem diversos entrecruzamentos, associações e dissociações de pontos de vista (ib. p. 318) no processo discursivo. Nesse sentido, no interior de uma FD, existem discursos pertencentes a outras FDs e que, em algumas vezes, são contraditórios.

Como já vimos, o sujeito ocupa modalidades de tomada de posição referente a uma FD, nas quais pode haver uma identificação plena ou uma contraposição ao sujeito universal. Há também uma terceira modalidade, — que não citamos anteriormente — na qual ocorre um deslizamento e uma não-identificação com uma FD, para depois ocorrer uma identificação com outra FD (ELICHIRIGOITY, 2007, p.10). Cabe lembrar ainda que, na ótica da heterogeneidade da FD, não se pode pensar em uma homogeneidade em tomadas de posições, pois o sujeito sofre um desdobramento ao se relacionar com as ideologias. Assim, podemos pensar em uma fragmentação na forma de o sujeito se posicionar diante de uma FD.

Em síntese, no íntimo de um sujeito, compreendemos que há uma oposição, uma luta de pensamentos, de ideologias, de pontos de vista. No discurso, podemos analisar essa heterogeneidade e a presença de discursos que, ora se assemelham, ora são conflitantes, visto que não há um ponto de vista ou uma posição ideológica unificada e homogênea. O discurso, por consequência, é tomado e atravessado por posições e ideologias semelhantes e contraditórias. Em nosso *corpus* analisaremos, pois, como o discurso do protagonista é atravessado por pontos de vista que se contradizem, por diversas tomadas de posições.

Segundo Mesquita e Rosa (2010, p. 131-139), a heterogeneidade das formações discursivas pode ser analisada pelo funcionamento dos elementos interdiscursivos. Chegamos, assim aos estudos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade enunciativa.

1.4. VISÃO PANORÂMICA DO CONCEITO DE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA, SEGUNDO AUTHIER-REVUZ

As vozes que permeiam e contaminam o discurso foram objeto de estudo da linguista Authier-Revuz, a partir dos anos 80. Para a teórica, na relação entre o sujeito e a linguagem, o exterior se torna essencial para a prática discursiva, já que “[...] o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Consideramos que o exterior do sujeito é formado pelos *outros ditos já ditos*.

O exterior constitui o discurso e “[...] sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso [...]” (Ib. p. 28). O discurso é naturalmente entrecruzado de outras vozes, outros dizeres.

Para desenvolver o conceito de heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz baseia suas pesquisas no dialogismo bakhtiniano e na psicanálise. No primeiro, o discurso é construído e atravessado por diferentes outros discursos que podem convergir ou divergir. Ou seja, é com base em diversos outros discursos já ditos que o discurso do sujeito se constitui; esses outros discursos funcionam como um “exterior constitutivo” para tal (ARAUJO, 2015, p. 17). Desse modo, nenhum discurso é homogêneo, já que todo discurso é perpassado por diversos outros dizeres que se assemelham ou se contradizem.

A psicanálise, por outro lado, sustenta o conceito de heterogeneidade na perspectiva da releitura lacaniana de Freud, que aborda a relação do sujeito com a linguagem, na qual o discurso é permeado pelo inconsciente. As manifestações do inconsciente são identificadas nos atos falhos, nos sonhos, na fala do corpo por meio de palavras, metáforas, alusões, intertextualidades, humor e ironia. A fala do sujeito é, pois, heterogênea por ter ideias do discurso consciente permeadas pelo discurso do inconsciente. Além do mais, é recorrente que o sujeito esqueça a heterogeneidade de seu discurso, acreditando que ele seja o criador de seu enunciado (ARAUJO, 2015, p. 18–32).

Authier-Revuz (1990) divide a heterogeneidade enunciativa em duas: a constitutiva e a mostrada. A constitutiva refere-se ao fato de que não há um discurso único, individual; todos eles se imbricam e se fundem no âmbito dos usos linguageiros. Todo discurso assim é formado por outros, pelo *déjà dit* ou por discurso *já ditos*, imaginados ou a serem ditos. No entanto, há a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, pois, de maneira geral, ele desconhece a natureza heterogênea do discurso.

A heterogeneidade mostrada é a forma explícita da presença de outros discursos no que se enuncia. O sujeito-falante tem a consciência que há dizeres de outros em suas palavras. Nessa perspectiva, a voz do outro se apresenta por meio de marcas visíveis no fio do discurso, tais como a utilização das aspas, do discurso direto, de itálico, dos parênteses, entre outros. Estes empréstimos da “voz” ou da “palavra” do outro, fica visível na superfície do texto e revela sua alteridade que, por conseguinte, cria um mecanismo de distância com os dizeres alheios.

Ao lado da heterogeneidade marcada existe também a não-marcada, ou seja, aquela em que os enunciados do outro não apresentam visibilidade explícita, tais como o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, a metáfora e a imitação. Essa forma de heterogeneidade demanda ao receptor o reconhecimento e/ou a interpretação da presença do outro no fio do discurso (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 134-135).

Ambas as formas de heterogeneidade, a constitutiva e a marcada (e também a não-marcada), não se excluem, pois elas são indivisíveis e estão atreladas umas às outras. Em um discurso em que há a heterogeneidade marcada, o sujeito tem o objetivo e a certeza de que alguns enunciados não são de sua autoria ali e agora, e, por isso, atribui e marca a voz do outro. Contudo, há o esquecimento de que todo o seu discurso é um conjunto de interação de diversos outros discursos já ditos.

No entanto, acreditamos que a heterogeneidade marcada seja necessária para se evitar plágios e criações do outro em nossos discursos. É por isso que um trabalho como o desta dissertação tem tantas citações que creditamos a outros autores. Enfim: vivemos em um mundo onde o discurso é construído por diversas vozes que se interpelam o tempo todo, mas guardamos ainda a ilusão – mesmo ao usar a heterogeneidade marcada – de que temos uma certa originalidade...

Esse estudo sobre a heterogeneidade passa a fazer parte na noção de formação discursiva, na já citada fase três da ADF, pois admite a presença do outro no discurso e no

sujeito. Desse modo, o sujeito que era nas fases anteriores da ADF, considerado como puro efeito do assujeitamento, passa a ser um sujeito clivado, dividido e perpassado pelo exterior.

Enfim, percebemos que o discurso, em geral mostra-se sempre perpassado por diversos outros, que trazem o eco de outras vozes, de outras ideologias, de outras crenças, de outras atitudes face ao mundo da linguagem.

Diante disso, sentimo-nos na obrigação de evocar o conceito de Dialogismo, de Bakhtin (1975). O mestre russo, como já foi dito, considera que todo discurso dialoga com outros enunciados, com outros *já ditos*. Doravante, iremos apresentar algumas considerações sobre o dialogismo e a polifonia bakhtiniana com o intuito de compreender a natureza dialógica do discurso. Aliás, foi analisando concepções de Bakhtin que Authier-Revuz conduziu seus estudos sobre a heterogeneidade enunciativa.

1.5. O DIALOGISMO E A POLIFONIA DE BAKHTIN: AS VOZES QUE ECOAM NO SUJEITO E NO DISCURSO

A concepção do dialogismo na perspectiva de Bakhtin se dá na compreensão de que quando o *sujeito-falante* produz um discurso, automaticamente, ele evoca diversos outros *já ditos* sobre o assunto, tema ou problematização que se enuncia. Por conseguinte, todo enunciado é heterogêneo, já que é transpassado por múltiplos discursos e estes são essencialmente dialógicos.

O enunciado não existe exteriormente às relações dialógicas dos discursos, dado que ele é constituído justamente por esse diálogo. Nele, sempre estarão nuances, alusões e lembranças de outros enunciados, a respeito dos quais ele concorda, confirma, completa, refuta, isola e/ou contradiz. Com essa perspectiva de que o discurso se constitui a partir de outro discurso, há que se considerar que existem, no mínimo, duas vozes em sua existência. Por mais que elas não estejam explícitas no fio do discurso, elas estarão sempre nele presentes. Isso porque o enunciado revela duas posições: a que se enuncia e a oposição à qual ela é construída (FIORIN, 2006, p. 21).

O discurso se apresenta como um produto da inter-relação entre os discursos e os sujeitos. Todo enunciado é penetrado pelo exterior, de modo que não existe palavra neutra, já que ela é carregada de outros dizeres e de imaginários. Ao longo de sua existência, elas são

carregadas de sentidos. De tal maneira, o dialogismo é a base do sentido, pois este se dá justamente pelo entrecruzamento de diversos discursos (ARAÚJO, 2015, p. 30).

Segundo Bakhtin (2002, p. 86), existem diversos dizeres sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema, que circulam na sociedade. O objeto do discurso está “amarrado” e “penetrado” por amplas ideias, por pontos de vista, por julgamentos alheios. Assim, o enunciado adquire múltiplos “fios dialógicos” que surgem de vários momentos sociais e históricos, que evoluem, que se repassam, que se transformam e que se repetem ao longo de sua existência. Nesse sentido, há uma interação complexa entre os diversos pontos de vista, referentes a ideias e julgamentos. Eles se entrelaçam e se contradizem. Alguns se isolam e se amalgamam, outros se cruzam. Por conseguinte, todo esse “jogo” complexo entre os dizeres ou jogo que envolve a linguagem – de modo substancial e constitutivo - é aquele que forma o discurso.

Todo discurso tem em vista o interlocutor e, por consequência, o orienta para uma resposta futura. Diante disso, Bakhtin afirma que o discurso constitui uma influência implícita de resposta antecipada no que se anuncia, o que torna todo discurso vivo, já que “[...] o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado” (ib., p. 89). Nessa ótica, todo discurso é direcionado para o interlocutor. Devido a esse direcionamento, o discurso que é social e alheio, individualiza-se no processo de mútua-interação entre os já ditos e a subjetividade do interlocutor. De acordo com Bakhtin:

[...] sua orientação [*a do discurso*] para o ouvinte é a orientação para um círculo particular, para o mundo particular do ouvinte, introduzindo elementos completamente novos no seu discurso: pois para isto concorre a interação dos diversos contextos, diversos pontos de vista, diversos horizontes, diversos sistemas de expressão e de acentuação, diversas "falas" sociais. O falante tende a orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, entrando em relação dialógica com os aspectos deste âmbito. O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no, território de outrem, sobre o fundo perceptivo do seu ouvinte (BAKHTIN, 2002, p. 91).

Podemos pensar no uso da primeira palavra como uma constante espiral em movimento e seu princípio estaria no “Adão mítico” (BAKHTIN, 2002)⁷, no qual os primeiros ditos se somariam aos demais dizeres de outros seres e constituiria assim um encadeamento de discursos sobre o mesmo tema ou objeto. Não pensamos em um círculo, pois o discurso é todo ele movimento, movimento dinâmico e complexo. O discurso é

⁷ Segundo Bakhtin, somente o Adão mítico não teria sofrido a influência de outros dizeres, uma vez que ele seria o pré-enunciador.

naturalmente dialógico, visto que ele se encontra com os outros discursos, dialoga, contradiz, participa... Trata-se de um processo essencialmente dialético entre o social, o externo e o subjetivo do sujeito que origina o que chamamos “um discurso”.

Nesse sentido, podemos considerar que nenhum discurso é essencialmente único e original, uma vez que todo e qualquer enunciado é influenciado por diversos outros dizeres. Dizeres esses que podem ter sido produzidos em diferentes espaços, épocas e regiões. Contudo, não podemos simplificar o dialogismo ao afirmar que todos os discursos são iguais. Não se trata disso, afinal, por mais que os discursos não sejam totalmente unívocos e sejam embebidos de outros enunciados, o contexto de produção é que vai delimitar e constituir um sentido particular para cada discurso. Além do mais, como veremos mais adiante, os discursos sociais se tornam individualizados para o sujeito, principalmente no âmbito do estilo que ele assume ao se pronunciar.

De acordo com Bakhtin (ib., p. 98), em cada contexto social e ideológico coexistem dizeres que são específicos à sua época. Cada momento tem a sua conjuntura social e ideológica. Em consonância com o Mestre russo, para Fiorin (2006, p. 22 -23), o discurso que se enuncia é carregado de emoções e juízos de valor. Portanto, são dotados de crenças, opiniões e ideologias. Sem um autor e um contexto para a produção do enunciado, as palavras são neutras, mas quando inseridas em uma conjuntura social elas adquirem sentidos e valores.

Abrimos aqui um parênteses. Como foi dito na *Introdução*, embora o foco desta pesquisa seja o romance *Vidas Secas* de G. Ramos, iremos utilizar fragmentos de alguns de seus outros escritos a título de ilustração, em nossos exemplos. Isso porque o “eu” de G. Ramos autor e sujeito-enunciador, determinado por sua ideologia política sempre predominou em sua obra. Como uma dissertação não oferece espaço para a análise completa desta, vêm daí esses fragmentos de outros livros seus (que *Vidas Secas*) que aqui vão aparecer, à guisa de exemplo para as teorias com as quais trabalhamos. Fechamos nossos parênteses.

Com esse intuito de elucidação, podemos atentar-nos ao romance autobiográfico de Ramos, *Infância* (1945), no qual autor narra as suas lembranças de quando era uma criança. É possível perceber que essa narrativa de vida se torna um discurso sobre as injustiças que ocorriam com ele e com outras pessoas que conviviam em seu meio. Não se pode ler *Infância* como se fosse um livro contendo lembranças ingênuas do romancista. Em sua narrativa, verifica-se um entrecruzamento das memórias infantis com o ponto de vista, a visão de mundo do autor imanente à época da escritura do romance. Somos levados a compreender que possivelmente o autor se utiliza dessas memórias para (re)afirmar — ou até mesmo, analisar

— seus posicionamentos atuais (à época em que ele escreveu a narrativa de vida) acerca de determinado tema. Será então, por sua vez, possível observar manifestações de diversas vozes sociais nos posicionamentos revelados nas memórias de Ramos.

Segundo as afirmações de Machado (2014a, p.112), em uma autobiografia ou narrativa de vida há um encontro entre o “eu” do passado com o “eu” do presente. Nesse entrelace entre os dois “eus” do autor, observamos múltiplas vozes que dialogam no discurso narrativo, vozes sociais que são incorporadas no âmago do sujeito e que podem revelar consciências ideológicas do autor.

Somente a título de ilustração, tomando por base o que foi dito, iremos citar um excerto do capítulo *Vila*, do livro *Infância*, no qual o autor nordestino narra uma lembrança:

Espantaram-me a desconsideração e a frieza que envolviam essas criaturas. Não me capacitava de que a moça bonita, cheirosa, engomada, fosse de qualquer maneira inferior a d. Águeda de seu Acrísio, magra e pontuda. Também me parecia injusto dar ao velho Quinca Epifânio, engelhado e faminto, mais valor que a seu Afro, robusto e alegre. O juízo dos homens era esquisito. Bem esquisito. Contudo esse julgamento absurdo acompanhou-me. Fixou-me, ganhou raízes. Indigno-me, quero extirpá-lo, reabilitar seu Afro e d. Maroca. Duas pessoas normais [...] (RAMOS, 2008, p. 49).

Nesse trecho do romance, Ramos se posiciona diante do julgamento das pessoas representadas ficcionalmente, pelos personagens de d. Maroca e Afro. Esses personagens são casados, mas o casal vive um romance com outro homem, que no livro é identificado apenas como “compadre”. Por apresentarem um comportamento que vai contra os costumes da sociedade onde viviam, acabam por se tornar vítimas do preconceito.

Consideramos que o discurso do autor repugna o preconceito das pessoas no que diz respeito ao modo de vida do casal. Entretanto, esse não é o primeiro nem o último discurso que vai de encontro ao preconceito. Vários outros enunciados já foram ditos em situações e épocas diferentes. Em contrapartida, esse discurso também é atravessado por outro, que considera que a forma de uma família padrão deve ser construída por um casal: esposo e esposa. Inferimos também outro discurso, que considera que pouco importa a forma como a família é constituída, visto que todos os homens devem ser respeitados de maneira igual. Diante desses discursos que compreendemos estarem presentes no trecho extraído do romance, mesmo que de maneira velada e aludida, o autor se posiciona quanto ao preconceito com os seguintes dizeres:

“[...] fosse de qualquer maneira inferior [...]”
“Também me parecia injusto[...].”

“O juízo dos homens era esquisito. Bem esquisito. ”
“[...] julgamento absurdo[...]”
“Indigno-me [...]”
“Duas pessoas normais. ” (RAMOS, G. *Infância*, 2008)

Essas palavras e juízos de valor não são propriedade exclusiva de Ramos. Em algum dado momento e em algum lugar, elas já foram usadas por outros sujeitos. Porém, se pensarmos nos enunciados sem seu contexto, veremos que eles não têm sentido, mesmo já tendo se formulados anteriormente. O que queremos dizer é que esses dizeres, que circulam socialmente, foram internalizados por Ramos e têm um sentido específico para um dado momento: o da construção de seu livro *Infância*. Dentre os múltiplos pontos de vista que existem sobre o padrão familiar e que circulam pelo mundo, o autor recrutou para si a opinião de que é injusto julgar as pessoas por suas decisões pessoais e amorosas e fez uso desse juízo de valores para expressar seu posicionamento.

Nessa perspectiva, há uma FD que aparece sob a forma da família tradicional com seus valores arcaicos, FD esta que se entrecruza com outra mais liberal quanto à estrutura familiar. Atravessando essas formações discursivas percebemos alguns discursos que já foram enunciados e ainda circulam na sociedade. Pensamos, pois, na ideologia, ou na crença de que os seres humanos são iguais e não seria a sua orientação sexual, seu gênero ou sua etnia que determinaria a inferioridade do sujeito, e que geraria seu desprezo diante dos demais. Também podemos inferir o ponto de vista que considera que não é justo nem bom, o ato de realizar julgamentos morais de outrem.

Nesse sentido, somos levados, então, a analisar que essas ideologias surgiram em contraponto a uma ideologia existente. Ou seja, a existência de uma crença de que não há seres humanos inferiores a outros, pressupõe que em algum dado momento, houve, ou há, uma prática discursiva sobre a inferioridade aplicada à etnia, ao gênero ou à orientação sexual.

Como ilustração de discursos nos quais suas práticas consistem em enunciar sobre a inferioridade de alguns em detrimento de outros, podemos pensar na crença de que a mulher é inferior e por isso deve ser submissa ao homem, ou que os homossexuais são desprezíveis em relação aos heterossexuais. Podemos ainda fazer uma alusão às práticas discursivas que envolveram o holocausto, na Segunda Guerra Mundial, na qual os judeus foram considerados inferiores à uma raça pura, a dos alemães (não judeus).

Enfim, são milhares de fios ideológicos que sustentam uma posição, um ponto de vista e/ou uma FD. Daí, compreendemos o todo complexo do dialogismo que é constitutivo do

discurso. Seria impossível pensar na linguagem como um sistema fechado em si mesmo, pois toda palavra é carregada de sentidos e ideologias que o outro transporta.

Nas lembranças de Ramos, os discursos que existem sobre o preconceito são transportados para um contexto específico que envolve Seu Afro e D. Maroca. Nessa situação particular, os discursos sociais não individualizados para expor o ponto de vista do romancista sobre o ocorrido. Podemos entender que esse posicionamento se dá na idade da escritura da autobiografia e não necessariamente no dado momento narrado da infância. Nesse sentido, há um constante diálogo entre as vozes da memória do passado e as vozes do ponto de vista atual⁸ de Ramos. Ao fazer emergir as vozes da infância no romance, elas são atravessadas pelas vozes do posicionamento atual, que, por sua vez, é perpassado de vozes alheias e *já ditos* que constituem o discurso do autor.

Voltemos, pois, para o dialogismo enquanto jogo dialético entre as vozes sociais e a constituição do discurso e do sujeito. Como preconiza Fiorin (2006, p. 28), o sujeito bakhtiniano não é totalmente assujeitado aos discursos existentes, uma vez que ele encontra o espaço para sua liberdade e para sua incompletude. A individualidade de cada sujeito estaria na “interação viva das vozes sociais” e da escolha dessas vozes. O sujeito é, portanto, individual e social.

A subjetividade do sujeito é construída pelo/no conjunto da interação social do qual ele participa. Assim como o discurso, o sujeito é essencialmente constituído pelo outro, ou seja, o sujeito e o discurso são naturalmente heterogêneos. O sujeito é instituído pelas múltiplas vozes que interagem no meio social que o circunda, e impregna-se não somente de uma voz, mas de diversas delas. No âmago do sujeito há uma heterogeneidade de vozes sociais que podem estar em relação de concordância ou discordância. Todavia, ele não é totalmente assujeitado a essas vozes, visto que cada sujeito tem seu modo único de interagir e participar do dialogismo. Assim, a heterogeneidade das vozes na sociedade “[...] permite a constituição de sujeitos únicos” (FIORIN, 2006, p. 55-58).

Percebemos, pois, que o dialogismo é constituinte tanto do sujeito quanto de seu discurso, já que ambos estão imbricados um pelo outro. No âmago do sujeito e do discurso há uma multiplicidade de discursos, de vozes que ecoam, dialogam e se contradizem. Quando essas vozes são plenivalentes e equipolentes, isto é, plenas de valor, elas mantêm uma relação de igualdade e conservam sua alteridade, sua autonomia, com outras vozes no enunciado. Bakhtin as compreende como em um estado de polifonia (BAKHTIN, 2015, p. 4).

⁸ O posicionamento atual de Graciliano Ramos é compreendido como o ponto de vista no momento da escritura do romance autobiográfico.

O termo “polifonia” surgiu no livro *Problemas da poética de Dostoiévsky*, escrito por Bakhtin originalmente em (1929). Ao escrever este livro, o autor russo havia percebido que as vozes dos personagens do romance *Os Irmãos Karamázov* apresentavam estruturas discursivas independentes no enredo. Elas não estavam subordinadas à voz do autor: eram autônomas. Tinham relação de igualdade e mantinham sua alteridade, de modo que foi possível, para Bakhtin, notar a presença de uma interação entre as consciências delineadas no romance. A partir daí, Bakhtin viu que a narrativa tinha um teor psicológico realista que mostrava o ponto de vista, a consciência que o personagem tinha de si e do mundo.

Tal pensamento é partilhado pelo teórico Bezerra, que afirma o seguinte:

Em Dostoiévski, cujo universo é plural, a representação de consciências plurais, nunca da consciência de um eu único e indiviso, mas da interação de muitas consciências, de consciências unas, dotadas de valores próprios, que dialogam entre si, interagem preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores [...] (BEZERRA, 2015, p. 10).

Percebemos que a polifonia se constitui na mistura de diversas vozes — ou discursos —, na qual cada voz representa um ponto de vista, e mostra a consciência ou os sentimentos de um indivíduo sobre determinado assunto. No discurso, as diferentes vozes são estruturadas de forma igualitária e mantêm sua essência, sua alteridade.

As vozes que ecoam nos discursos refletem convicções acerca do mundo, refletem as consciências dos indivíduos; são enfim vozes que estão em constante tensão e diálogo umas com outras.

Para Fiorin (2006, p. 32-37), a polifonia pode ser pensada como um dialogismo que se apresenta de forma composicional, explícita no fio do discurso. Os discursos alheios são incorporados no enunciado e podem se apresentar de duas maneiras: a primeira consiste no discurso objetivado, no qual se revela aberta e nitidamente o discurso de outro. Há, portanto, uma separação entre o discurso alheio e o discurso do locutor, e isso se dá com o uso de aspas, citação direta e indireta, e negação. Com o uso do discurso direto, indireto e aspas, a voz do outro é marcada, delimitada no enunciado e a autoria é revelada, é translúcida. Na negação, há — no mínimo — duas vozes, a que nega e a que afirma. Exemplifiquemos o que foi dito com este enunciado retirado de *Vidas secas*:

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele **não** tinha nascido para falar certo. (RAMOS, 2010, p. 22). (Grifo nosso).

Neste excerto, retirado do supracitado romance, percebemos *uma voz* que faz um juízo de valor negativo quanto à dicção de Fabiano. Para *tal voz*, o personagem não nasceu para falar de forma correta. Em contrapartida, essa negação só se constitui porque há sob ela, outra voz que afirma o contrário, ou seja, Fabiano podia sim, falar certo. No enunciado citado, observamos, pois, duas vozes. Contudo, podemos considerar que não se limita aí o jogo e o embate de vozes.

Antes de continuar a discorrer sobre esse embate, devemos esclarecer a quem se refere o termo “imitá-lo”. O pronome se refere ao personagem Seu Tomás da Bolandeira, uma figura do romance, que, para Fabiano, é a própria representação de um homem erudito, que tem uma dicção admirável, diz palavras bonitas, um homem que lê e tem vários livros e, logo, em sua opinião, é um homem sábio.

A negação implicitamente colocada no enunciado supracitado, revela uma FD Capitalista, onde é bem forte a afirmação de que um pobre nordestino só pode ter nascido para trabalhar e não para realizar belos discursos. Não se trata simplesmente de Fabiano. O personagem representa os diversos outros nordestinos que não tiveram acesso à escola e à educação. No enunciado, o fragmento “um sujeito como ele”, coloca em evidência uma voz que expõe um argumento sobre as características identitárias que indicam que “sujeitos” como o nordestino, não teriam direito à educação, justamente pela posição social inferior que ocupam. Nesse caso, verifica-se uma aproximação entre Fabiano e os demais retirantes nordestinos, a partir da qual poderíamos imaginar ou pressupor a existência de uma voz, pertencente às autoridades ou aqueles que dominam indivíduos como Fabiano a dizer algo como: “-Você, Fabiano, como os outros retirantes, não precisa aprender a se expressar corretamente, você, como os outros, só precisa trabalhar”.

No contexto social e histórico da produção do romance, ainda era muito comum o coronelismo no Nordeste. Os trabalhadores eram tratados como objetos, vistos apenas como fonte exclusiva de mão de obra e vítimas de diversas injustiças sociais. Nessa ótica, não havia preocupação alguma em escolarizá-los. Somente os sujeitos de classes mais favorecidas tinham esse direito. Todavia, alguns políticos, socialistas e comunistas, literatos e revolucionários lutavam contra essa prática de injustiça e desigualdade social. O escritor Graciliano Ramos era um deles. Ele se preocupava com a educação e com assuntos sociais do país. Porém, deixaremos para explorar o viés ideológico e político do autor no segundo capítulo. Voltemos agora para o personagem Fabiano.

Mesmo tendo a consciência de que não falava bem, Fabiano manifestava o desejo de reverter essa situação. No entanto, aí surge a autocensura, sob a forma da voz que lhe nega um lugar na sociedade, para tentar silenciar o personagem. A negação fez emergir uma ideologia capitalista que não se preocupa com os direitos educacionais dos nordestinos pobres. Uma vez à margem da sociedade, somente terão utilidade trabalhando. Fabiano internaliza essa voz ideológica, identifica-se com o sujeito universal dessa FD e se cala.

Além disso, precisamos refletir que à voz ideológica que sonega educação aos nordestinos de classe menos favorecida, aparece uma voz ideológica que se contrapõe a esse ponto de vista. No fulcro do romance, há uma voz que afirma: “-Todos os seres humanos têm direito à educação e às condições básicas de saúde”.

Nesse sentido, podemos observar o quão complexa se dá a constituição dialógica e polifônica do discurso, já que no excerto que nos ocupa agora, temos as vozes de Fabiano, que manifesta a vontade de se expressar bem; as vozes que o negam e as vozes que se contrapõem à esta negativa. Enfim, implicitamente, há um embate, um jogo de vozes ideológicas e sociais.

Como vimos, a negação é uma característica da primeira modalidade da polifonia explícita, ou, como vimos acima, relativamente explícita. A segunda maneira como a voz do outro se insere no discurso, dá-se no discurso bivocal, em que os discursos, as vozes alheias estão internalizadas e não há uma separação explícita entre elas ali presentes. Mesmo essas vozes não estando claramente demarcadas, as palavras que compõem os discursos são bivocais e, por vezes, notamos as vozes nelas presentes.

Para explicitar melhor, e tomando por base o que afirma Fiorin (2006, p.38-46), podemos dizer que a bivocalidade dar-se-ia se pelo uso de alguns recursos languageiros: o do *discurso indireto livre*, no qual se misturam as vozes do narrador e a do personagem; o da *polêmica clara*, na qual duas vozes se enfrentam abertamente; o da *polêmica velada*, na qual o afrontamento não é nítido, mas percebe-se a oposição na construção discursiva; o da *paródia*, no qual ocorre uma imitação de um determinado discurso com o objetivo de ridicularizá-lo; o da *estilização*, no qual se dá uma imitação do discurso ou do estilo, sem o objetivo da negação da paródia; e o do *estilo*.

O estilo, para Fiorin (2006), à luz dos pensamentos bakhtinianos, é o resultado de um conjunto de recursos linguísticos empregados por um sujeito-falante na elaboração de um enunciado. São traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, discursivos, etc., que definem a especificidade de um discurso e, por conseguinte, criam um efeito de individualidade e uma imagem do autor. O estilo pode ser tanto individual quanto coletivo: o

estilo é o resultado discursivo-estrutural da visão de mundo de um sujeito, ou de um determinado grupo. Graciliano Ramos tem seu estilo que se difere aqui e ali do de outros escritores, por exemplo. Mas, seja como for, o estilo não escapa do dialogismo constitutivo da linguagem. No caso de Graciliano Ramos, seu estilo será definido ao ser colocado em oposição a outros estilos (Ib. 46-47).

Continuemos a refletir sobre o estilo deste escritor. A extensão de suas frases é curta, o uso de conectivos é escasso e, em sua maioria, os adjetivos por ele utilizados são referentes a categorizações da animalização, brutalidade e pobreza. Seu estilo está na contramão dos românticos, parnasianos e simbolistas, que contêm, geralmente, uma linguagem rebuscada, ordenada por figuras retóricas e por múltiplos adjetivos. Para Graciliano Ramos, a literatura serve para mostrar a realidade - que até então era pouco divulgada - da vida de pessoas marginais, por causa das injustiças sociais. Ele dá a palavra aos proletários, aos excluídos de uma literatura feita de sonhos e povoada por personagens abastados. Seu estilo discursivo demonstra sua visão do mundo, ou seja: um mundo seco, seco de comida, de educação, de direitos, de condições mínimas de sobrevivência, para os marginalizados pela sociedade dominante.

Em síntese, os conceitos de dialogismo e a polifonia representam as múltiplas vozes que estão na natureza constitutiva do sujeito e do discurso e eles estão inter-relacionados. Não há uma dicotomia entre eles. Poderíamos pensar que a polifonia é a heterogeneidade de vozes marcadas e explícitas no fio do discurso, em que o sujeito tem a consciência da alteridade do discurso alheio. Assim, a polifonia é o dialogismo circunscrito, nítido, claro na forma das palavras que, concretamente, compõem o enunciado. O dialogismo, por sua vez, é inerente, é próprio do discurso, e, na maior parte dos casos, é bem possível que os sujeitos-falantes desconheçam essa heterogeneidade constitutiva. No entanto, ela está sempre presente, velada, aludida, implícita no seio do enunciado.

Enfim, o dialogismo também é inerente às teorias, às disciplinas. Como vimos até aqui, a AD é uma disciplina aberta e logo, de certo modo, dialógica, pois uma corrente dialoga com outra e elas estão sempre em constante evolução e transformação. Desde seu início, nos anos 1960, até a atualidade, houve diversos aperfeiçoamentos teóricos e conceituais. Como bem postula Machado (2014b, p. 75), uma teoria é por sua essência dialógica, pois sempre traz para si algo de outras teorias. Ela se origina de múltiplos estudos, movimentações e influências. Portanto, as teorias atuais da AD não excluem as teorias fundadoras. Elas se complementam e assim agindo, se otimizam.

Por conseguinte, consideramos que a Semiologia e os estudos de Pêcheux apresentam esse dialogismo constitutivo, que enriquece ainda mais os estudos na AD.

Seguindo esse raciocínio, apresentamos, no próximo segmento, alguns pontos da Semiologia que nos serão úteis nesta pesquisa.

1.6. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMIOLINGÜÍSTICA DE PATRICK CHARAUDEAU

A Teoria Semiologia emergiu na tese de doutorado de Charaudeau, defendida em 1977, na Sorbonne/França, tendo tomado a forma de um livro, divulgado em 1983: *Langages et Discours*⁹. Segundo a estudiosa da Semiologia, Machado (2014b, p. 76) essa teoria apoiou-se em conceitos oriundos de várias outras disciplinas, tais como: a Pragmática, a Psicologia Social, a Enunciação, a Retórica, a Argumentação, etc. (MACHADO, 2014b, p. 76).

A Semiologia é uma corrente da AD que surgiu com o objetivo de analisar e desvelar as condições de produção e de existência dos enunciados, em geral. Ela leva em conta o contexto de produção dos enunciados, o *como* e o *porquê* de sua existência.

Na Semiologia, o termo “ideologia” não aparece (pelo menos nos dois livros por nós citados na nota 9). A tal termo, Charaudeau preferiu adotar o sintagma *imaginários sociodiscursivos*, que, para ele, indicam os diversos saberes compartilhados nas representações de um dado grupo de sujeitos sobre um assunto, sobre o mundo, sobre comportamentos e valores. São tais imaginários que permitem conceber a identidade de um grupo de pessoas, de um estilo de época, de uma cultura (CHARAUDEAU, 2006, p. 192-196).

Assim, mesmo antes de Charaudeau realizar considerações explícitas sobre a ideologia¹⁰, notamos que ela já estava implicitamente presente em sua teoria. Segundo Machado (2014b, p. 80-81), a base central dessa corrente de análise do discurso encontra-se no estudo das trocas linguageiras entre diferentes indivíduos, em diferentes ocasiões. Machado (ib.) nos leva a refletir: os discursos sociais estão ligados à cultura de um grupo; a cultura está ligada a uma rede de instituições que lhe dão a possibilidade da existência; as

⁹ A primeira metade deste livro foi traduzida para o português em 2008. A ela se acrescentou a segunda parte da *Grammaire du sens et de l'expression* de Charaudeau, de 1992. Eis o livro que resultou desta tradução/junção: *Linguagem e Discurso*. Modos de Organização. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁰ O que aconteceu com a publicação do livro *Discurso Político*, em 2006, no qual Charaudeau prefere adotar a expressão *imaginários sociodiscursivos* para substituir o termo “ideologia”.

instituições, por sua vez, estão ligadas a um poder político e este último está ligado à ideologia, ou a várias ideologias.

Digamos que, nesta teoria, as “vozes” do mundo externo influenciam o sujeito e assim há uma ideologia que o interpela. Mas o sujeito não é visto como assujeitado em nenhum momento. Ele encontra uma margem de liberdade e a sua individualidade surge por meio de diversos modos ou estilos que pode utilizar para se comunicar socialmente.

Concordamos com Machado (1992) ao afirmar que o sujeito da Semiologia é um sujeito dividido, clivado, que não é completamente individual, nem completamente coletivo, mas que mantém um equilíbrio entre essas duas dimensões.

A partir daí – dessa noção de sujeito -, ousamos fazer uma aproximação entre algumas ideias de Pêcheux, Bakhtin e Charaudeau. No fundo seus conceitos dialogam e, mesmo que muito veladamente, podem, por vezes, se complementar.

A Semiologia é uma teoria essencialmente comunicativa. Por isso, nela vemos a presença de um conjunto de competências discursivas (CHARAUDEAU, 2014, p.7) que permitem o ato de comunicação: assim, a *competência situacional* aponta para o fato de que toda comunicação é produzida e deve ser estudada sempre levando em conta a situação na qual ela foi gerada; deve-se também levar em consideração a identidade dos sujeitos que são implicados nessa comunicação. A *competência semiológica*, indica que, em regime comunicativo é necessária uma organização da encenação dos *atos da linguagem* (ou enunciados) em modos que irão organizar o discurso. Charaudeau (1992, 2008), refere-se aqui aos modos enunciativos, descritivos, narrativos e argumentativos. Por outro lado, não podemos nos esquecer da *competência semântica*, que consiste em saber elaborar os sentidos dos enunciados com o auxílio de formas verbais, gramaticais ou lexicais que, acrescidos dos saberes de conhecimentos e das crenças que circulam na sociedade, irão compor os atos de linguagem comunicativos.

A alteridade no *ato de linguagem*, ou no *ato de comunicação*, é um dos assuntos pertinentes para se evocar quando se fala de Semiologia. Ela significa que o *sujeito-falante* se define e se comunica ao se dirigir a outro sujeito. Este outro sujeito estará sempre incorporado nos projetos de fala do *sujeito-falante*, mesmo que ele não apareça diretamente no *ato de linguagem*. Desse modo, segundo Machado (2014, p. 82), o *outro* estará sempre presente na enunciação, já que, sempre que um locutor enuncia algo, ele o faz tendo em mente um receptor para tal.

A identidade do sujeito, na perspectiva do supracitado linguista francês, resulta de uma dimensão sociológica ou psicossocial e também de uma dimensão subjetiva (por ele escolhida entre os muitos discursos que povoam sua mente). Nesse sentido, para Charaudeau (2014, p. 32) há que se considerar que todo ato de linguagem é o resultado da reunião de um explícito (as palavras do léxico em si) a um implícito (os muitos sentidos que se escondem sob as palavras), sendo que o ato de linguagem é construído.

A dimensão implícita, segundo Charaudeau (ib.), é definida pelas condições de produção e/ou interpretação do ato de linguagem, ou seja, pelas circunstâncias do discurso. Podemos ver nas *circunstâncias de discurso* algo que elucida a formação de um determinado ato de linguagem e vai por consequente, permitir que dele seja feita uma interpretação. A ação de elucidar um ato de linguagem e consequentemente, de interpretá-lo levará forçosamente em conta a existência das *representações coletivas* que por ele perpassam.

A noção de que o explícito e o implícito são indissociáveis para se obter o sentido de um enunciado é algo bastante viável. Não podemos, em certas circunstâncias, atermo-nos somente ao explícito do que é dito ou escrito, ou seja, nas palavras de Charaudeau, a “[...] atividade estrutural da linguagem, a simbolização referencial” (Charaudeau, 2014, p. 24). Um simples enunciado como “Fecha a porta!” (ib.), vem carregado de implícitos: “está muito frio aqui.” “Fechando a porta, não ouviremos os barulhos do corredor” ou ainda “Não seremos ouvidos”, etc.

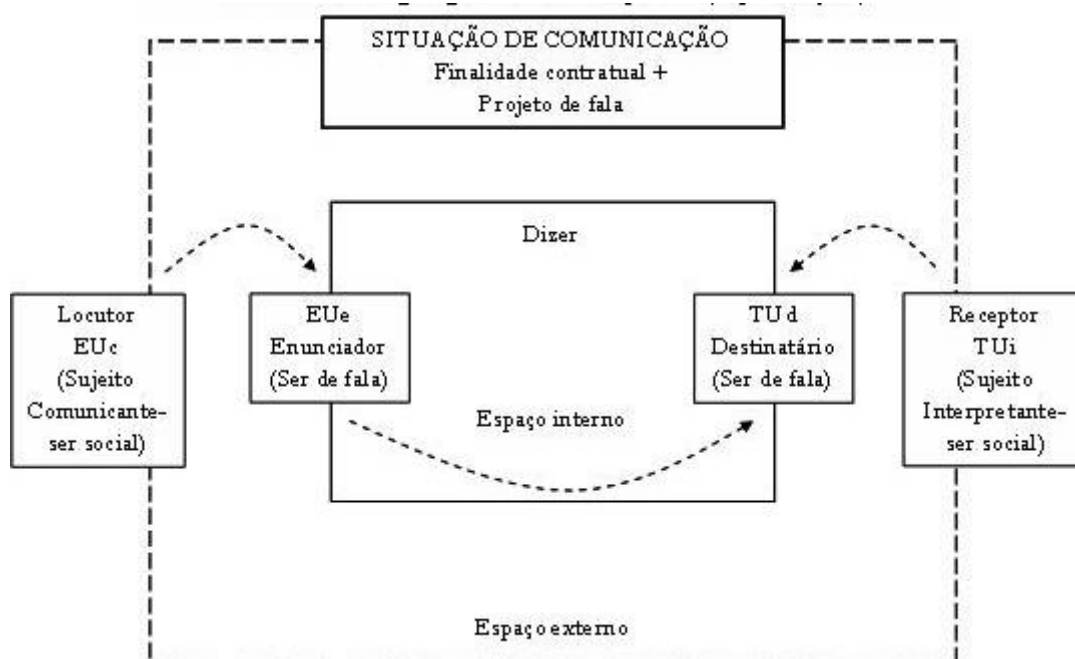
Charaudeau (ib., p.25) frisa que a totalidade discursiva não é significada somente pela linguagem, mas sim por todo um contexto e pelos sujeitos-falantes. Nesse sentido, é dentro do implícito do discurso, acreditamos, que serão inseridas as questões ideológicas e as formações discursivas. Vale salientar que será somente por meio do implícitos que as FDs podem ser percebidas, pois há de considerar que elas também podem ser delineadas por meio do explícito.

Segundo Machado (2014b, p. 84), um mal-entendido na comunicação pode surgir porque a linguagem não é transparente, mas opaca; e o dialogismo constitutivo das palavras que compõem um ato de linguagem pode despertar no receptor memórias vindas de outros contextos, de outras intenções, de outras vozes. Ao interpretar um enunciado, somos levados por emoções, por lembranças, pelas experiências de vida, e muito dificilmente o emissor tem acesso a esse mundo interno do receptor. Por isso, algumas mensagens não são interpretadas da maneira que o emissor teria em mente, já que a interpretação depende dessa memória do receptor.

Levando em conta o que foi dito, veremos que, no âmbito da Semiologia, o sujeito do ato de linguagem se desdobra em, no mínimo, quatro sujeitos. Teríamos assim, *a priori*, dois sujeitos, um emissor e outro receptor. Na terminologia de Charaudeau (2008): um *sujeito-comunicante*, que é o sujeito-empírico, o autor de um enunciado ou de um macro-enunciado; este sujeito delega sua voz a um *sujeito-enunciador*, encarregado de transmitir suas palavras, oralmente ou por escrito.

Como vimos acima, todo sujeito tem em si incorporado o outro, de modo que o *sujeito-comunicante*, quando faz um projeto de discurso, tem em vista um outro, um destinatário “idealizado”, que existe no plano enunciativo. Contudo a dupla formada pelo *sujeito-comunicante/* sujeito-enunciador não tem acesso ao íntimo do receptor e, em algumas vezes, a mensagem pode não ser interpretada da forma desejada. O sujeito-destinatário ideal restringe-se ao mundo das palavras. No mundo real, a interpretação do discurso caberá a um *sujeito-interpretante*, ser exterior e real, que pode ser o leitor ou o ouvinte.

Apresentamos a seguir o quadro concebido por Charaudeau, em 1983, paulatinamente modificado por Machado, Medina e Mendes (2014, p.52):



A situação de comunicação se determina conforme a finalidade do ato de linguagem. Ela pode ser pensada como um espaço de uma prática social que se define como o *jogo de expectativas* dos efeitos de sentidos para/no outro. Nela, como vimos, o enunciador e o destinatário são construídos pelo locutor, são *entidades discursivas* produzidas conforme a finalidade e o projeto de fala do locutor.

Os parceiros da comunicação são o *sujeito-comunicante* e o *sujeito-interpretante*. Eles são seres psicossociais, empíricos, históricos, que podem ser representados pela voz de um indivíduo ou de uma instância coletiva. Os sujeitos da linguagem se encontram em uma *situação comunicativa* e são envolvidos por uma *relação contratual* na comunicação (MACHADO, 2001, p. 62).

Vamos ousar e dizer que, visionando este quadro e lembrando-nos dos conceitos bakhtinianos, chegamos à conclusão que o sujeito não possui uma única identidade, ele se divide, cliva-se, desdobra-se, pois, é constituído por múltiplas vozes. A cada situação de comunicação, exige-se que o sujeito ocupe posições sociais diversas: o mesmo sujeito, ora se posiciona como pai, ora como filho, ora como patrão, ora como cliente. Pode ocorrer ainda que em uma situação de comunicação, conforme a hora e o lugar e conforme os participantes da troca da comunicativa, um mesmo sujeito adquira identidades contraditórias, mantendo-se ora passivo, ora agressivo. Imaginemos: alguém diz “Bom dia” a outro, e o faz de forma irônica (com um riso irônico, pleno de subentendidos). O receptor da mensagem pode reagir negativamente. Mas imaginemos também, que este mesmo receptor ouviu de um colega um “Bom dia” amável, sem segundas intenções: a este ato de linguagem, reagiu de forma cortês, não agressiva, é claro.

Essas situações comunicativas diferentes nos levam a pensar nos desdobramentos da identidade ou do “eu” do sujeito-comunicativo ou sujeito-falante... Como definir tal sujeito? É o que tentaremos fazer no próximo segmento.

1.7. O SUJEITO CLIVADO E DIVIDIDO NO DISCURSO

Em razão de nossa intenção de verificar as diversas identidades (os diferentes “eus”) que emergem no âmago do protagonista de *Vidas Secas*, Fabiano, buscaremos fazer breves

considerações sobre o conceito de identidade. Em recente pesquisa monográfica¹¹, realizamos alguns estudos sobre a constituição da identidade do sujeito por intermédio de Hall (2006). Em consonância com esse autor, pudemos perceber que há três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo; a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo pode ser compreendido como um indivíduo dotado de razão e consciência. A identidade emerge simultaneamente quando de seu nascimento e permanece a mesma no decorrer de toda a vida, até a morte. Já no sujeito sociológico, a identidade representa e é configurada por intermédio da complexidade do mundo moderno. Ela surge sob a perspectiva de que não é autônoma e única, pelo contrário, é elaborada e modificada devido à relação do sujeito com a sociedade. Assim, diferentemente do sujeito do Iluminismo, a identidade do sujeito sociológico é construída de acordo com a interação do homem com o meio em que vive. Com o sujeito pós-moderno, por sua vez, a identidade é elaborada conforme a maneira pela qual o sujeito é representado pela sociedade. Desse modo, ela torna-se móvel, formada e transformada em conformidade com as relações às quais o sujeito é submetido. Assim, o indivíduo assume identidades diferentes em momentos diversos (HALL, 2006, p.10-12).

Dessa maneira, podemos compreender que a identidade nunca está completa, mas, sim, está sempre em constante processo de construção em relação ao mundo e ao outro. Além disso, a formação da identidade está vinculada a alguma identificação do indivíduo com um referente no seu exterior (ib.).

Para melhor esclarecer sobre o processo de identificação, Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.81) postula que a construção da identidade pode ser produzida por meio da identificação e da diferença. Nelas, estão presentes os processos de “incluir” e “excluir” as semelhanças de um sujeito com algum ponto de referência. Na operação de incluir, o sujeito se identifica com o que ele é. Já na exclusão, o sujeito se identifica com aquilo que ele não é. Nessa concepção, recuperamos a teoria de Pêcheux, segundo a qual o sujeito se identifica com uma FD que representa seus valores, suas ideologias. Recordamos ainda o dialogismo constitutivo do sujeito, que precisa do outro para existir.

Em seus estudos analítico-discursivos, Charaudeau (2009, p. 310) faz também considerações sobre a questão da identidade. Para Charaudeau, que dialoga com Hall, a emergência da identidade ocorre primeiramente por intermédio da diferença do *eu* com um

¹¹ Monografia defendida em 2014, intitulada *O ethos nos conflitos de Fabiano, em Vidas secas: uma perspectiva discursiva da identidade*, no curso de Graduação em Letras pela UEMG, sob a orientação da Professora Doutora Ivanete Bernardino Soares.

outro. Somente através da oposição com um referente é que surge a consciência de um *eu*, levando em consideração o corpo, os saberes, as crenças e as ações. De tal forma, a identidade de um sujeito ocorre pela oposição, ou seja, “eu sou aquilo que o outro não é”. Tal processo indica o *princípio de alteridade*: quanto mais o sujeito tem a consciência das semelhanças e diferenças com o outro, mais sua concepção de identidade é formada e percebida enquanto indivíduo social. Vale ressaltar que, como bem corrobora o linguista francês, “[...] a identidade resulta de um mecanismo complexo que consiste na construção, não de identidades globais, mas de traços de identidades” (CHARADEAU, 2009, p. 310).

Os traços de identidades variam de uma ótica global e social, as quais encontramos a figura do pai, do genitor de uma criança que possui direitos e deveres como tal, até os traços que podem ser configurados e construídos por meio dos atos de linguagens e dos comportamentos individuais de cada pai: um pai agressivo, amoroso, ou uma mistura contraditória de ambos. Segundo o autor supracitado (2009, p. 309), os discursos do sujeito determinam as nuances de identidades que cada pai pode adquirir no ato comunicacional: autoritário, protetor, compreensivo, castrador, indiferente e assim por diante. Essa seria, então, a “identidade discursiva”.

Não podemos pensar, porém, que essa identidade é única e estável ao longo da vida de um indivíduo. Ao contrário, em cada contexto situacional o mesmo indivíduo pode apresentar diversos traços de identidades, ou seja, em determinado momento, o pai que se apresentava como amoroso e carinhoso pode se manifestar com características de autoritário e indiferente. Em todas essas manifestações, é pelo discurso e pela linguagem que esses traços vão emergir, traços que, ora se completam, ora contrastam entre si.

Mais ou menos dentro do mesmo raciocínio, ainda que com palavras diferentes, a analista do discurso Orlandi (2001, p.49) já encontrava em Foucault o conceito de “sujeito discursivo”, cuja perspectiva tende a considerar que o sujeito adquire sua identidade mediante as suas posições no contexto social. Desse modo, ao se comunicar, o sujeito elabora o seu discurso em consonância com a sua posição social (ib.). Como podemos inferir, há uma concordância entre identidade e linguagem, pois o discurso é construído de acordo com as circunstâncias nas quais se encontra o indivíduo, ou seja, se o sujeito está em uma posição de professor, o discurso tende a ser elaborado de forma a atender às expectativas dessa posição. Mas, esse mesmo sujeito pode produzir um discurso diferente se assume outro papel social – como o de aluno, de pai ou de filho, por exemplo.

Dentro de outra reflexão análoga, de acordo com Charaudeau (2009, p. 309), a identidade discursiva tem a especificidade de ser construída pelo sujeito no ato comunicacional com intuito de responder às questões: “Estou aqui para falar como?” “Com quem?”, “A propósito de que?” Nesse sentido, há uma dialética de estratégias, sejam elas de credibilidade ou de captação. A credibilidade está associada à necessidade que o sujeito tem de se legitimar conforme a posição social e comunicacional na qual se encontra em determinado contexto. Para isso, ele precisa defender a imagem que tem de si mesmo, por intermédio de ações, de posturas, de crenças e do discurso para autenticar tal identidade no contexto situacional. Aliás, segundo Machado (2015, p. 19), em todo ato de comunicação entre sujeitos há um fim comunicativo preciso, ou seja, de alguma forma, o sujeito busca captar a atenção do outro, ou convencê-lo do discurso proferido. Ainda segundo as próprias palavras de Machado tal ato “é um ato que argumenta” (ib.).

Desse modo, entendemos que será no próprio ato comunicacional que os traços de identidades irão emergir, inclusive as estratégias argumentativas que o sujeito utiliza para estabelecer e legitimar a identidade discursiva.

A estratégia de captação surge quando o sujeito deseja chamar a atenção do outro — seu interlocutor ou eventual interlocutor — a fim de que ele se interesse por seu discurso e perceba sua intencionalidade comunicativa. Em consonância com Charaudeau (2009, p. 310-315), essa estratégia busca responder ao seguinte questionamento: “- Como fazer para que o outro possa ‘ser tomado’ pelo que digo?”. Para isso, o sujeito tentará persuadir ou seduzir seu interlocutor por meio de atitudes discursivas, dentre as quais podemos citar, sempre na esteira de Charaudeau (op.cit.):

- ✓ a polêmica: antes de encontrar alguma objeção por parte do outro, o sujeito poderá questionar as ideias de seu interlocutor;
- ✓ a sedução: o sujeito tenta se aproximar de seu interlocutor por gostos ou características semelhantes na tentativa de criar um elo de identificação;
- ✓ a dramatização: o sujeito tenta contar fatos sobre os dramas da vida e, para tal, utiliza-se de analogias, comparações ou metáforas com o intuito de maximizar os valores afetivos e despertar emoções.

Assim, percebemos que, por meio do ato comunicacional, podem surgir diversos traços de identidade do sujeito. O que irá alavancar a emergência de uma determinada

identidade será a posição social em que se encontra o sujeito, bem como a imagem que ele tem de si e do outro, em um processo de diferença com o referente externo.

Ainda sob a ótica de Charaudeau (2009, p. 323), notamos, por um lado, que a identidade se torna uma questão complexa, visto que ela resulta de um processo dialético entre o *sujeito-comunicante* e o *sujeito-interpretante*¹². Por outro lado, o *sujeito-comunicante* busca construir e legitimar sua identidade para seu interlocutor ou o *sujeito-interpretante*. Este atribui traços de identidade ao sujeito comunicante, que podem corresponder ou não à intencionalidade deste. Se, para Hall, a identidade é instável e múltipla, para Charaudeau, ela é uma ilusão, pois:

[A identidade pode ser compreendida] como uma máscara que seria mostrada ou outro (e a si mesmo), mas uma máscara que, se for tirada, deixa ver uma outra máscara, depois outra, e outra ainda... Talvez não sejamos nada mais do que uma sucessão de máscaras (CHARAUDEAU, 2009, p. 324) (complemento nosso).

Assim, a construção de nuances de identidade pode ser compreendida como um processo que depende do contexto ou das circunstâncias de comunicação em que se encontra o sujeito-falante. O comportamento, o discurso e as estratégias discursivas dependem da situação e dos interlocutores envolvidos no ato de linguagem.

Nesse sentido, buscaremos analisar como surgem os traços de identidades discursivas, ou as “máscaras de identidade” no personagem Fabiano ao longo da narrativa de *Vidas secas*. A partir daí, verificaremos como esses fatores podem contribuir para o silenciamento do protagonista diante de determinadas situações em que é submetido.

Mas, antes de se comunicar (ou até mesmo antes de seu silenciamento) esse mesmo sujeito necessita ter posicionamentos e reflexões sobre o assunto em si. Dessa forma, compreendemos que o ato de comunicação e o silenciamento são bem complexos e dinâmicos. Acreditamos que, nos pensamentos, pode haver uma grande quantidade de “eus”, ou, dito de outro modo, uma multiplicidade de vozes. Isso quer dizer que, no íntimo do sujeito, há uma deliberação ou confronto de diversos “eus” antes de haver uma comunicação com o outro. Antes de o sujeito adotar uma posição ou ação, há um processo de julgamento íntimo no qual podem surgir diversas vozes e múltiplos traços de identidade para defender ou opor ao um ponto de vista, ao um posicionamento.

Em *Vidas Secas*, os pensamentos do protagonista são mostrados pelo narrador por intermédio do discurso indireto e indireto livre. Com esse estilo de escrita de Graciliano

¹² Segundo o quadro comunicacional de Charaudeau por nós reproduzido, na página 32.

Ramos, podemos perceber e compreender as diversas deliberações que ocorrem no âmago do personagem antes de ele se comunicar. Porém, como já dissemos, são poucas as vezes em que Fabiano se comunica diretamente com outro personagem do romance, na maioria das situações, ele se silencia.

Na qualidade de leitores, temos acesso aos pensamentos de Fabiano. Assim, é possível perceber como cada ação, diálogo ou silêncio resultam de uma multiplicidade de vozes (ou traços de identidade) que defendem ou não um ponto de vista da personagem.

Machado (2014, 2015), ao pesquisar sobre as narrativas de vida, percebeu que há no sujeito discursivo múltiplos desdobramentos de “eus”, ou *sujeitos-falantes*, e que eles podem ser compreendidos graças às marcas linguísticas que deixam em seus ditos ou escritos. Ampliando essa percepção, consideramos que essas divisões de “eus” do sujeito vão, por sua vez, originar diversas imagens de si. É o que defendem, aliás, teóricos como Dominique Maingueneau (2011, 2013) e Ruth Amossy (2013), dentre outros.

Ainda de acordo com Machado (2015), em um mesmo sujeito pode ocorrer a soma (ou divisão) entre um “eu-interior” e um “eu-exterior”. Ademais, para a pesquisadora, os “eus” que surgem nos diferentes discursos são transpassados por uma multiplicidade de “vozes” ideológicas, morais ou não-morais, presentes nas reflexões.

1.8. OS DESDOBRAMENTOS DO “EU” EM DIVERSOS OUTROS “EUS”

Como já foi dito, na Semiologia, o *sujeito-falante* se divide, no mínimo, em dois sujeitos: o *sujeito-comunicante* e o *sujeito-enunciador*; respectivamente: um *eu-exterior* e *eu-interior* (ao mundo de palavras). Neste último, há um embate interno, visto que são várias ideias, várias vozes que circulam no pensamento desse sujeito. Cabe ao *eu-exterior* selecionar essas ideias e vozes e tentar expressá-las, com sucesso ou não (MACHADO, 2015, p. 95).

Ainda de acordo com essa teoria, a identidade do sujeito estará sempre relacionada com o meio externo, a depender de qual posição ele precisa ou quer assumir diante do outro. Para isso, ele irá selecionar uma dentre as diversas “máscaras” de identidades internas que ele possui, para legitimar sua ação¹³. E em seus discursos, ele pode se mostrar, ora polêmico, ora sedutor, ora dramático, etc. — ou realizar uma mistura de tudo— para que sua identidade e

¹³ Vale destacar que em algumas situações pode ocorrer de o sujeito não ter consciência sobre qual a “máscara” de identidade melhor se enquadraria no contexto situacional, isso que pode ocasionar em problemas de comunicação, por exemplo.

seu discurso sejam aceitos pelo receptor. Tal perspectiva nos ajuda a entender que cada situação comunicativa requer “determinadas” nuances de identidades dos seus *sujeitos-falantes*. Como elucidação, pensemos, portanto, em uma situação de conversa entre um pai — com valores tradicionais e machistas — com sua filha: o pai espera que a filha acate os seus discursos sem qualquer questionamento. Nesse caso, o pai assume uma nuance de identidade autoritária; porém, se esse mesmo sujeito trabalhasse em uma empresa e fosse ter uma conversa com o seu patrão, ele não assumiria a identidade anterior, ele apresentaria uma nuance de submissão.

É lógico que consideramos que os sujeitos não são totalmente assujeitados, e eles podem manifestar identidades que seriam o oposto do “normal”, do “cotidiano”, do esperado pelos outros. Nesse caso, podemos lembrar as teorias de Pêcheux, em que o sujeito pode não aceitar uma FD e, desse modo, estaria se encaixando em outra. A filha pode não ser submissa ao pai; o funcionário pode não apresentar submissão ao patrão, o que poderia ocasionar um confronto, uma situação polêmica.

De todo modo, essas identidades que o sujeito assume em determinadas situações são identidades externas, são “eus” externos, buscados pelos diversos *sujeitos-comunicantes* que surgem para legitimar a posição que se quer assumir. Todavia, a complexidade que envolve a noção de identidade não se esgota por aí, pois, o *sujeito-enunciador*, o “eu” interior, pode se desdobrar e se dividir em diversos outros “eus”, adotando diversas nuances de identidades. Seria o caso de se refletir sobre o exemplo que demos (pai e filha). Estes seres de palavra, antes de se pronunciarem, ou de assumirem posições, fariam uma deliberação interna sobre a identidade que um apresentará ao outro. Em outras palavras:

[...] ao procurar impor essa identidade ao outro, o sujeito em questão, está também procurando aceitá-la, ele próprio. Acreditamos que, para emocionar o outro ou para convencê-lo do bem fundado de nossos propósitos, precisamos nos convencer a nós mesmos de sua valia, antes de tudo. O que resulta em uma curiosa estratégia que age em dois sentidos: no sentido do sujeito-comunicante e no sentido do sujeito-interpretante (MACHADO, 2015, p. 94).

Consideramos que o jogo interpretativo entre o *sujeito-comunicante* e o *sujeito-interpretante* ocorre no âmago dos sujeitos participantes do ato comunicativo. Cada sujeito interpreta (muitas vezes em silêncio) seus enunciados, suas decisões. Ele pode pensar que poderia ter usado outras palavras, ter tomado outras atitudes. Ele realiza assim um julgamento da imagem de si enviada ao outro, ou em uma palavra: uma autocrítica.

Machado, adepta dos pensamentos bakhtinianos, afirma que nos *sujeitos-comunicantes* aflora um dialogismo que os comanda. Para exemplificá-la, a autora mergulha no conceito de *memória coletiva*, de Halbwachs (1997)¹⁴. A linguista, como faz questão de explicitar no artigo supracitado, tenta ilustrar como o “eu” nunca é só em sua narrativa, como ele se faz acompanhar por outros “eus” (ligados ao pensamento coletivo). Machado (2015, p. 9, apud HALBWACHS, 1997, p. 52) utiliza então o exemplo dado pelo próprio Halbwachs, contando, na terceira pessoa, o que diz Halbwachs que toma como exemplo os vários “eus” no relato de sua primeira viagem a Londres:

Lá, um amigo pintor o acompanha e chama sua atenção para as cores e os tons da cidade, dos jardins. Um amigo arquiteto, que também ali se encontrava, lhe mostra a grandiosidade das construções. Também se depara com um amigo comerciante que lhe apresenta o centro comercial de Londres, suas lindas lojas e a vibração que reina na *City*. Por fim, um amigo historiador vai narrar-lhe acontecimentos importantes da história de Londres. O fato mais intrigante é que, na verdade, o viajante-protagonista Halbwachs passeava sozinho em Londres. Os ‘amigos’ que lhes mostravam isso ou aquilo e que com ele dialogavam, poderiam ser representados pela coletividade de saberes que o protagonista havia já armazenado sobre Londres (MACHADO, 2015, p.9).

A polifonia interna (ou o dialogismo) que acontece no caso da viagem do sujeito-enunciante formulado por Halbwachs (1997, 52) é produto da coletividade de saberes, de conhecimentos e de sensações que outros viajantes já tiveram sobre Londres e que foram por ele incorporados. Por conseguinte, Machado (op.cit.) nota que houve um desdobramento de “eus” do autor, ocasionado por uma *memória coletiva* que já existia sobre a cidade. Em um mesmo sujeito, surge um “eu” que assume a identidade de um pintor, depois um outro “eu” com a identidade de arquiteto, posteriormente um “eu” como comerciante e, por fim, um “eu” como historiador.

Em um gênero como a narrativa de vida há também essa “polifonia interna”, pois, ao narrar sobre seu passado, inevitavelmente estarão presentes e em constante diálogo o “eu” do passado com o “eu” do presente (MACHADO, 2014, p. 111). Foi o que tentamos mostrar com nosso exemplo extraído do romance *Infância* de G. Ramos, linhas atrás.

O sujeito é heterogêneo por natureza e, por isso, sempre em seu íntimo haverá uma multiplicidade de vozes, de “eus” que dialogam, que refutam, que se opõem, que se complementam. Algumas vezes, será no silêncio do sujeito que esse embate pode se desvendar com mais força. Ao menos, é isso que notamos e que temos como objetivo de

¹⁴ É preciso ressaltar que a data 1997 refere-se à Edição crítica da obra de Halbwachs, estabelecida por Gérard Namer. O editor reuniu vários textos/escritos de Halbwachs, publicados anteriormente.

análise em *Vidas Secas*. Por mais que Fabiano não se comunique perfeitamente com os outros, em seu íntimo, por meio do narrador em terceira pessoa, deparamo-nos com diversos “eus” de Fabiano, que surgem nos momentos em que ele precisa tomar alguma atitude.

Por fim, neste capítulo, buscamos realizar um aporte teórico que auxiliar-nos-á nas análises das multiplicidades de vozes que surgem no silenciamento de Fabiano. Tentaremos perceber as vozes ideológicas, as vozes morais que estão presentes no âmago dos pensamentos do protagonista.

Antes disso, voltemos a enfatizar o “porquê” da presença dos três teóricos em nosso trabalho. Com a ajuda de Pêcheux, consideraremos que este sujeito (protagonista do livro *Vidas Secas*) é perpassado por diversas formações discursivas que o interpelam e o fazem tomar determinadas posições. Com a contribuição de Bakhtin, buscaremos entender que tanto as formações discursivas quanto o discurso e o sujeito são constitutivamente heterogêneos e, portanto, repleto de vozes internas e externas. Finalmente, com a Semiologia, observaremos como a situação comunicativa surge de um desdobramento do *sujeito-falante* e de nuances de identidades do sujeito, que emergem conforme o contexto de produção do discurso.

No próximo capítulo discorreremos sobre as posições ideológicas de Ramos que surgem nos romances *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas* e na narrativa de vida *Infância*. Buscaremos ainda encontrar as pistas linguísticas, discursivas e ideológicas que nos permitem perceber, comparar e analisar como o ponto de vista do romancista é delineado em algumas de suas obras. Ou seja, como a voz de Ramos dialoga com a voz dos protagonistas de seus romances.

Lembramos que a ponto maior de nossa investigação neste trabalho está nas ideologias e nas vozes implícitas no silenciamento de Fabiano, herói de *Vidas Secas*. Mas, a título de contribuição/ilustração nos serviremos, no capítulo a seguir, de exemplos (segmentos) retirados de outros livros de Ramos. Queremos, com isso, destacar seu estilo, que se repete em todas as obras. O herói do próximo capítulo será então Graciliano Ramos, o “pai” de Fabiano.

CAPÍTULO II

GRACILIANO RAMOS NA LITERATURA BRASILEIRA

2.1 ENTENDENDO O POSICIONAMENTO E O ESTILO DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, no ano de 1892, em um período de transição da política brasileira, visto que, nessa época, a República tinha sido proclamada somente há três anos, em 1889. A situação do Brasil era o resultado de muitas crises econômicas, disputas políticas o que gerava muitas incertezas para o futuro dos brasileiros. Com o surgimento dessa nova forma de governo, desencadeou-se uma descentralização econômica e financeira que foi propícia para a imersão do capitalismo no país, beneficiando principalmente as oligarquias cafeeiras.

Na terra natal de G. Ramos, o Nordeste, a economia estava centrada na cana-de-açúcar. Era ainda uma região muito pobre, castigada pela estiagem. Com o tempo, houve um declínio da economia canavieira que, por consequência, alterou a base de ordem política e social: de um lado, dominavam os coronéis do algodão e da pecuária; de outro, o Estado oligárquico se tornava o agente e a forma de estrutura do poder (MORAES, 1992, p. 8).

O pai do romancista, Sebastião Ramos de Oliveira, estava bem distante do império dos canaviais. Ele era um senhor do engenho arruinado que mantinha uma loja de tecidos. Posteriormente, deixou o ramo do comércio para começar a trabalhar com a criação de gado e comprou uma fazenda, onde foi morar com a família. Veio, no entanto, a seca e, com ela, várias mortes dos animais da propriedade. Então, a solução encontrada pelo patriarca foi abandonar a fazenda e voltar para o comércio.

Tendo em vista o que foi dito, podemos perceber como se deu o contexto social e histórico que envolveu Graciliano Ramos: cheio de crises, incertezas, secas, mortes. Situações essas que podem talvez ter contribuído para que o autor adotasse um estilo literário pleno de posicionamento ideológico em seus romances, pois, como bem postula Brunacci (2008, p. 27), “O escritor é, antes de tudo, um ser social”.

O posicionamento de Ramos pode ser percebido devido a algumas pistas deixadas no fio do discurso e do estilo por ele adotados. Notamos que ele aborda em seus romances questões de desigualdade social, injustiças e pessimismo quanto ao país. Ele não se vale de uma linguagem rebuscada, prefere poucas palavras que representam a realidade da sociedade e, por isso, tem preferência pelo realismo literário. Preferência essa que ele justifica em suas próprias palavras:

O realismo rompendo a trama falsa do idealismo, descreve a vida tal qual é, sem ilusões nem mentiras. Antes a nudez forte da verdade que o manto diáfano da fantasia [...]. Mas, que querem? A parte boa da sociedade quase não existe. De resto, é bom a gente acostumar-se logo com as misérias da vida (RAMOS, apud MORAES, 1992, p. 23)¹⁵.

Já em suas primeiras obras, o escritor mostra seu posicionamento ideológico em seus escritos. Aos doze anos, quando fazia parte da fundação do jornal infantil *Dilúculo*, nele estreia como escritor com o conto “Pequeno Mendigo”. O protagonista principal e a temática do conto já deixam perceber qual seria o viés ideológico e literário deste. O que, convenhamos, trata-se de uma abordagem literária um pouco incomum para a faixa etária do autor, mas que, de qualquer forma, já mostra a sensibilidade da visão de mundo do pequeno escritor para as desigualdades sociais e financeiras da população de sua cidade.

Na vida adulta, Ramos trabalhou por três anos como Prefeito de Palmeiras dos Índios e, nesse período realizou diversas mudanças no município: a construção de três escolas, um posto de saúde, um abatedouro na cidade — para acabar com o abate de gado na feira da cidade —, uma estrada ligando Palmeiras dos Índios ao município vizinho. Além de diversas outras medidas tomadas, ele acabou com a mendicância que havia na cidade: oferecia o dobro do que os mendigos ganhavam, esmolando, para trabalhar em obras de construção. Até mesmo os aleijados trabalhavam, os que não conseguiam andar, faziam trabalhos que exigiam somente o uso das mãos. Acabou também com a ociosidade dos presidiários, colocando-os a trabalhar na construção da estrada. Renunciou em 1930, quando foi nomeado diretor da *Imprensa Oficial* do Estado de Alagoas (MORAES, 1992, p.38- 63).

No período da ditadura militar de 1936, ele foi preso por ter sido suspeito de participar do movimento comunista existente no país. Contudo, não existiam provas dessa participação. Em *Memórias do Cárcere* (1953), o escritor revela que não era comunista no período da ditadura, o que só veio acontecer em 1945 quando ele ingressou no Partido Comunista do Brasil. Antes de ser preso, ele já havia publicado *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934), e cogitava que sua prisão ocorrera devido à abordagem da desigualdade social em suas obras e em seus artigos publicados na imprensa. Segundo Abel (1999, p.100-101) não havia motivos concretos para a prisão, de tal maneira que ele não foi processado, nem acusado; ele foi preso por questões ideológicas.

Para o romancista, todo escritor deveria “[...]refletir a sua época e iluminá-la ao mesmo tempo” (MORAES, 1992, p.171). Ou seja, ele acreditava ser necessário a existência

¹⁵ Trecho de entrevista de Graciliano Ramos a Denis de Moraes. Título da obra que onde ela vai aparecer: *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

de uma ligação direta das obras com o contexto social e histórico no qual todo escritor se insere. Sempre de acordo com Moraes (op.cit.), devido a isso, causou-se grande polêmica quando G. Ramos declarou que não considerava Machado de Assis um gênio pois este não fazia refletir os problemas nacionais em seus escritos.

Ramos tinha muita consciência da divisão de classes e do sentimento de inferioridade de certas pessoas em relação às outras. Em uma carta direcionada à esposa, Heloísa, em 1935, ele retrata a visão que tem da sociedade e se coloca do lado dos marginalizados pela sociedade rica da época:

Alagoas tem um milhão e duzentos mil habitantes, mas na minha estatística há apenas uns três indivíduos, uns três e meio, quatro no máximo. Os que fazem política, os que vendem ou compram fazendas, os que plantam algodão e os que fabricam açúcar são de espécie diferente da minha. [...] Somos uns animais diferentes dos outros, provavelmente inferiores aos outros (RAMOS, 1980, p. 142).

Este trecho extraído da carta, lembra-nos das teorias de Pêcheux, quando o filósofo fala do desdobramento da *forma-sujeito* na FD em *sujeito universal* e *sujeito individual*. Inferimos que, na visão de mundo do romancista, os indivíduos eram classificados conforme sua posição econômica e social. Reflexões sobre a identidade dos indivíduos estão também presentes no fragmento acima. Essa identidade estará sempre “amarrada” à posição social que o indivíduo ocupa na sociedade.

A abordagem de Ramos em seus romances irá assim abranger as questões sociais, levantando aspectos das condições de vida dos brasileiros no campo e na cidade. Por conseguinte, seus escritos são permeados por uma ideologia pessimista que retrato o subdesenvolvimento da nação. Além de aspectos sociais, Ramos também retrata os aspectos psicológicos dos personagens. Podemos considerar a possibilidade de a sociedade e o contexto terem exercido certa influência na forma de comunicação e no convívio entre os personagens. A partir dessa consideração, acreditamos que o meio social impacta na forma como essas figuras criam uma imagem de si. Um de nossos pressupostos é que tanto o vínculo social quanto o linguístico são sistematizados no romance de modo a proporcionar uma visão da identidade discursiva dos personagens.

Em relação aos romances que Ramos produziu em 1930, Antonio Candido (2006a, p. 130) argumenta que são obras que apresentam uma forma de pesquisa social e humana. Ainda nesse aspecto, o estudioso afirma que os romancistas desse período seguem uma tradição naturalista, com um conhecimento sobre a sociologia e a política. Desse modo, a literatura passa a assumir uma harmonia com os estudos sociais. Vale ressaltar que esse raciocínio não

visa postergar as peculiaridades dos textos literários, mas, sim, observar uma entre tantas outras dimensões de leituras.

Luís Bueno, em sintonia com Antonio Candido, defende que os romances dos anos 30 têm um caráter social porque seus autores procuravam abordar aspectos da sociedade brasileira. Essas características apresentadas nos romances, para Bueno (2006, p. 19), provavelmente possibilitam uma semelhança das narrativas com as reportagens, que podem, aliás, servir também para estudos sociológicos. Além de apresentar o social e o psicológico, os romances de 30 abriam espaço nas narrativas para a inclusão de protagonistas representantes das classes sociais menos favorecidas, considerados pelo autor como “proletários”. Outros autores como Marques Rebelo, Octávio de Faria, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, Lúcia Miguel Pereira e Rachel de Queiroz introduziram as figuras de crianças, adolescentes, homossexuais, desequilibrados mentais e mulheres como protagonistas de suas obras lembra também Bueno (2006, p. 23).

Graciliano Ramos insere em seus romances protagonistas de condições econômicas menos beneficiadas. Segundo Bosi (1994, p. 402) há um realismo crítico nas obras do autor, de modo que os personagens principais sempre adquirirem um problema em relação ao mundo. Em algumas situações, eles não aceitam os outros, não aceitam as outras pessoas, ou mesmo não se aceitam. Por esse motivo, expressões de sentimento de rejeição do homem com a natureza e com a sociedade são encontradas nos escritos de Ramos.

Caetés, a obra de estreia do romancista, lembra Bueno (2006, p. 243), apresenta a inclusão do protagonista proletário, bem como uma linguagem mais próxima da fala, além de outras características dos romances de 30, como a representação de uma visão cuja dimensão parte do interior da sociedade.

Em outras palavras, as narrativas são elaboradas de forma a perceber alguns aspectos sociais captados de um enfoque que surge do *micro* para o *macro*. Com efeito, os narradores permitem aos leitores observar a vida dos personagens inseridas em determinado contexto, assim como a percepção da causa e do efeito do externo no interior e da identidade dos protagonistas.

Como observou Amaral (2014), é possível observar como o escritor nordestino insere tanto questões sociais quanto psicológicas em seus romances. Assumindo agora o mesmo pressuposto, levamos em consideração que os personagens da narrativa são envolvidos em um enredo cujo aspecto procura mostrar os comportamentos e pensamentos diante de diversas situações nas quais eles são submetidos no meio social. Essa característica temática possibilita

uma visão interna da sociedade, já que as obras mostram a relação entre os personagens e o mundo, convívio esse passível de impactar tanto em suas vidas pessoais quanto sociais. Salientamos que não seria aconselhável realizar uma separação drástica entre os romances sociais e psicológicos do autor, pois ambas as tendências são inseridas nas obras. Afinal, as narrativas apresentam uma dialética entre essas duas abordagens em um panorama no qual o homem e o meio são analisados simultaneamente. Ressaltamos que as obras não se limitam somente a essas duas abordagens, de tal sorte que realizar uma restrição e uma rotulação em seus livros seria desdenhar sua peculiaridade artística e desconsiderar os aspectos literários.

Candido (2006b, p. 101) realiza uma analogia do foco narrativo com a tendência social e psicológica nas obras de Ramos. Tendo isso em vista, podemos dividir seus romances como: os de primeira pessoa (*Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia*); os de terceira pessoa (*Vidas secas*, os contos de *Insônia*); e os autobiográficos (*Infância*, *Memórias de cárcere*). Os romances de primeira pessoa indagam sobre a introspecção na “alma humana” (CANDIDO, 2006b, p. 101) e há neles uma tentativa para se descobrir o interior do homem.

Os romances de terceira pessoa têm uma visão abrangente do contexto no enredo. Nesse sentido, abordam os “modos de ser” juntamente com as condições de existência dos personagens. Contudo, eles não adquirem uma análise psicológica aprofundada como os de primeira pessoa. Já nos romances autobiográficos, o autor expressa sua subjetividade e recusa a fantasia “para se abordar diretamente com o problema e o caso humano” (ib.). A predominância de um ou outro desses aspectos sociais e psicológicos podem alternar de acordo com a chave de leitura dos leitores, visto que a literatura permite fazer várias inferências em conformidade com a dimensão analisada. Como exemplo disso, podemos citar *Vidas secas*, obra na qual a narrativa é feita na terceira pessoa, e que, além de apresentar o interior e o psicológico dos personagens, mostra da mesma forma, as suas condições de existência na sociedade.

Sobre a questão das referências sociais em um texto literário, vale considerar que, para nelas se obter sentidos, é ponderável analisá-las no decorrer do próprio discurso da obra, como preconiza Adorno (2003, p. 66). Ou seja, na sua articulação de tais referências podemos perceber como ocorre a relação dos personagens com a sociedade. Isso pode ocorrer na medida em que o próprio discurso apresenta as informações necessárias para mostrar como a sociedade é representada em cada obra.

Quanto ao estilo narrativo de Ramos, segundo os argumentos de Cristóvão (1986, p. 70), as informações sobre a paisagem, o local e o tempo nos romances possivelmente

adquirem significados mais aprofundados caso elas sejam analisadas como uma explicação simbólica para a análise psicológica. Esse posicionamento pode ser justificado ao se perceber que em *Caetés* a descrição da paisagem é reduzida a breves citações, já que o fator principal é o “clima de provincianismo da cidadezinha de interior”, bem como as situações do protagonista dentro desse meio social. Equivalente reflexão percebemos em *Vidas secas*, em que as escritas sobre a paisagem e o local são breves e explicativas. Se Ramos fala sobre eles é porque necessita desses elementos para analisar o comportamento psicológico do homem em meio a um ambiente árduo e difícil da seca.

Tendo em consideração a linguagem, nos romances de Graciliano Ramos há uma “secura da visão do mundo e o acentuado pessimismo, tudo marcado pela ausência de qualquer chantagem sentimental ou estilística” (CANDIDO, 2006b, p. 102). Ou seja, notamos, nas narrativas do autor, uma linguagem objetiva e direta na medida em que se constata o uso de poucos adjetivos. Ademais, as construções frasais são diretas e não possuem uso abundante de figuras de linguagem. As palavras escolhidas por Graciliano Ramos não são rebuscadas. Seu estilo é pois, seco.

De fato, Ramos procura dizer somente o necessário, isto é, em vez de dizer algo irrelevante, ele “preferia o silêncio” como diz Candido:

O silêncio devia ser para ele uma espécie de obsessão, tanto assim que quando corrigia ou retocava os seus textos nunca aumentava, só cortava, cortava sempre, numa espécie de fascinação abissal pelo nada – o nada do qual extraíra a sua matéria, isto é, as palavras que inventam as coisas, e ao qual parecia querer voltar nessa correção-destruição de quem nunca estava satisfeito (CANDIDO, 2006b, p. 143).

Com essa percepção de Candido, percebemos que as escritas de Ramos buscam “dizer” apenas o indispensável. Da mesma maneira, Alfredo Bosi conceitua que a linguagem do autor tem uma “poupança” de palavras (BOSI, 1994, p. 404). Tais posicionamentos sobre o estilo do romancista se tornam legitimados pelas próprias palavras de Ramos, haja vista que ele compara o ofício de escrever com o trabalho de lavadeiras:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa (RAMOS, 1948, s/p).

Nesses direcionamentos, podemos levar em consideração que a dimensão do estilo narrativo de Graciliano Ramos provavelmente dialoga com as temáticas dos seus romances. Afinal, as seleções linguísticas e narrativas assemelham-se aos assuntos abordados nos romances do autor. A título de exemplificação, lembremo-nos da já citada relação do foco narrativo com a tendência social e psicológica, bem como a linguagem seca e objetiva. Em suma, notamos que o romancista tem uma visão de mundo que busca revelar a natureza realista dos brasileiros.

Para finalizar este segmento, evoquemos uma comparação entre o romancista nordestino e Dostoievski realizada por Candido, comparação esta que endossamos: ambos tentam descobrir o “homem subterrâneo” (CANDIDO, 2006b, p. 101-102), a parte reprimida e tenebrosa da individualidade do ser social.

O “silêncio” dos personagens de Ramos explicado pelos autores acima citados mostra, sem dúvida, pontos interessantes da escritura de Ramos. No entanto, é na análise do discurso que vamos encontrar maiores subsídios para verificar a criação deste “silêncio” como veremos no capítulo IV desta dissertação, quando faremos uma análise desse curioso “modo de se comunicar consigo mesmo e com o mundo” do personagem Fabiano, de *Vidas Secas*.

2.2. OS DESDOBRAMENTOS DE GRACILIANO COMO ESCRITOR PERSONAGEM

O ato de narrar, de contar histórias é uma prática discursiva que ocorre, provavelmente, desde que o homem passou a viver em sociedade. Isso porque podemos compreender que o sujeito tem a necessidade de compartilhar suas experiências vividas com o outro, seja na euforia de um filho, ao contar como foi o primeiro dia de aula, seja na vontade de compartilhar ou justificar para alguém o motivo de o sujeito sentir angústia, tristeza, alegria, raiva. O fato é que a atividade de narrar está presente no cotidiano das pessoas. Em algumas situações, porém, o fato narrado não pode ser considerado totalmente verídico, pois é natural que, por vezes, a ficção, ou recursos desta entrem neste relato.

Dito isso, deparamo-nos, portanto, com a concepção de *contar entre a ficção e a realidade*. De acordo com Charaudeau (2014, p. 154), o ato de contar alguma história corresponde a uma atividade que faz surgir um *universo contado*. Nesse universo se misturam os discursos que remetem ao reflexo fiel da história passada, com discursos de uma realidade ficcional criada no delinear da narrativa.

Com o intuito de elucidar a relação entre a ficção e a realidade em narrativas, podemos nos atentar ao romance *Angústia* (1936), de Ramos, no qual nos deparamos com uma autobiografia ficcional do protagonista Luís da Silva. Em uma dada situação comunicativa este personagem conversa com outro, de nome Ramalho, que gosta de contar histórias. A partir daí, Luís da Silva expõe seu posicionamento sobre o ato de contar:

No dia seguinte reproduziria o mesmo caso: o moleque morreria lentamente, sem beijos, a boca enchumada, por causa dos gritos. Eu desejava que seu Ramalho acrescentasse alguma coisa à história. Mas seu Ramalho só sabia aquilo e era incapaz de inventar. Por isso fazia pausas para recordar os fatos com segurança, batia na testa, interrogava-se a cada instante e acusava-se quanto avançava uma informação inverídica:

— 1910. Minto, 1911.1911, Manoel?

[...] Nunca pude saber com precisão a data da morte do moleque. Isto não tinha importância [...] (RAMOS, 2009, p.133).

No excerto acima, podemos perceber que o ato de narrar nem sempre pode apresentar dados verídicos – que podem ser comprovados – referentes ao assunto contado. O que vai realmente interessar o ouvinte é o caso em si, os atores envolvidos no caso, a trama, o clímax e o desfecho. Como vimos, a expectativa de Luís da Silva enquanto sujeito-interpretante é de ter acesso a versões diferentes do mesmo caso contado por seu Ramalho. Pouco importa a data precisa do ocorrido. Para ele, o ato de inventar em narrativas se torna um aspecto positivo do narrador. Neste último caso, chegamos ao questionamento: este ponto de vista sobre a narrativa é de Graciliano Ramos enquanto autor, ou somente de seu personagem? Fato é que não teremos como afirmar ou negar veementemente. O que podemos compreender é que em muitos casos há uma certa presença do posicionamento do autor que é transpassado para seus personagens.

Nessa perspectiva, na medida em que o escritor tem um projeto de escritura, seja de um romance, ou de um conto, pode haver alguns traços da realidade do autor implícitos ou explícitos no fio discursivo, que deixam transparecer o contexto social e histórico contemporâneo, bem como suas posições ideológicas. Charaudeau (2014, p. 189) considera que, de um modo geral, as narrativas apresentam marcas discursivas que acusam a presença e a intervenção do autor como indivíduo. Essa presença tende a remeter a um *efeito de verismo*, ou uma intenção de compartilhar um posicionamento ou uma experiência vivida. Dessa maneira, deparamo-nos com um desdobramento da identidade do autor para um autor personagem.

Para Bastos (2008, p. 11), as obras de escritores como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Rubião permitem que os leitores tenham conhecimento da história de uma maneira que difere da maneira oficial, da história dos livros didáticos, dos artigos, que, em sua maioria, apresentam-na de forma linear. Já com a literatura, a história é contada em uma relação dialética entre o exterior e o interior do sujeito. Temos acesso, portanto, ao seu contexto social, como também temos acesso ao seu íntimo. Percebemos assim quais eram as ideologias, as formações discursivas que estavam presentes nos grupos das sociedades, a partir da visão de mundo do escritor.

Ainda para o autor supracitado, a história que é contada no romance se mistura — em maior ou menor grau — com a história do próprio escritor. “Entre a voz do personagem e a do escritor (e seu narrador) há defasagens [...]”, mas “[...] que não se esqueça que personagem e escritor não são os mesmos, embora se aproximem e se toquem” (ib. p. 13).

Ramos demonstra ter a consciência de que pode, sim, haver um pouco de sua história, de sua identidade, de seus sentimentos na criação dos seus personagens, já que, em um jantar de homenagem para ele, em outubro de 1942, diz:

[...] Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos, porque não sou Paulo Honório, não sou Luiz da Silva, não sou Fabiano. [...] É possível que eu tenha semelhança com eles e que haja, utilizando os recursos duma arte capenga adquirida em Palmeiras dos Índios, conseguindo animá-los (RAMOS in BRUNACCI, 2008, p.15).

Nessa declaração estamos diante de uma polifonia interna, um desdobramento de ‘eus’ de Ramos em três de seus personagens: Paulo Honório, do romance *São Bernardo*; Luiz da Silva, do romance *Angústia*; Fabiano, do romance *Vidas Secas*. Estamos diante de três negativas presentes em seu discurso. O autor nega que seja os protagonistas. Contudo, como já vimos, se há uma negativa é porque, automaticamente, ela é o inverso de uma afirmativa que se esconde sob tal forma enunciativa. Ou seja, se o romancista fez essas negativas é porque, em algum dado momento, houve a afirmação de que ele seria um retrato triplicado desses três protagonistas. Essa afirmação pode existir tanto externamente, quanto internamente no autor. Graciliano declara que sim, que é possível que haja alguns traços de seu “eu”, nesses protagonistas. Vale lembrar também que Ramos na época em que formulou o enunciado acima transcrito, já tinha escrito outros romances, como *Caetés* (1947), *Alexandre e outros heróis* (1962), *Viventes de Alagoas* (1962) entre outros. No entanto, a comparação só ocorre com esses três personagens: Paulo Honório, Luiz da Silva e Fabiano.

Anos depois, em uma carta datada de 23 de novembro de 1949, para Marli Ramos, na qual faz um pequeno tutorial de como escrever, ele expõe:

As caboclas da nossa terra são meio selvagens, quase inteiramente selvagens. Como pode você adivinhar o que se passa na alma delas? Você não bate bilros nem lava roupa. Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. E você não é Mariana, não é da classe dela. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso. [...] Em Mariana você mostrou umas coisinhas suas. Mas, - repito - você não é Mariana. [...] A sua personagem deve ser você mesma (RAMOS, 1980, p. 197).

Nesse discurso, inferimos que o romancista assume que os personagens são desdobramentos de alguns “eus” dos escritores. Ou, melhor dizendo, uma parte, um “eu” dentre os diversos “eus” que existem neles, escritores.

Pensemos dessa forma: diversos “eus” constituem o romancista, e o todo (Graciliano Ramos mais seu desdobramento em sujeito-enunciador) é feito de partes (os múltiplos “eus”; as múltiplas vozes); por conseguinte, o todo é feito de partes e em cada parte há um todo¹⁶.

A partir dessas considerações, podemos perceber que os três protagonistas citados acima podem ser compreendidos como partes de Graciliano Ramos, e que em cada parte há um todo dele. O todo de Graciliano Ramos, pois, será compreendido como seu posicionamento ideológico, sua visão de mundo, suas experiências de vida. Fato é que não podemos afirmar que os protagonistas são o romancista, mas, sim, que há partes de Graciliano Ramos no todo que constitui os personagens.

São Bernardo é um romance autobiográfico, no qual Paulo Honório, um fazendeiro que apresenta uma personalidade dominadora, pois mantém em si um sentimento de propriedade em relação às pessoas ao seu redor, conta sua vida. É um personagem que não se importa com o bem-estar dos outros, só faz aquilo que é benéfico tendo em vista algo em troca, como, por exemplo, implantar uma escola em sua fazenda somente porque terá retorno financeiro do governo. Ele pratica atos de violência com os empregados, não se importa com a mortalidade infantil na fazenda, nem com o seu próprio filho. Podemos considerar que o protagonista tem uma identidade que é o alvo da crítica de G. Ramos e que se baseia em características que o autor repudia de alguns sujeitos da sociedade.

¹⁶ Essa ideia fractal da identidade foi por nós desenvolvida a partir da inspiração que o poema de Gregório de Matos nos suscitou quando lemos estes versos: “O todo sem a parte não é todo. //A parte sem o todo não é parte, //Mas se a parte o faz todo, sendo parte, //Não se diga, que é parte, sendo todo. //Em todo o Sacramento está Deus todo.//E todo assiste inteiro em qualquer parte, //E feito em parte todo em toda a parte, //Em qualquer parte sempre fica o todo.”

Angústia é um romance o qual temos a autobiografia de Luís da Silva, um funcionário público que escreve artigos para um jornal. Ele resolve escrever sua vida depois que mata seu rival, Julião Tavares, que seduziu sua namorada, engravidando-a e, depois, abandonando-a. O personagem Luís da Silva é tomado por um extremo negativismo, não gosta de si mesmo, não gosta de seus escritos, não gosta dos outros. Muitos empréstimos da vida de Ramos são dados a esse protagonista, principalmente os narrados em *Infância*, como o início da alfabetização, as agressões sofridas pelo pai, o trabalho como escritor de artigos em jornais¹⁷, a visão negativa do mundo, o repúdio pelos seus escritos, a prisão política e o ódio à burguesia. Para Candido (2006b, 55-62), há muito em Luís da Silva do que foi reprimido em Graciliano Ramos. Ressaltemos ainda que, nesse caso, será a ficção que explicará muito do “eu” do romancista.

Em *Vidas secas*, o romance é escrito na terceira pessoa e, dessa vez, o protagonista será um retirante nordestino que busca manter a sobrevivência em um meio seco, agressivo e opressor. O protagonista, Fabiano, apresenta também algumas características do romancista, como a timidez, a prisão injusta e o desejo de se comunicar com os outros. Porém, Fabiano passa a vida toda sem saber escrever, ou mesmo sem saber se comunicar e se expressar adequadamente; mas tal desejo existia, podemos dizer, de forma latente, em Ramos, na sua infância. E o sentimento de não se expressar como o desejava deve tê-lo influenciado mais tarde ao escrever o personagem nomeado Fabiano. Conforme podemos perceber em sua autobiografia, G. Ramos almejava falar bem como os meninos vizinhos. Em suas palavras, ele relata que só aprendeu a ler aos onze anos. Essa aproximação entre personagem e escritor é sentida por Ramos, já que em uma carta enviada para Antônio Candido, em 12 de novembro de 1945, ele diz:

Com base onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de *Angústia*. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoievski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece (RAMOS, 1945, apud CANDIDO, 2006b, p. 10).

Os livros *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas*, deixam-nos perceber que os três personagens principais têm uma relação estreita com a linguagem e a escrita. O primeiro relata, como já foi dito, a autobiografia de Paulo Honório; este personagem, aliás, no início do

¹⁷ Graciliano Ramos trabalhou em diversos jornais como: *Jornal de Alagoas*, no *Correio da Manhã*, *A Tarde e o Século*, *Paraíba do Sol*, etc.

romance, comenta as dificuldades que existem para se escrever um livro. No segundo, o protagonista Luís da Silva é escritor de um jornal. No terceiro, Fabiano não escreve, mas, no enredo do romance, demonstra seu desejo de se expressar e de escrever conforme os padrões cultos da língua. Desse modo, inferimos que os três personagens carregam em sua criação um pouco do “eu” e da vida de G. Ramos, pois o romancista foi um escritor de jornal e escritor literário. Ademais, como narrado em sua autobiografia (*Infância*) em sua meninice, ele tinha dificuldades de falar com outros.

Além desses aspectos, diversos outros podem ser comparados se tivermos como base a narrativa de vida, *Infância*, com os demais livros. Com o intuito de elucidar tal aspecto, podemos nos atentar a um fato narrado, no qual o romancista relata sobre uma certa curiosidade que tinha a respeito da palavra “inferno”: ele questionava muito sua mãe a respeito da existência de tal lugar, perguntando se ela tinha certeza de que ele existia e se ela já tinha ido lá. Decerto, esses questionamentos ocasionaram violências físicas para o jovem escritor. De maneira aproximadamente igual, o mesmo episódio é abordado no capítulo “O menino mais velho” do romance *Vidas secas*, no qual o personagem, que não tem nome na trama narrativa e é citado apenas como “o menino mais velho”, ouve a mãe falar a palavra “inferno” e passa a questioná-la sobre tal lugar, inclusive perguntando se ela já tinha visto o tal lugar. O desfecho ocorre de maneira similar à narrativa de vida do escritor. Nesse sentido, notamos como a ideologia cética adotada na vida do escritor nordestino se desdobra em seus personagens, não somente em relação ao caso citado acima, mas também nos casos dos personagens Paulo Honório e Luís da Silva, que não acreditam veementemente nos dogmas da igreja.

Em *Angústia*, o protagonista tem características que remetem à vida do romancista (a que foi narrada em *Infância*), como o fato de ambos terem sido agredidos pelos pais durante o processo de alfabetização; ambos terem se escolarizado depois de 8 ou 9 anos; ambos se sentirem aprisionados na sociedade e ambos estarem presos em virtude da ideologia política.

Dito isso, compreendemos como o ato de contar sua própria história navega entre a ficção e a realidade, pois não teremos como avaliar se a autobiografia de G. Ramos foi influenciada pela ficção dos romances, ou se os romances foram influenciados pela realidade vivida pelo autor. Certo é que estamos diante de um caso de polifonia interna ocorrendo em suas obras: a voz que conta a vida do escritor se mistura às de seus personagens.

Da mesma maneira que dados biográficos do escritor são legados aos seus personagens, assim também o são os posicionamentos ideológicos. Graciliano demonstra

grande insatisfação pela injustiça à qual os seres humanos são submetidos. Em sua autobiografia, *Infância*, o autor relata que, em uma ocasião, fora acusado de ter pegado e escondido o cinto de seu pai, o que não procedia. Ele, no entanto, não deu ouvidos a seu filho, nem sequer perguntou para o menino se ele o tinha pegado, dando-lhe diversas surras. A consequência de tantas agressões, sem motivos, impingidas tanto por seu pai, como também por sua mãe, originou uma descrença na justiça, que transparece em suas próprias palavras:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão [...] Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanharam [...] Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça. (RAMOS, 2008, p. 28-32).

Como vimos, Ramos foi preso sem que houvesse nenhuma prova concreta de sua “culpabilidade”. Desse modo, e diante do excerto acima, deparamo-nos com uma FD contrária à justiça dos homens, uma FD que vê falhas nessa justiça, já que ele e outras pessoas sofrem punições injustamente, sem que tivessem cometido crime algum. Posicionamento similar é abordado em *Angústia*, quando o protagonista relata um caso em que um pai retirante, por problemas financeiros, foi morar com a filha de quatro anos na rua. Um dia, algumas pessoas viram a menina deitada com as pernas abertas e manchas vermelhas em suas partes íntimas e o pai em frente dela. As pessoas não o questionaram, prontamente lhe deram uma surra e chamaram a polícia, que o espancou e o interrogou. O pai assumiu que estuprou a filha e foi preso. Depois de muitos anos, um exame foi feito e nele foi detectado que a filha não havia sido violentada. As manchas vermelhas que se assemelhavam ao sangue eram, na verdade, uma mistura de ervas que o pai aprendeu a fazer no sertão para curar um tipo de doença que costumava acometer mulheres.

Quanto ao posicionamento político, é possível perceber a crítica explícita no personagem de Paulo Honório, em *São Bernardo*, uma vez que ele representa o oposto ideológico de G. Ramos. Assim como os outros personagens, Luís da Silva e Fabiano, Paulo Honório também esteve preso e também adveio de uma classe social menos favorecida. Foi o único, entretanto, que comprou uma fazenda e conseguiu enriquecer, por um momento. Será, então, nesse período próspero que a crítica contra o capitalismo surgirá. Paulo Honório não dá valor às pessoas, não se importa com o bem-estar nem com as condições de trabalho dos seus funcionários. Pelo contrário, ele só se importa com a produtividade e com os lucros. Com o passar dos anos, ele se casa com uma professora que defende a inserção do socialismo na fazenda, mas ela se suicida pelo ciúme exagerado do marido e por ver tantas injustiças e não

poder fazer nada. Enfim, a fazenda ruma à decadência e, no final do romance, o protagonista admite a visão que tinha de seus funcionários:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos (RAMOS, 2010, p. 217).

A analogia com bichos é um recurso que G. Ramos utiliza em seus romances, não somente em *Vidas secas*, mas até mesmo quando fala dele, como indivíduo histórico. Nelas, o escritor utiliza metáforas e comparações animais: em *São Bernardo*, os “outros” são vistos como bichos pelo personagem principal do livro; em *Angústia* e em *Vidas Secas*, os próprios personagens se enxergam como bichos; e, em algumas ocasiões, em *Infância*, o próprio romancista se vê também como bicho. Em suma, notamos como a personalidade ou a identidade ou ainda o jeito de ser/pensar e viver do romancista, enquanto indivíduo histórico, estão infiltradas em suas obras, seja de maneira similar, ou de maneira contraditória, como em *São Bernardo*. Trata-se de um jogo complexo entre o criador e suas criaturas, já que, de alguma forma, estarão nelas presentes uma parte dele.

2.3. OS DESDOBRAMENTOS DOS “EUS” DE GRACILIANO RAMOS EM *INFÂNCIA*

Como vimos, o escritor, ao realizar suas narrativas que contêm fatos/menções referentes à vida do autor, mistura nelas diversas outras vozes. De acordo com Machado (2016), há uma identidade narrativa, ou seja, quando alguém narra acontecimentos de sua vida, este alguém mescla a identidade à alteridade e sua narrativa se mostra então repleta de múltiplas outras vozes¹⁸. Ainda segundo Machado (2016), a identidade individual se mostra assim ligada às identidades coletivas e conduz às narrativas de vida: ainda que o sujeito-narrador tenha a ilusão de ser único e suas aventuras ou desventuras dizem respeito a outros. A história narrada por um sujeito determinado sempre estará interligada com diversas histórias alheias.

Infância é uma autobiografia, ou uma narrativa de vida que apresenta as aventuras da meninice de G. Ramos: seu doloroso processo de alfabetização; a primeira visão de um

¹⁸ Notas tomadas no curso *STV em Linguística do Texto e do Discurso: Identidades, Emoções e Imaginários discursivos* ministrado pela Professora Doutora Ida Lucia Machado, no Poslin da FALE/UFMG, no primeiro semestre de 2016.

cadáver; a primeira paixão; as primeiras injustiças; as diversas punições. Em alguns fatos narrados, notamos como a identidade do romancista se desdobra em diversos “eus”, que são repletos de outras vozes. Trata-se de uma experiência, ainda na fase escolar inicial, sobre a leitura de um livro de literatura do Barão de Macaúbas, que contava a história de um menino que, a caminho da escola, conversa com passarinhos. O jovem personagem do livro questiona a linguagem utilizada no livro:

Forma de perguntar esquisita, pensei. [...] O que ele intentava era elevar as crianças, os insetos e os pássaros ao nível dos professores. [...] Infelizmente um doutor, utilizando bichinhos, impunha-nos a linguagem dos doutores.

– Queres tu brincar comigo?

O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral. E a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro – e a gente percebia que era dele o pedantismo, atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações (RAMOS, 2008, p. 108).

Notamos que os dois “eus” do romancista aí se imbricam: o “eu” do passado, da infância, e o “eu” do presente. O Graciliano Ramos do passado relembra as histórias que lia e a dificuldade de aceitar a linguagem que, até então, era desconhecida para ele. Já o Graciliano Ramos do presente analisa e faz reflexões sobre essa dificuldade, no “eu” sociotemporal do romancista; inferimos assim que em seus escritos, mostram-se vozes ideológicas advindas do social e do coletivo¹⁹.

O posicionamento do “eu” do romancista é uma reflexão que se baseia no seu trabalho, o de escritor, e, portanto, possui e mostra uma ideologia que pertence ao “eu” do presente. Nesse caso, percebemos como o trabalho está imbricado nas memórias de vida do romancista, pois, ao passo em que ele vai contando os fatos passados, neles se misturam o contexto social e histórico do presente. Trata-se de uma voz ideológica que vai contra o uso de uma linguagem que o povo em geral, em seu dia a dia, não usa e que, por consequência, o menino G. Ramos pensa que poderá dificultar o ensino/aprendizagem da língua. Não é que o escritor defenda que não se deva ensinar gramática na escola, pelo contrário, ele é um autor que preza por uma escrita impecável em termos gramaticais. Mas, ao mesmo tempo, ele acredita que a linguagem ensinada deve se aproximar do uso cotidiano das pessoas e não de

¹⁹Alguns escritores sustentam o posicionamento de que a escrita literária deve se aproximar da linguagem utilizada no mundo real, como Graciliano Ramos, por exemplo. Outros acreditam que a escrita deve se pautar na língua culta.

uma forma idealizada pelo escritor do livro que o menino-personagem de *Infância* lia, exemplificada aqui pela frase “Queres tu brincar comigo?”.

Em outros momentos na narrativa de vida de G.Ramos, também é possível identificar a crítica que o romancista faz acerca da linguagem usada para o ensino do português, na escola. São enunciados que lhe causam muitas dúvidas:

[...] ‘A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão pro alguém.’
Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.
– Mocinha, quem é o Terteão? (RAMOS, 2008, p. 93).

Como se vê, Ramos serve-se de um sujeito-enunciador irônico para criticar a linguagem utilizada nestas aulas, e para isso relembra a dificuldade que teve para entender o significado da estrutura “ter-te-ão” em sua infância. Pelo fato de não ter presenciado o uso de tal expressão em seu cotidiano, ele acreditava se tratar de um nome próprio, o que, narrado no romance *Infância*, pode causar risos no leitor. Estamos, portanto, diante de uma situação de comunicação que não alcançou seu objetivo. O sujeito-enunciador utilizou uma expressão linguística que ele acreditaria ser entendido pelo seu sujeito-destinatário. O enunciado, porém, não foi interpretado pelo aluno, o que causou a falha comunicativa.

É evidente que tais memórias podem ter sido reais ou não. Entretanto, o que importa é o posicionamento do romancista sobre o assunto e a imagem que ele constrói para si e para o outro deixando transparecer sua visão de mundo. Nesse sentido, percebemos que tanto o “eu” - *escritor-crítico* quanto o “eu” - *professor* de Ramos fazem parte dos trechos de *Infância* por nós destacados neste segmento. Vale ressaltar que durante alguns anos Ramos foi professor de Francês. Assim, as experiências de vida do professor que se torna escritor podem ter se misturado aos, ou pelo menos influenciado os, fatos narrados sobre sua infância.

O escritor nordestino também conta no mesmo livro as diversas violências que os negros sofriam nas mãos de seus empregadores. São várias as situações narradas dentro desse tema e nelas percebemos uma ideologia racista e de propriedade dos patrões brancos em face dos empregados negros. O pai de Graciliano era um dos vários agressores que havia na cidade, como era também a figura de Chico Brabo. Este último, porém, foi uma surpresa para Ramos, pois ele o via como uma pessoa bondosa, mas que, em casa, se revelava um ser bastante agressivo. Como em uma situação, descrita em *Infância*, na qual o menino-personagem presencia uma agressão feita por Chico Brabo ao seu jovem empregado, João.

Diante disso, o romancista faz a seguinte reflexão sobre as máscaras de identidade que o sujeito manipula quando está na rua e quando está em casa:

Duas figuras me perseguiam na doença prolongada: o sujeito amável, visto na rua, e a criatura feroz da sala de jantar. As discrepâncias avultavam, acumulavam-se – e era difícil admitir que alguém fosse tão generoso e tão cruel. [...] Onde estava Chico Brabo? Qual dos dois era o verdadeiro Chico Brabo? Estarrecia-me esse desdobramento. [...] Chico Brabo parecia-me dois seres incompatíveis. Em vão tentei harmonizá-los. As lembranças multiplicavam-se, exageravam-se. Arriado na cama de lona, as pálpebras coladas, via distintamente um deles. Os ouvidos excitados na cegueira fixavam-me na imaginação o segundo (RAMOS, 2008, p. 129).

Nas memórias juvenis do autor, compreendemos sua aflição ao presenciar tamanhas violências contra o ser humano e as mudanças de atitudes/personalidades de certos seres que ele até apreciava. Desse modo, estamos diante de um “eu” que crítica as máscaras destes indivíduos que constroem uma imagem benevolente de si, sociável, amigável, mas que, conforme as situações em que não precisam mais sustentar tal imagem, deixam aflorar outros “eus” contraditórios, violentos.

As violências e as injustiças que são denunciadas em *Infância* deixam transparecer um “eu” de Ramos que questiona as ações dos homens que detêm o poder na sociedade, como o de seu pai, que ganhou o cargo de juiz da cidade e mandou pessoas inocentes para a cadeia por ordens de amigos. As pessoas de classes sociais menos favorecidas são consideradas como objetos pelos demais, e pouco importa se são vítimas de assassinatos e violências: elas não têm valor para os demais. E é isso que o romancista denuncia em suas memórias.

Podemos citar também um caso no qual uma mulher negra é morta devido a um incêndio em sua casa. O jovem personagem que acreditamos ser um *alter-ego* de Graciliano, então, vai até o local para ver o corpo. Ele fica horrorizado ao vê-lo totalmente destruído, volta para casa e narra o que viu aos seus pais. O que ele ouve de sua família é que o caso nem foi tão ruim assim, pois poderia ter acontecido um incêndio na igreja ou no comércio, e aí poderiam ter morrido pessoas mais importantes. A mulher que morrera, portanto, nada significa para eles, pois era negra e pobre.

Diante de tantas crueldades presenciadas pelo autor, ele relata que já se sentia preso, pois afirma que: “Eu vivia numa grande cadeia. Não, vivia numa cadeia pequena, como um papagaio amarrado na gaiola” (RAMOS, 2008, p. 181). Ele não podia externar suas opiniões para seus pais, porque sabia que não seria bem interpretado.

O fato é que o romancista se tornou um homem de poucas palavras, já que desde a sua infância, acostumara-se a ser reservado e se manter na maior parte do tempo em silêncio. Foi aprender a se comunicar bem com os outros quando tinha mais ou menos onze anos de idade. Antes, calava-se, como ele mesmo relata em suas memórias. Esse calar-se diante dos outros, o silenciamento ao qual ele era obrigado a se submeter, fazia-o se sentir preso. O mundo opressor o fazia se calar. De maneira similar, compreendemos o silenciamento causado pelo mundo opressor no personagem de *Vidas secas*, como veremos a seguir:

2.4. VIDAS SECAS

O *corpus* central de nossa pesquisa, *Vidas secas*, narra a história de uma família, composta por Fabiano, Sinhá Vitória, o filho mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, família esta que busca a sobrevivência em um ambiente predominado pela seca. Nessa obra, Graciliano Ramos aborda os comportamentos de Fabiano em um meio severo e opressivo, além de apresentar os aspectos psicológicos dos personagens e as suas reações diante de situações de seca e injustiça social. Essa narrativa possibilita ao leitor ver o “mental esgarçado e pobre” (BOSI, 1994, p. 402) da família devido à seca e à opressão da sociedade. Nela, podemos perceber a relação conflituosa de Fabiano com o seu contexto, que possivelmente impacta na construção de sua identidade. O protagonista é submetido a diversas situações de desrespeito e a inúmeras desigualdades sociais.

Fabiano é um homem “esmagado” tanto pela sociedade quanto pela natureza. Não é como Paulo Honório, de *São Bernardo*, e Luís da Silva, de *Angústia*, que “pensam, logo existem”: “Fabiano existe, simplesmente” e sofre tanto pela fome quanto por sua existência. O “eu” interior do protagonista é “nebuloso”, na mesma medida, o primitivo do homem é “puro” em Fabiano. (CANDIDO, 2006b, p. 63). A identidade de Fabiano é ressaltada em meio a de outros personagens de Graciliano por Cândido.

O protagonista de *Vidas secas* não tem muita habilidade para se expressar verbalmente com as pessoas. Porém, não é somente a falta de comunicação que silencia esse personagem na trama narrativa. Podemos notar que o ambiente opressivo ao qual ele é submetido pode contribuir tanto para o seu silenciamento quanto para os seus conflitos internos.

Vidas secas corresponde ao entrosamento do sofrimento humano vinculado ao tormento que a natureza proporciona. A similaridade do sofrimento geográfico com a seca, a

fome e o problema social perpassa no romance e adquire significado pela “elevada qualidade artística” que Ramos concede à sua narrativa. A “seca lucidez” de *Vidas secas* possibilita uma das abordagens “mais honestas” na nossa literatura sobre o homem e a vida (CANDIDO, 2006b, p. 99).

Com base no que foi dito, acreditamos que os sofrimentos de Fabiano não são ocasionados somente pela seca, mas, sim, por um conjunto de injustiças, desigualdades e desrespeitos aos quais ele é submetido ao longo de sua vida no enredo do romance. Devido a esses fatores, podemos perceber dimensões de identidades discursivas do protagonista sendo formadas ao longo da narrativa, possivelmente são acarretadas por essas circunstâncias sociais.

A linguagem, no romance, é feita a partir do silêncio dos personagens. A força de Graciliano Ramos está em mostrar um discurso extremamente tocante (e logo comunicativo) feito por um personagem que pouco fala. Fabiano não conversa muito com sua família, nem com outras pessoas. Ademais, quando tenta fazê-lo, raramente obtém sucesso, visto que ele se comunica mais através de gestos que por meio de palavras. No decorrer da narrativa, não existem diálogos, não existe conversa, não existe uma comunicação “normal”. Cabe ao narrador a tarefa de mostrar os sentimentos e os pensamentos dos personagens. Nessa circunstância, o foco narrativo da terceira pessoa e o discurso indireto livre suprem a deficiência linguística dos personagens; o narrador “fala” por eles.

O silêncio, na perspectiva da AD é entendido como aquilo que, por não ter sido dito, por isso mesmo, diz. Ao se optar pelo silêncio, diversas alternativas de sentidos e interpretações se manifestam. Segundo Eni Orlandi, esse recurso pode indicar que o sentido pode ser outro, diferente daquele esperado, como podemos observar no seguinte excerto:

Este [o silêncio] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam (ORLANDI, 2001, p. 83).

Seguindo nesse pensamento, notamos que *Vidas secas* é mergulhado na linguagem do silêncio, e isso, como Orlandi explica, tem significado. Nesse sentido, a construção do silêncio no romance adquire possíveis dimensões de interpretações. Uma delas é a de Marinho (1997). Segundo a autora, Fabiano tem o conhecimento de sua carência do domínio da linguagem oral. Com isso, ele se coloca em posição de uma pessoa que é observada e julgada por essa deficiência. Por conseguinte, ele se sente censurado ao tentar comunicar com outras

peessoas, pois leva em consideração a possibilidade do erro e do não entendimento. De acordo com Marinho, no pensamento de Fabiano, a linguagem não lhe pertence: ela cabe somente aos homens e, como Fabiano não se vê como um homem, a linguagem não lhe compete, não faz parte de sua existência (MARINHO, 1997, p. 251).

Ainda de acordo com os pressupostos de Marinho, um dos recursos utilizados para expressar os sentimentos e os pensamentos de Fabiano é o uso do discurso indireto livre e do discurso direto. Conforme a autora, “a voz reprimida e abafada” do protagonista se manifesta na voz do narrador com o uso do discurso indireto livre. Em algumas situações, o discurso direto representa a exteriorização dos pensamentos do personagem. Quando Fabiano fala, é para si mesmo ou em voz baixa. O uso desses recursos, de acordo com Marinho (1997, p. 255), representa a tentativa de Fabiano de estabelecer sua identidade. No momento em que Fabiano tem a necessidade de se sentir como um homem, ele deseja falar alto, matar o soldado amarelo e pensa até em entrar para o cangaço. Já quando Fabiano se identifica como um bicho, ele permanece em silêncio e fala em voz baixa. Observamos nesse contexto, o uso do discurso indireto livre.

Assim sendo, em *Vidas secas*, o narrador de terceira pessoa possibilita uma leitura a partir de dois pontos de vista: uma parte de uma visão mais ampla da sociedade — o narrador nos apresenta um contexto de exploração financeira e política —, o segundo mostra o interior dos personagens, nos quais são narrados os seus pensamentos (MARINHO, 1997, p. 252). Esse aspecto da obra permite realizar uma possível relação de como o contexto social pode influenciar o íntimo dos personagens, haja vista a dialética do foco narrativo em apresentar o social e o psicológico. Sob essa reflexão, notamos que o narrador apresenta o contexto social juntamente com os pensamentos e os sentimentos dos personagens.

Dito isso, voltamos para a questão do silenciamento no ponto de vista de Orlandi. O silêncio, assim com a linguagem, não é transparente: é tão ambíguo quanto as palavras, pois o sentido que ele produz dependerá das condições específicas da situação de comunicação. Será, portanto, inútil tentar traduzir o silêncio em enunciados, já que ele não fala, ele significa. No entanto, é possível compreender os sentidos produzidos pelo silêncio com métodos de observações discursivas (ORLANDI, 207, p.101).

Assim como o discurso, o silêncio é heterogêneo e pode representar diversas facetas, afinal, o silêncio pode manifestar uma emoção, uma contemplação, uma introspecção, uma revolta, uma derrota, uma resistência. O silêncio do sujeito-comunicante pode provocar inquietações no sujeito-interpretante, pois este último não tem acesso ao íntimo daquele, não

tem consciência dos pensamentos dos outros, ficando sempre na especulação. Por isso, quando nos calamos em uma sala de aula, essa atitude pode ser interpretada como respeito, como atenção ao que o professor diz, mas pode adquirir também outro sentido: pode significar medo do aluno de questionar algo em frente aos colegas, pode significar cansaço e mesmo indiferença ao que é dito pelo professor...

Para a linguista, há duas formas de silêncio: o *silêncio fundante* e a *política do silêncio*. O primeiro é o que existe nas palavras, ou seja, significa o não-dito. O segundo é subdividido em silêncio constitutivo, que indica que, *para dizer, é preciso não dizer*, isto é, ao selecionar as palavras para produzir um enunciado, automaticamente se silenciam outras palavras, ou seja, é a inscrição do sujeito em uma determinada FD; e em silêncio local, que se refere à censura, à proibição de se dizer algo em uma dada conjuntura. O sujeito, dessa forma, é impedido de se inscrever em uma FD. Nesse sentido, o silêncio trabalha nos limites das formações discursivas, já que serão as FDs que determinam o que deve ser dito em uma dada formação ideológica. Em outras palavras, ao se estipular o que deve ser dito, simultaneamente se obriga a silenciar certas palavras e expressões que vão contra essa FD (Ib., p. 74). Entretanto, pode haver transgressões a esses limites da FD, o que não quer dizer que a proibição e a delimitação do que se deva dizer realmente seja efetivado pelos sujeitos comunicantes.

A censura é uma forma do silêncio que está relacionada ao estado opressor da sociedade: proíbe-se que sejam utilizadas algumas palavras para que se evite o sentido produzido por elas. Com bem postula Orlandi, ao se proibir que sejam construídos certos sentidos, proíbe-se que o sujeito ocupe algumas posições na sociedade, já que o sujeito e o sentido se constituem dialeticamente no discurso (Ib., p. 90). Contudo, muitas pessoas se recusaram à submissão da censura e fizeram uso de palavras diferentes, palavras permitidas para obterem o sentido que almejavam. Foi o caso de Graciliano Ramos, que em seus romances fazia diversas críticas ao capitalismo e ao governo opressor. Para muitos, essa foi a razão de sua prisão política.

De acordo com Cândido (2006b, p. 32), a leitura das obras de G. Ramos nos fazem perceber a vida do romancista: a maneira de viver condiciona o modo de ser e de pensar do homem. Dito isso, compreendemos que o sistema opressor da sociedade impõe as formas de comportamento e ideologias que se encaixam em seus padrões, que, por conseguinte resultam em sujeitos oprimidos pela forma ideológica imposta a eles.

O silêncio também é o lugar no qual circulam diversas vozes; quando o sujeito se cala, ele pode estar imerso em diversos pensamentos. Na maioria das situações, quando temos que assumir determinadas atitudes diante dos outros, será no silêncio que essa deliberação interna acontece. Esse será o caso de nossa análise. Em *Vidas secas*, Fabiano se cala diante de algumas situações, mas no instante do seu silêncio, diante do outro ou de si mesmo (assumindo o papel do outro), várias deliberações ocorrem em seus pensamentos antes que ele tome alguma atitude. Nessas deliberações podemos compreender que várias vozes ideológicas atravessam os seus pensamentos e, como vimos no capítulo anterior, a polifonia interna do sujeito revela diversos “eus” no âmago do sujeito.

Pois bem, não consideramos que o silenciamento de Fabiano se dá pela simples explicação de que ele não tem conhecimentos da língua e da escrita: há razões ideológicas por traz do seu silêncio. Há questões de identidade por traz de seu silêncio. Doravante, teceremos como será nossa metodologia de análise para sustentar a hipótese de que por traz do silêncio de Fabiano há um atravessamento de vozes ideológicas que censuram e delimitam a atitude a ser tomada.

CAPÍTULO III

FABIANO: UMA COMPLEXA RELAÇÃO DO “EU” INTERIOR COM AS VOZES EXTERIORES

Antes de passarmos à análise do *corpus* principal desta pesquisa, qual seja, o romance *Vidas Secas* (do qual analisaremos alguns excertos representativos do objetivo da obra) gostaríamos de esclarecer/mostrar mais alguns dos passos teóricos que nos guiarão nesta análise. Eles serão à medida que esta se processará fundidos a conceitos de Pêcheux e Bakhtin, como foi dito na Introdução da pesquisa.

3.1. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A metodologia empregada nesta pesquisa será realizada por meio de um constante movimento teórico de vai-e-vem que empreenderemos entre alguns conceitos de Pêcheux/Orlandi, Charaudeau/Machado e Bakhtin. Não se trata de um proceder aleatório, mas de operar uma bricolagem (em seu bom sentido) que reúna certos pontos incisivos de teorias discursivas, pois, acreditamos, uns podem vir a complementar outros.

Partiremos para o estudo da perspectiva polifônica e dialógica que acreditamos estar presente nas formações discursivas que contêm os diálogos e os monólogos do protagonista principal de *Vidas secas*. Como já vimos, Fabiano é um ser silenciado e, devido a isso, pretendemos verificar como as FDs podem contribuir para o silenciamento desse personagem, como também analisar as múltiplas vozes que atravessam essas FDs. A polifonia parte do pressuposto de que, em alguns discursos, há “uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (BAKHTIN, 2015, p. 4). Em outras palavras, a polifonia se constitui de vozes plenivalentes ou equipolentes. O dialogismo, como já vimos anteriormente, é a base de formação de toda linguagem, pois o seu uso já vem carregado por outros usos.

Adotaremos conceitos vindos do *Modos de organização do discurso* postulados por Charaudeau (1992, 2008), que constituem os princípios de organização da matéria linguística dependentes da finalidade comunicativa do sujeito, quais sejam: enunciar, descrever, contar, argumentar. Os procedimentos em utilizar determinadas categorias de língua com o intuito de organização em função da finalidade comunicativa podem ser agrupados em quatro *modos de organização*: o *Enunciativo*, o *Descritivo*, o *Narrativo* e o *Argumentativo* (CHARAUDEAU, 2014, p.74).

Com o intuito de perceber como as formações discursivas interpelam os sujeitos, analisaremos os diálogos e os monólogos internos de Fabiano sob a ótica do *modo de organização do discurso enunciativo* (CHARAUDEAU, 2014, p. 81-84), para entendermos

como ocorrem as relações de força na enunciação. Ao analisar os monólogos internos do protagonista que nos são apresentados pelo narrador de terceira pessoa, intencionamos verificar a polifonia interna que ocorre nos pensamentos dele; a polifonia interna, por sua vez, pode resultar em um desdobramento de “eus” que sustentam posições ideológicas diferentes ou similares (MACHADO, 2014/2015). Nosso propósito será, então, analisar as relações de força entre os múltiplos “eus”, as múltiplas vozes e como eles podem afetar as atitudes e o silenciamento. De acordo com Charaudeau (op.cit.), esse modo consiste em analisar os “seres de fala”, internos à linguagem. Assim, sua perspectiva é a de organizar as categorias da língua e compreender as posições e as relações que os sujeitos ocupam em relação ao interlocutor, ao que ele diz e ao que o outro diz. Em suma, os objetivos do referido modo poderiam ser assim explicados:

- ✓ Entender a relação de influência entre o locutor e o interlocutor em um comportamento alocutivo;
- ✓ Estabelecer o ponto de vista do locutor em um comportamento elocutivo e;
- ✓ Retomar a fala de um terceiro em um comportamento delocutivo.

Os procedimentos para uma análise enunciativa do discurso podem ser demonstrados no seguinte quadro (CHARAUDEAU, 2014, p. 85):

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA
<p>RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA</p> <p>(relação do locutor com o interlocutor)</p> <p>=ALOCUTIVO</p>	<p>Relação de força (locutor/interlocutor)</p> <p>+ -</p> <p>-----</p> <p>Relação de pedido (locutor/ interlocutor)</p> <p>+ -</p>	<p>Interpelação</p> <p>Injunção</p> <p>Autorização</p> <p>Aviso</p> <p>Julgamento</p> <p>Sugestão</p> <p>Proposta</p> <p>-----</p> <p>Interrogação</p> <p>Petição</p>
<p>PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO</p> <p>(relação do locutor consigo mesmo)</p> <p>= ELOCUTIVO</p>	<p>Modo de saber</p> <p>-----</p> <p>Avaliação</p> <p>-----</p> <p>Motivação</p> <p>-----</p> <p>Engajamento</p> <p>-----</p> <p>Decisão</p>	<p>Constatação</p> <p>Saber/ignorância</p> <p>-----</p> <p>Opinião</p> <p>Apreciação</p> <p>-----</p> <p>Obrigação</p> <p>Possibilidade</p> <p>Querer</p> <p>-----</p> <p>Promessa</p> <p>Aceitação/recusa</p> <p>Acordo/desacordo</p> <p>Declaração</p> <p>-----</p> <p>Proclamação</p>
<p>APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA</p> <p>(relação do locutor com um terceiro)</p> <p>= DELOCUTIVO</p>	<p>Como o mundo se impõe</p> <p>-----</p> <p>Como o outro fala</p>	<p>Asserção</p> <p>-----</p> <p>Discurso relatado</p>

(Quadro número 1, segundo Charaudeau (2014, p.85))

No comportamento alocutivo, o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor e atribui *papéis linguageiros* para si e para o outro. Esses papéis podem ser divididos em dois tipos: posição de superioridade e posição de inferioridade. No primeiro, o locutor impõe uma ação (fazer fazer/ fazer dizer) para o interlocutor com o qual estabelece uma relação de força. No segundo, o sujeito assume uma posição na qual necessita do “saber” e do “poder fazer” do interlocutor e estabelece uma relação de petição entre ambos (Ib., p. 82).

Nessa perspectiva, podemos compreender que a relação de influência entre o locutor e o interlocutor depende das posições sociais e ideológicas de ambos. Nisso, a relação entre ambos se define de acordo com as características identitárias dos parceiros da comunicação: sociais (raça, classe, etc); socioprofissionais (médico, escritor, etc.); psicológicas (inquieto, nervoso, sereno, etc) e relacionais (os parceiros entram em contato pela primeira vez ou não, eles se conhecem ou não, têm uma relação de familiaridade ou não) (Ib. p. 70). A análise do comportamento alocutivo auxiliar-nos-á na compreensão das relações de poder e de opressão que se estabelecem entre o protagonista de *Vidas secas* e as pessoas do seu meio social.

No comportamento elocutivo, o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo. Nesse sentido, analisaremos como são organizados os pontos de vista das múltiplas vozes que mergulham nos pensamentos de Fabiano e que podem contribuir para a sua tomada de posição. Alguns pontos de vista do protagonista poderão ser compreendidos por intermédio de uma configuração implícita dos enunciados. De tal modo, será possível identificar o comportamento elocutivo tendo em vista o implícito construído a partir do contexto da situação comunicativa de Fabiano.

A organização dos pontos de vista, de acordo com o linguista francês, pode ser especificada como (ib., p. 83):

1. O ponto de vista do *modo de saber* que demonstra a maneira que o locutor tem o *conhecimento* sobre determinado assunto corresponde, desse modo, às modalidades de *constatação* e de *saber/ignorância*;

2. O ponto de vista de *avaliação* no qual se tem a maneira como o sujeito *julga* determinado assunto e/ou o enunciado corresponde, portanto, às modalidades de *opinião* e de *apreciação*;

3. O ponto de vista de *motivação* que especifica a *razão* pela qual o sujeito é levado a realizar alguma atitude ou enunciado correspondendo às modalidades de *obrigação*, *possibilidade* e *querer*;

4. O ponto de vista de *engajamento* que mostra o grau de *adesão* do sujeito corresponde às modalidades de *promessa*, *aceitação/recusa*, *acordo/desacordo* e *declaração*.

5. O ponto de vista de *decisão* que especifica o *estatuto* do locutor e o *tipo de decisão* que o ato de enunciação realiza corresponde, pois, à modalidade de *proclamação*.

No comportamento delocutivo, o sujeito falante *testemunha* a maneira pela qual os discursos dos outros se impõem a ele e que podem se apresentar em duas possibilidades: na primeira, o locutor diz “como o mundo existe”, relacionando-o a seu grau de *asserção*. É o caso das modalidades de *evidência* e *probabilidade*; na segunda, o locutor *relata* “o que o outro diz e como o outro diz”. Seria, nesse caso, as diferentes formas de *discurso relatado*. Vale ressaltar ainda que as modalidades delocutivas são desvinculadas tanto do locutor quanto do seu interlocutor.

Enfim, com base também nesses conceitos (além de outros, citados no capítulo I) tentaremos analisar o nosso *corpus*, buscando uma visão mais aprofundada da relação que o protagonista, Fabiano, mantém com o seu exterior, com as vozes sociais, com o discurso e com o outro.

3.2. AFINAL, EM MEIO A TANTOS “EUS” QUEM SOU EU?

Vidas secas é um romance silencioso, não existem muitos diálogos e nem muitas conversas. Por isso, na maior parte da narrativa o recurso predominantemente é o discurso indireto e indireto livre. Sendo assim, cabe ao narrador formular discursivamente os pensamentos e sentimentos dos personagens para que o leitor tenha acesso às suas mais íntimas reflexões.

A obra retrata a vida de uma família de retirantes, como já foi dito. Esta família caminha em busca de algum lugar para permanecer e alimentar-se. Eles encontram uma fazenda vazia e a habitam com a intenção de esperar o fim da seca. Logo depois há uma pausa da seca, visto que começa a chover no sertão. Com isso, o dono da fazenda aparece e Fabiano se oferece para trabalhar como vaqueiro. Nesse período de trégua da seca são retratadas

diversas situações sociais que envolvem os personagens, como os preços altos das mercadorias, a prisão injusta de Fabiano, os erros de pagamento do salário, dentre outros.

Algum tempo depois, a seca retorna ao nordeste e com ela vem novamente a incerteza da sobrevivência da família. Fabiano e sinhá Vitória decidem que precisam fugir para encontrar outro lugar. Nessa conjuntura, notamos o desenho circular da obra (Antonio Candido, 2006b), uma vez que a narrativa começa com uma fuga e termina com outra. Compreendemos, desse modo, que Fabiano e sua família estão destinados a conviver sempre com a incerteza da morte devido à seca.

Dito isso, vale ressaltar que o romance de G. Ramos possibilita diversas chaves de leitura para o leitor, seja com a animalização dos personagens, ou a humanização de um animal (Baleia). Contudo, o que nos chama a atenção é o dilema interno vivido pelo protagonista Fabiano que não sabe se é homem ou bicho, sua identidade oscila entre os dois polos, o ser humano e o animal. Os pensamentos e as autorreflexões do personagem indicam que ele tenta solucionar esse conflito, como podemos verificar no excerto abaixo, que voltamos a utilizar como ilustração para a ambiguidade de Fabiano:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

[...] Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca [...]. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

- Um homem, Fabiano.

[...] Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. (RAMOS, 2010, p. 18 – p. 24).

As palavras “homem” e “bicho”, no contexto social de Fabiano, vão além do significado biológico, dado que elas carregam um sentido moral e simbolizam a representação do papel social do personagem perante à sociedade. Nessa perspectiva, o sentido das palavras irá depender da carga ideológica que é transferida para elas. Quando Fabiano sente que seu papel perante sua família não é de um homem capaz de sustentar e criar seus filhos, quando se

sente forçado a viver como bicho, fugindo da seca e escondendo em matos e casas abandonadas, a palavra “bicho” adquire uma carga negativa. Contudo, quando em suas memórias de vida, ele faz uma comparação e uma associação das situações que ele esteve com a adaptabilidade de sobrevivência dos animais, o sintagma “bicho” adquire um teor positivo.

Em vista disso, podemos perceber que as identificações do protagonista com características identitárias próprias dos “bichos” podem ser um recurso utilizado no processo mental de Fabiano para se autorreferenciar no mundo. Essa tentativa de se reconhecer pode ser uma forma de o personagem projetar a imagem que ele tem de si através das identificações produzidas.

Isto posto, compreendemos que as posições sociais do protagonista podem contribuir para a formação identitária e para a imagem que ele constrói de si na narrativa. Essas diversas posições sociais, por sua vez, estão imbricadas a diversos imaginários ideológicos que circulam no meio social. Por exemplo: o imaginário de como deve ser um “homem” no círculo familiar. A figura masculina teria certas características identitárias, como a de ser o provedor e o protetor da família. Portanto, consideramos que no excerto acima transcrito, é possível identificar uma FD de cunho patriarcal que está repleta de vozes advindas de outras FD's, como por exemplo a voz do capitalismo. Na FD capitalista, circulam vozes que sustentam que um homem deve ter propriedade, bens materiais e ser capaz de manter/sustentar seu núcleo familiar.

Fabiano sabe disso, ele sente que não se identifica com a figura “exigida” por tais FDs e, logo, se vê em um conflito interno, visto que ele não tem bens, não tem trabalho fixo, é pobre, miserável.

O conflito interno de Fabiano pode ser observado como uma consequência da heterogeneidade de vozes no âmago do personagem. O efeito dessa multiplicidade nos leva a analisar o desdobramento dos “eus” no protagonista. Nesse sentido, Fabiano mantém uma deliberação interna e polifônica que busca estabelecer uma identidade unívoca e plena para si. Entretanto, como consideramos anteriormente nos estudos de Hall (2006) e Charaudeau (2009), a identidade de um sujeito nunca será única e completa; ela estará sempre em processo; em um processo que abrange a relação do “eu” íntimo do sujeito com o outro e com o externo. Desse modo, a identidade do sujeito estará sempre a depender da relação que ele mantém com o outro, com o mundo e com ele próprio. No caso de Fabiano, entendemos que

esse embate identitário se dá justamente por essa relação complexa do “*eu*” interior com o “*eu*” exterior.

Averiguamos que o “*eu*” interior do personagem tem a consciência de que pode construir para si próprio uma imagem de homem. Já que afinal, ele sabe que tem uma família, conseguiu um emprego – mesmo que temporário –, e até no momento atual da narrativa, ele e a família estão vivos (mesmo vivendo sob condições precárias devido à seca). Em contrapartida à essa consciência, o protagonista se depara com vozes exteriores que formulam como deveriam ser um papel social e as características de um “homem” e de um pai de família. Consideramos que o “*eu*” exterior de Fabiano é quem conhece as ideologias e os imaginários sociais que circulam no mundo. Esse “*eu*” exterior estará, por conseguinte, repleto de vozes morais, vozes de ideologias patriarcais e capitalistas que entram em luta com a voz interior do personagem.

A colisão entre o “*eu*” interior e o “*eu*” exterior abre precedentes para o embate identitário de Fabiano que é constituído de imaginários sociais e de ideologias. Haja vista que, no interior do protagonista há uma luta de vozes: uma que diz que ele é homem e outra que o nega. A voz que nega a imagem de ele ser um homem é repleta de crenças de desigualdade social. Os “homens” seriam aqueles que de alguma maneira teriam bens materiais. Fabiano, por sua vez, não poderia se enquadrar nesta imagem, já que vivia na dependência e na subordinação dos outros e não tinha condições financeiras para melhorar de vida. Em contraste com esta voz, há uma outra que quer ganhar espaço no íntimo do protagonista, quer levantar a auto-estima e quer mostrar que de algum modo ele não será tão inferior o quanto pensa, já que suportou diversas peripécias na vida.

Destarte, os enunciados proferidos neste excerto serão considerados como a exteriorização desse conflito, mesmo que seja por meio de forma monologa, quais sejam:

“-Fabiano, você é um homem [...].”
“-Você é um bicho.”
“-Um bicho.”
“-Um homem.” (RAMOS, 2009, p. 18 – p. 24).

A luz dos pressupostos semiolinguísticos, entendemos que esses enunciados podem nos revelar um comportamento enunciativo de modo elocutivo no qual o sujeito demonstra a relação que mantém consigo mesmo por meio do seu ponto de vista.

Nessa perspectiva, ambos quatro enunciados nos demonstram um ponto de vista de *modo de saber*, em que Fabiano realiza uma constatação sobre as informações proferidas. Da

mesma maneira que no interior do personagem há vozes de dúvidas e de aflições, na exteriorização de seus pensamentos o conflito vai ser delineado em um discurso na categoria de constatação e de saber sobre a imagem que ele constrói de si próprio. Como se pode ver, nessa tentativa infrutífera de estabelecer uma única imagem identitária, as assertivas de Fabiano entram em conflito.

Outros modos de pontos de vista com uma configuração implícita que inferimos estarem presentes nos enunciados são os da categoria de *avaliação*, ligados à modalidade de *apreciação* e o ponto de vista de *motivação*, ligado à modalidade do *querer*. A palavra “homem” adquire uma carga apreciativa para Fabiano e representa uma *forma sujeito* que ele quer ocupar. Identificamos aí o ponto de vista do *querer*, já que ele deseja se identificar com os imaginários existentes sobre a figura do “homem” na sociedade.

Já o termo “bicho” oscila entre sentido apreciativo e depreciativo. Pois, quando Fabiano faz associações desse vocábulo às condições precárias de sobrevivência, Fabiano lhe confere um valor depreciativo. Mas quando ele o associa às condições de fácil adaptação dos animais mesmo em circunstâncias desfavoráveis, o valor torna-se apreciativo.

Em síntese, no trecho transcrito linhas atrás, é possível observar o conflito interno sobre questões identitárias de Fabiano, conflito este ocasionado pelas diversas vozes sociais presentes nos imaginários que constituem uma FD. O protagonista encontra-se em um dilema de identificação e de querer; afinal, em seu íntimo, ele almeja que sua imagem seja associada com a de um “homem” e não com a de um “bicho”. Ademais, se ele sente essa necessidade de identificação é porque intui o que as vozes ideológicas caracterizam como um “homem”. Contudo, oscilando entre o que essas vozes comandam que ele seja, ele se sente perdido e angustiado.

3.3. A MÁSCARA DE IDENTIDADE ESCOLHIDA DIANTE DE UMA INJUSTIÇA

No capítulo *Cadeia*, Fabiano sai para a cidade com a intenção de comprar mantimentos, porém ele resolve passar em um bar onde ele se depara pela primeira vez com o personagem denominado como “soldado amarelo”. O soldado, então, leva Fabiano para um jogo de cartas. Fabiano deseja recusar o convite, mas resolve obedecer e começa a jogar e perde seu dinheiro na aposta. Preocupado, ele se retira do local e tenta pensar em uma desculpa para dar a sinhá Vitória, sua esposa. Nesse momento, o soldado amarelo o persegue

e o questiona sobre sua saída súbita do jogo e pisa com força no pé de Fabiano que pronuncia um xingamento direcionado à mãe do policial. Em consequência disto, o protagonista é preso e agredido na cadeia.

No fragmento abaixo transcrito, percebemos que Fabiano questiona, intimamente, a ação do soldado amarelo, buscando compreender qual o motivo de tamanha violência:

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: - “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”.

Mans agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?:

- An! (RAMOS, 2010, p. 33).

Conseguimos perceber que Fabiano não sabe se defender das acusações: fica em silêncio e emite apenas alguns sons, como o supracitado “an”. Entretanto, antes desse balbucio temos acesso aos seus pensamentos e neles percebemos vozes que o influenciam para que ele se cale diante da injustiça que sofrera. No primeiro parágrafo deste último excerto, notamos a emergência de um “*eu*” *interior* de Fabiano que não concorda com o ocorrido. Este “*eu*” tem consciência dos fatos e de sua inocência. Já no segundo parágrafo percebemos um “*eu*” *exterior* que reconhece a normalidade de atitudes arbitrárias advindas da polícia e do governo e assume como corriqueiras as ações de injustiças e violências cometidas contra os marginalizados. Nesse “*eu*” *exterior*, que entra em conflito com o “*eu*” *interior* de Fabiano, é possível compreender o surgimento de vozes ideológicas para justificar a situação.

Levando em consideração este segmento do excerto: “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (op.cit.), podemos observar a manifestação da poderosa voz ideológica do governo, no âmago dos pensamentos de Fabiano; tal voz se posiciona como uma entidade superior e inquestionável, quaisquer que sejam as suas ações. À voz do governo misturam-se às vozes dos marginalizados e estes reconhecem e legitimam o discurso de poder

do governo, o que provoca uma heterogeneidade de vozes no personagem. Em suma, estamos diante de uma polifonia interna do protagonista, na qual há um combate de vozes.

Tomando por base Charaudeau (1992), estamos, no caso do excerto acima, diante de um comportamento alocutivo e elocutivo que pode ser assim sintetizado: ²⁰

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	FRAGMENTOS DO ROMANCE
Alocutivo	Relação de força	Injunção	“Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita. ”
Elocutivo	Modo de saber	Constatação Saber/ignorância	“Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças”
	Avaliação	Opinião	“Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota um cabra na cadeia, dá-se pancada nele?”
	Engajamento	Recusa	“Mas agora rangia os dentes. Merecia castigo? An!

(Quadro número 2, conforme Charaudeau, 2014, p. 85, por nós elaborado)

Os enunciados da coluna “fragmentos do romance” são os discursos que indicam as categorias de língua que apontam as especificações enunciativas e, por sua vez, demonstram o comportamento enunciativo. Nesse sentido, o excerto escolhido para a análise expõe um comportamento alocutivo e elocutivo. O alocutivo pode ser compreendido na relação de força do enunciado que é ocasionado por sua injunção.

O elocutivo pode ser concebido como o lugar de encontro para os pontos de vista do sujeito falante. Fabiano apresenta o ponto de vista do *modo de saber* ao demonstrar que tem *conhecimento* da desigualdade social que o rodeia. Ele sabe que as pessoas são tratadas conforme sua posição social. Outro ponto de vista que inferimos no excerto é o de *avaliação* em uma configuração implícita, pois o personagem realiza um julgamento e emite uma *opinião* sobre a atitude do soldado amarelo e questiona a ação cometida por ele. Por fim,

²⁰ Com o intuito de melhor averiguarmos o modo de organização do discurso enunciativo iremos realizar pequenos quadros, no decorrer deste capítulo, no qual selecionaremos alguns enunciados do trecho que pretendemos analisar.

compreendemos ter também um ponto de vista de *engajamento* em que o protagonista demonstra uma recusa tendo em vista a situação em que se encontra.

Ao analisar o comportamento elocutivo identificamos um desdobramento de “*eus*” em Fabiano. Posto que, quando ele demonstra o ponto de vista do conhecimento da desigualdade e de injustiça, ele se mostra conformado com a situação; não teria como ele mudar os fatos e a história. Depois, entretanto, há um outro “*eu*”, uma outra voz que questiona se ele merecia esse castigo, esta voz que contesta, não aceita, que sabe sobre a real injustiça por detrás do acontecido. Mesmo com o surgimento de um “*eu*” *interior questionador*, Fabiano não se revolta, não questiona, não tenta se defender de modo algum, nem discursivamente nem fisicamente. Inferimos então, que o posicionamento tomado por ele diante do fato pode estar relacionado com a inscrição em uma FD que surge através das vozes ideológicas ao quais em algum momento de sua vida ele se deparou.

Voltando ao mesmo já destacado enunciado do excerto “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”(op.cit.), consideramos que este enunciado contém uma FD que pode ser pensada como uma paráfrase formulada pelos sujeitos que compartilham a crença de que tudo que o governo faz é correto, é para o bem do cidadão.

Acreditamos que o protagonista rejeita a ideologia contida nessa FD, e não se identifica com ela. Todavia, ele tem conhecimento de sua posição social inferior e por isso se mantém calado. Mesmo que possuindo uma voz interior que questiona e rebate a injustiça, ela é censurada pelas vozes sociais exteriores vindas de uma ideologia cristalizada que dá essa legitimidade ao governo. Em outras palavras, Fabiano vê-se diante de máscaras de identidades e tem que escolher uma delas. Levando em conta sua situação e por receio de novas represálias, ele escolherá uma máscara de aceitação.

Vemos assim que são as condições da situação comunicativa e o contexto no qual o sujeito se encontra que irão delinear as máscaras, ou nuances de identidades que precisam ser adotadas em determinados momentos da existência. Escolher-se-á essa ou aquela, conforme as diferentes situações de comunicação e também conforme os diferentes sujeitos nelas presentes.

No comportamento alocutivo há uma relação de força entre o locutor e o interlocutor, mesmo se tratando de um diálogo interior, sem uma presença física de um interlocutor. Para ilustrar o que foi dito, voltemos à cena da prisão injusta de Fabiano e examinemos as características identitárias das personagens envolvidas:

(i) Fabiano: trabalhador rural sem cargo específico, pobre, miserável, retirante.

(ii) Soldado amarelo: pertence à polícia, representa o governo e autoridade.

Os imaginários sociais de poder determinam as relações de ambos. O primeiro é forçosamente inferior ao segundo: como diria Charaudeau (1995), ele não tem nenhuma autoridade nem legitimidade.

No capítulo *O soldado amarelo*, encontramos novamente essa FD. Assim:

[...] Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... Soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos direitos. Aquela cambada só servia para morder as pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancada neles? Não iria (RAMOS, 2010, p. 105).

Após ser preso, Fabiano se reencontra com o soldado que o agredira e o prendera. Nesse momento, o protagonista tem diversos pensamentos de vingança e lembranças da situação em que ele esteve. Nos pensamentos do personagem, que nos são apresentados pelo narrador, nos deparamos novamente com a FD que havia sido enunciada no excerto anterior, a saber: “ ‘Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita’”(op.cit). Todavia, dessa vez a FD que havia sido pronunciada com uma marca explícita de voz exterior (aspas), agora se manifesta sem a presença dessa polifonia explícita.

Nessa perspectiva, somos levados a compreender que o “*eu*” de Fabiano interiorizou a voz ideológica da FD. Essa voz que antes se apresentava como uma heterogeneidade mostrada perde sua marca explícita e se torna uma heterogeneidade não-mostrada, constitutiva. De modo similar acreditamos que se trata de um movimento da constituição do discurso, já que o sujeito no meio social se depara com diversas vozes enunciadas pelos outros. Essas vozes, por sua vez, saem de uma dimensão exterior para se adentrarem no mundo interior desse sujeito e passam a fazer parte do universo interno de crenças do sujeito.

Inferimos que as vozes sociais que circulam na vida de Fabiano e que são pertencentes ao exterior podem ser interiorizadas em dadas situações nas quais ele se encontra. Dessa forma, será o próprio sujeito que mantém e reproduz suas condições de submissão à alguma crença ideológica. O sujeito assimila a voz exterior, a internaliza e depois a reproduz.

O sujeito é constitutivamente heterogêneo e por isso não sustenta somente um posicionamento ou somente uma voz em seu âmago. E será essa condição do sujeito que conseguimos encontrar em *Vidas Secas*, pois G. Ramos mostra uma visão bem aprofundada do “*eu*” mais íntimo de um nordestino, que carrega em si um duelo interno de vozes sociais,

morais e não morais. Dessa maneira, em um mesmo parágrafo da narrativa, o narrador mostra o desdobramento de posicionamentos e de “*eus*” em Fabiano.

Podemos considerar que, em um primeiro instante, o protagonista internaliza e parafraseia uma voz ideológica que sustenta o poder do governo. Todavia, em um segundo momento ele não apresenta o mesmo posicionamento referente à instituição e às atitudes do soldado amarelo, como também questiona o papel do governo quanto a garantia do direito aos cidadãos. Aliás, ainda afirma para si mesmo que se ele fosse um soldado não iria praticar injustiças com as demais pessoas, injustiças essas que estão na memória de experiência de vida do personagem.

Enfim, compreendemos que Fabiano é uma figura que nos apresenta questões referentes a identidade do sujeito, pois sua própria identidade não se apresenta de maneira uniforme. Será a visão do sujeito-narrador sobre o “*eu*” íntimo de Fabiano que nos permitirá compreender o quão complexa é a mente desse “ser de papel”, ser de ficção que, no entanto, é a reprodução/representação de tantos outros seres reais, pobres e marginalizados como ele.

3.4. “GOVERNO, COISA DISTANTE E PERFEITA, NÃO PODIA ERRAR”

Como vimos no tópico anterior, Fabiano reproduziu uma paráfrase ideológica vinda de uma FD que considera o poder que emana de um órgão do governo como algo sagrado, intocável. Por esse motivo ele respeita e obedece ao soldado amarelo que assume uma posição de legitimidade por ser representante do governo, e conseqüentemente, assume uma imagem de poder.

Porém, como os pensamentos de Fabiano não são unânimes e ele constantemente muda seu posicionamento diante desta ou daquela situação, a um dado momento, ele muda a imagem que fazia do soldado amarelo e não mais o considera como alguém tão poderoso. É o que vemos em:

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo está ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro à grade, e Fabiano acalmou-se:
-Bem, bem. Não há nada não (RAMOS, 2010, p. 33).

Depois de Fabiano ter sido agredido pelos soldados na cadeia, ele faz uma reflexão sobre o papel do governo e apresenta um ponto de vista. E dentro desse ponto de vista aparece uma reflexão irônica: “Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar.” (op.cit.).

Qual “eu” é o autor desse enunciado irônico? Fabiano? Talvez. Acreditamos que aqui aparece a voz do escritor-narrador que se confunde com a de seu personagem. Através dessa ironia, G. Ramos critica as atitudes do governo do seu país. Dois “eus” então aí se encontram.

Logo depois, no excerto acima, o protagonista questiona a razão da existência dos soldados amarelos: “Afinal para que serviam os soldados amarelo?” (op.cit.) . Novamente, notamos aí a sutileza de G. Ramos ao usar a ironia. Pois, ao invés de fazer uma crítica direta, mais uma vez ele une a sua voz, a voz de seu “eu”, a voz de Fabiano.

Assim agindo, o sujeito-narrador-irônico, faz um jogo com as FDs cristalizadas que pregam o valor das instituições outras, que clamam por uma revolta ou uma reviravolta da situação. O que é comprovado pelo próprio Fabiano: furioso, ele grita e chuta a parede. De imediato os guardas levantam e vão averiguar o ocorrido. Com isso, o “*eu-interior revoltoso*” de Fabiano é novamente censurado, portanto, silenciado. A censura, nessa situação, pode surgir tanto por questões ideológicas, quanto por questões de agressões físicas.

A censura, nesse sentido, silencia também características de identidade de Fabiano. Pois será por meio dela que Fabiano se vê obrigado a se desdobrar em dois “eus” diferentes: um “*eu-interior revoltoso*” com a situação e um “*eu-exterior submisso*” às crenças ideológicas de poder do governo e da polícia sobre os demais sujeitos.

Com isso, o silenciamento de Fabiano não se limita somente aos seus enunciados, que são raros, na sua relação com os demais sujeitos falantes. O silenciamento em *Vidas Secas* pode ser compreendido como um silenciamento de um “eu” de Fabiano que se esconde dos outros sujeitos na sociedade, este “eu” que estará escondido no íntimo de sua identidade. O “*eu-interno revoltoso*” não pode ser revelado devido à censura e à coerção que estão presentes no meio social em que ele está inserido.

Todavia, mesmo não se revelando para os outros sujeitos, o “*eu-interno revoltoso*” não deixa de existir e pode ser representado pelos pontos de vista demonstrados por Fabiano. Podemos então inferir que o protagonista apresenta um comportamento elocutivo (CHARAUDEAU, 1992) que tentamos sintetizar no quadro seguinte:

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	FRAGMENTOS DO ROMANCE
Elocutivo	Modo de saber	Saber/ignorância	“Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar”
	Avaliação	Opinião	
	Engajamento	Concordância/discordância	
	Modo de saber	Saber/ignorância	“Afinal para que serviam os soldados amarelos?”
	Avaliação	Opinião	

(Quadro número 3, conforme Charaudeau, 2014, p. 85, por nós elaborado)

Para averiguar o comportamento elocutivo do excerto supracitado, selecionamos dois enunciados que mostram os pontos de vista de Fabiano: “Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar” e “Afinal para que servem os soldados amarelos?” (op.cit.)

Como podemos ver, o mesmo discurso pode expor várias modalidades de categorias de língua e, por conseguinte, pode mostrar diversos posicionamentos. Vale lembrar que, de acordo com Charaudeau (2010), o enunciado é constituído por duas dimensões: o explícito e o implícito. Assim, ao analisarmos o contexto situacional da produção dos discursos podemos compreender os efeitos de sentido que estão implícitos nos enunciados.

Com o ponto de vista do *modo de saber*, o protagonista revela o conhecimento que ele tem da imagem do governo. Também revela o conhecimento das falhas e dos erros que são cometidos pelos representantes dessa instituição – como vimos anteriormente com a presença da negativa que reconhece os erros governamentais.

Examinando o primeiro enunciado em sua forma de configuração implícita, conseguimos detectar um ponto de vista de *avaliação*, pois o protagonista realiza julgamentos sobre as práticas do governo na sociedade. Aparece aí então uma modalidade de *opinião*. Fabiano apresenta seu posicionamento e sua crença diante dos imaginários que circulam sobre poder do governo sobre o povo e sobre os seres humildes e pobres como ele.

Em síntese, Fabiano demonstra sua visão de como deveriam ser as práticas realizadas pelos representantes do governo: não deveriam submeter um cidadão a uma prisão e às violências físicas sem este ter cometido crime algum.

Examinemos o segundo enunciado no qual Fabiano se indaga sobre o valor dos soldados amarelos naquela sociedade desigual em que vivia. Deparamo-nos aí com o ponto de vista do *modo de saber* e de *avaliação*. O *modo de saber* se apresenta com a modalidade de *saber/ignorância*, pois de acordo com Charaudeau (2014, p. 92) a forma interrogativa se apresenta como uma configuração implícita do *não saber* do locutor. Mas o *não saber* de Fabiano dialoga com uma modalidade de *opinião* e *suposição*. Uma vez que, essa interrogação não implica somente em um *não saber* de Fabiano, mas em um julgamento de valor (implícito ao enunciado).

Esse julgamento de valor pode ser configurado por uma modalidade de *suposição* na qual ele apresenta sua crença de como não deveria ser o comportamento dos soldados. Pois essa deveria ser representada por pessoas que mantivessem a ordem, mas protegendo e amparando, ao mesmo tempo, os cidadãos. Esse imaginário valorizante contrasta com o que Fabiano testemunha em sua experiência de vida na prisão e, assim, provoca um questionamento no qual está implícito um julgamento desfavorável em relação aos soldados e suas atitudes abusivas.

Vemos assim que o silenciamento de Fabiano não se dá somente por falta de estudos. Ele é silenciado pelas práticas sociais que o rodeiam. Ele não questiona em voz alta o soldado por saber que os comportamentos deste serão mais uma demonstração de abuso da autoridade face ao indefeso Fabiano.

Como se pode ver até aqui, essa coerção de crenças, de ideologias que se fazem pela prática não apagam as vozes internas, vozes sagazes que habitam no “*eu*” íntimo de Fabiano e que não tem nada a ver com a imagem que ele passa de si: o do nordestino retirante, meio bobo, que não sabe se comunicar. Portanto, se há um silenciamento em Fabiano ele acontece justamente porque ele tem conhecimento das ideologias dominantes e massacrantes que se abatem em seres desmunidos como ele.

Fabiano tem a consciência da censura que o impede de dizer o que realmente sente, como podemos perceber nos três excertos a seguir:

[...] Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. [...] Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbado, a mulher das

pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer (RAMOS, 2010, p. 36).

[...] Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beiços. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor aguentara facão e dormira na cadeia (RAMOS, 2010, p. 77)

[...] Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza (RAMOS, 2010, p. 95).

Diante dessas considerações sobre o silenciamento de Fabiano, consideramos que ele se sente preso à censura social vigente. Pois, como vemos nos trechos supracitados, o protagonista sabe das desigualdades e das injustiças nas quais ele e seus pares estão submetidos. Contudo, essa consciência precisa ficar guardada em seu âmago, já que devido a sua posição social ele se vê na obrigação de se manter submisso e aceitar as suas condições de vida. Prisioneiro de sua condição de marido e pai ele se submete; mas enxerga os erros daqueles que dele se aproveitam.

3.5. O POSICIONAMENTO DE FABIANO DIANTE DO DESEJO DE VINGANÇA

No capítulo, *O soldado amarelo*, Fabiano adentra em um matagal para procurar uma vaca que se perde, quando ele avista o soldado amarelo que o agredira e o prendera injustamente. Nesse instante, ele se lembra da prisão e das agressões e sente medo, sente raiva. Fabiano tem diversos pensamentos sobre qual atitude tomar diante da presença do soldado. Esses pensamentos, por sua vez, são perpassados por vozes ideológicas que podem contribuir para as tomadas de atitudes do protagonista. Nessa conjuntura, essas reflexões são realizadas através do discurso indireto livre, ou seja, são os pensamentos na consciência do protagonista apresentados ao leitor por intermédio do narrador de terceira pessoa. Trata-se do seguinte trecho:

[Fabiano] Virou a cara, enxergou o facão de rasto. Aquilo nem era facão, não servia para nada.

Ora não servia!

- Quem disse que não servia!

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá. E estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o polícia estaria morto. Imaginou-se assim, caído, as

pernas pastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam de criação. Era um homem, evidentemente (RAMOS, 2010, p. 107).

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutiliza, não valia a pena inutilizar-se. Guardava sua força. Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins. Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanhado e ordeiro, o soldado amarelo ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo (RAMOS, 2010, p.107).

Ao analisar o excerto acima, observamos que Fabiano está diante de uma decisão a ser tomada: vingar-se ou não do soldado amarelo. Para tanto, ele mergulha em seus pensamentos, aflorados de vozes, e busca obter justificativas que o conduzam a se decidir. Essas vozes podem ser compreendidas como os diferentes pontos de vista, as convicções e as consciências acerca do mundo. Em algumas situações essas vozes podem estar em diálogo, complementando umas às outras. Como também, em outros momentos, elas podem estar em conflito, em contraste e em luta umas contra as outras.

Em um primeiro instante, a voz que deseja vingança é a que predomina no discurso. Na perspectiva dessa voz, esta revanche que se concretizaria com a morte do oponente traria a Fabiano uma identidade positiva, de um homem seguro, de um homem forte, de um homem valente. Fabiano até se questiona se sentiria remorso pelo assassinato e ele se diz que não. Com isso, consideramos que estamos diante de uma voz negativa que busca se opor a uma outra voz que surge afirmando que a morte de uma pessoa traria remorso para ele. A negativa, nesse caso, serve para determinar e definir para Fabiano que esse sentimento de arrependimento não iria existir e sim um sentimento de satisfação, de vingança.

Em frações de segundo surge uma outra convicção sobre a vingança, uma voz moral que combate a voz anterior e que faz Fabiano avaliar o fato de ele ser mais forte do que o soldado amarelo. Essa voz demonstra que a morte do oponente não traria vantagens para ele, pois não seria com o fim da vida desse soldado que acabariam com as injustiças: haviam outros, milhares de outros como o soldado amarelo.

Fabiano projeta uma imagem positiva de si, haja vista que ele se considera mais forte que o rival. Em seu ponto de vista, o soldado amarelo e todos os outros soldados são descritos e nomeados por ele como “doentes”, “fraqueza fardada”, “bichinhos”, “fracos” e “ruins”. Fabiano, no entanto, “guardaria sua força”. Os termos usados para descrever o soldado amarelo são dicotômicos e contrários ao termo usado para descrever o protagonista. Enquanto este é forte, os outros são “fracos”, “doentes”. Assim, a descrição do soldado feita por meio de expressões depreciativas faz surgir um “*eu-superior*” em Fabiano que não deseja mais concluir a vingança. Nesse instante, ele se sente superior, mais forte, em comparação com o soldado. A alteridade, nessa perspectiva, conduz para a identidade que é construída para o protagonista. Fabiano tem consciência da diferença que existe entre ele e os outros o que lhe permite revelar um “*eu-superior*” que habita em si próprio.

Entretanto, essa força física do retirante não irá predominar em suas ações e quando na situação comunicativa o soldado amarelo pergunta o caminho, ele se coloca em uma posição no qual assume um ponto de vista sobre si, sobre o seu parceiro e sobre o mundo, o que resulta em uma constatação: ele não pode mudar o mundo, pois “governo é governo”.(op.cit.)

Em suma, nesse excerto podemos inferir que estão presentes nos pensamentos de Fabiano diversas vozes que dialogam e se contradizem e que por consequência fazem surgir diferentes “*eus*” em Fabiano.

3.6. A VOZ DO ARREPENDIMENTO

Fabiano teve a oportunidade de se vingar do soldado amarelo pela prisão e pelas violências físicas que este lhe causara. Porém, o protagonista escolheu a voz moral e ideológica da submissão, e até um certo ponto, do perdão diante de um representante da autoridade.

Em luta contra essa voz moral que o impediu de lutar com o oponente, havia uma consciência que acreditava que se Fabiano tivesse matado o soldado amarelo ele poderia, enfim, se considerar como um homem. Porém, mesmo que essa imagem lhe fosse tão desejada, o protagonista escolheu, por fim, seguir uma voz moral interna que não concordava com a morte do soldado. Depois de ter feito esta escolha, surgiu o arrependimento: e se Fabiano tivesse matado o soldado amarelo? Ele seria, finalmente, um homem? Seria

respeitado como homem? Serão, pois, essas dúvidas que surgirão em Fabiano depois do encontro com o soldado amarelo, como podemos averiguar no seguinte trecho:

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão. Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. Estava então decido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminhão, assando no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca da ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.
- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele (RAMOS, 2010, p.112).

Nesse excerto, notamos que o desdobramento interno de Fabiano se originou pela oportunidade de vingança que ele teve, mas, não se finalizou ao se encontrar com o soldado amarelo. A angústia por não ter matado o oponente irá persegui-lo no desenrolar do romance. As vozes de revolta e de vingança mergulham assim nos pensamentos do personagem, fazendo emergir um “*eu*” *interior julgador* que critica sua atitude por não ter matado o soldado.

Posterior aos questionamentos internos sobre a ação de submissão de Fabiano, surge um enunciado de forma direta. Esse enunciado poderia ser a exteriorização do “*eu*” *interior julgador* de Fabiano falando consigo mesmo em voz alta, como poderia ser também a voz do narrador ou simbolizar o encontro das duas vozes. Todavia, iremos optar pela visão que esse enunciado foi proferido pelo próprio Fabiano, que desse modo deixou exteriorizar a voz interna que é uma mistura de vozes que julgam, que se revoltam e que clamam por vingança.

Iremos analisar esse discurso direto segundo os pressupostos de Charaudeau (1992) sobre o modo enunciativo do discurso. Para isso, propomos-nos a realizar um esquema sobre o comportamento alocutivo e o elocutivo:

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	FRAGMENTOS DO ROMANCE
ALOCUTIVO	Relação de força	Interpelação	“Fabiano, meu filho”
		Injunção	“tem coragem” “tem vergonha” “Mata o soldado amarelo”
ELOCUTIVO	Avaliação	Opinião e Depreciação	“Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer”
	Motivação	Obrigação	“Mata os soldados amarelos e os que mandam neles”

(Quadro número 4, conforme Charaudeau, 2014, p. 85, por nós elaborado)

Ao analisar os enunciados do esquema acima, no comportamento alocutivo, compreendemos que essa voz tenta impor uma relação de força ao assumir uma posição de superioridade com a utilização de palavras que se encaixam na categoria de injunção. Assim, o *“eu” interior revoltoso* de Fabiano quer emergir, quer construir para o personagem uma imagem e uma identidade de um homem vingativo, forte. Para sustentar essa posição de superioridade, o *“eu” interior revoltoso* do protagonista usa de uma interpelação seguida de uma injunção em que os verbos “ter” e “matar” estão no modo imperativo.

Entendemos que o *“eu” interior revoltoso* está imbricado com um *“eu” interior julgador*, que mostra o arrependimento de Fabiano por não ter matado o soldado amarelo quando ele teve essa oportunidade. Por conseguinte, interpretamos que, em outras situações no romance, como já vimos anteriormente, o desdobramento do personagem se dá no âmago de uma ótica interna. Por mais que Fabiano se revolte, ele é obrigado a esconder essa máscara de identidade, esse *“eu”* que existe somente em seu íntimo. Isso porque nas situações em que

o protagonista revela alguns traços de sua inquietação e conturbação (como na situação em que Fabiano reclama com seu patrão sobre os erros no pagamento), ele é censurado, é obrigado a se submeter. Entretanto, quando ele está sozinho, sem a censura alheia, os desejos mais intrínsecos são revelados. Mas tudo isso no diálogo interior que Fabiano mantém consigo mesmo.

Observamos, nesse tipo de diálogo, uma divisão entre um “*eu*” *submisso* e um “*eu*” *revoltoso*. A voz do “*eu*” *revoltoso* está impondo e intimando uma ordem para o “*eu*” *submisso*. Ordem esta que em nenhum momento do romance será cumprida, pois em todas as situações em que Fabiano se encontra com o soldado amarelo ou com o patrão ele conserva o “*eu*” *revoltoso* em seu fórum interior e deixa aparecer para aquele que o domina, uma imagem e/ou uma máscara que revela uma identidade aparentemente submissa.

No comportamento elocutivo, identificamos o ponto de vista de *avaliação* e de *motivação*. O ponto de vista de *avaliação* demonstra o modo como o “*eu*” *revoltoso* de Fabiano faz o julgamento sobre os soldados amarelos por meio das modalidades de *opinião* de *apreciação*.

Na modalidade de *apreciação*, o sujeito realiza um julgamento sobre dado tema baseando-se no afeto (CHARAUDEAU, 2014, p. 93). Assim, o “*eu*” *revoltoso* de Fabiano revela seus sentimentos de conturbação por meio de uma depreciação ética quanto aos soldados amarelos, a relembrar: “os soldados amarelos são uns desgraçados [...]” (RAMOS, ib.). Dessa forma, Fabiano realiza um julgamento sobre o comportamento moral que os soldados amarelos revelam em situações comunicativas.

Consideramos que a *depreciação* no enunciado ocorre de modo implícito e em um *domínio de avaliação da ética*. Para Charaudeau, a avaliação no domínio do ético

[...] define em termos de bem e de mal o que devem ser os comportamentos humanos diante de uma moral externa (as regras de comportamento são impostas ao indivíduo pelas leis do consenso social) ou interna (o indivíduo dá a si mesmo suas próprias regras de comportamento) (CHARAUDEAU, 2014, p. 232).

Nessa perspectiva, inferimos que Fabiano faz uma depreciação quanto aos comportamentos apresentados pelos soldados amarelos que contrasta com as regras de comportamento que emanam da posição social que eles ocupam na sociedade. Em vista disso, no adjetivo a eles imputado (“desgraçados”) há uma avaliação depreciativa de forma implícita.

Isto posto, analisamos que no enunciado “os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer” estão presentes as modalidades de *apreciação/depreciação* e também a modalidade de *opinião*. Por meio dessa última, Fabiano revela uma *convicção íntima* e uma certeza quanto a ação que ele precisa tomar em relação aos soldados amarelos.

No ponto de vista de Fabiano, soldados amarelos precisam morrer pelo fato de eles não cumprirem com dignidade suas funções. Assim, entendemos que tais soldados não têm nenhum valor em relação às opiniões silenciadas/guardadas no *universo de crenças* do protagonista.

Além do ponto de vista de *avaliação*, o “*eu*” *revoltoso* de Fabiano também revela um ponto de vista de *motivação*, principalmente no enunciado “Mata os soldados amarelos e os que mandam nele” (op.cit.). Além da injunção no enunciado, notamos uma modalidade de *obrigação interna* que Fabiano impõe para si mesmo: o dever de matar os soldados amarelos.

Nessa perspectiva, entendemos que tal obrigação pode ser um valor ético ou moral para Fabiano, pois, em sua consciência, esses soldados não cumprem e não se enquadram em suas crenças ideológicas e morais.

3.7. A RELAÇÃO PATRÃO VERSUS EMPREGADO

No capítulo *Contas*, Fabiano e sua esposa, Sinhá Vitória, conversam sobre o erro do pagamento do salário do protagonista. Ela afirma que as contas do patrão estavam erradas e solicita que o marido converse com o fazendeiro. Então, ele assim o faz, vai até a casa do empregador e demonstra sua insatisfação com o valor recebido. Mas, o patrão não dá ouvidos a Fabiano e ameaça mandá-lo embora. Como o protagonista já viveu diversas peripécias em sua vida por falta de um local para morar e por falta de um emprego, ele se encontra em uma posição desfavorável e é obrigado a concordar com o erro no pagamento em troca de moradia e de um salário baixo.

Nesse contexto, deparamo-nos, novamente, com um desdobramento dos “eus” de Fabiano. Em seu íntimo ele está indignado, quer gritar, quer falar que está sendo roubado pelo fazendeiro. Todavia, devido à situação comunicativa, às características identitárias dos parceiros, aos imaginários e às ideologias sobre a relação entre patrão e subordinado, o protagonista precisa assumir uma máscara de identidade, uma imagem de si que é contraditória ao seu real sentimento. É o que podemos ver em:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel no branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens [...]

[...] Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

[...] Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (RAMOS, 2010, p. 94 – 96.)

Nesse trecho do romance inferimos que no âmago de Fabiano há um “*eu*” que tem o conhecimento dos erros nas contas do patrão. Como também há uma voz interna que conhece a diferença ideológica e financeira entre ele e o fazendeiro. Mesmo assim, o protagonista resolve questionar o valor do seu pagamento e afirma que há problemas com as contas realizadas pelo patrão. Como não se acharam erros, Fabiano reclama e mostra-se indignado. Nesse momento, o patrão manifesta seu poder sobre o funcionário com ameaças de manda-lo embora. Com isso, ele é forçado a se submeter à injustiça do patrão, pois naquele momento e lugar não seria fácil arranjar outro emprego.

Essa situação comunicativa mostra-nos as posições identitárias de Fabiano e de seu patrão. Estamos diante de um processo de identificação de semelhança e de diferença. Para o protagonista, o patrão era rico, com propriedades e, portanto, merecia ser respeitado como um “homem”. Já ele, em contrapartida não tinha bens materiais, não tinha estudo, sendo assim, não era um “homem”; era apenas um “cabra”; um “bruto”.

Dentro desse ponto de vista é possível compreender porque Fabiano reproduz as condições que submetem seres humanos à uma FD Capitalista. Nesta, há as vozes ideológicas que sustentam imaginários já cristalizados sobre as relações entre patrões e empregados. Assim, Fabiano nesse momento é recrutado por essa FD e se identifica (parcialmente) com o sujeito universal advindo dela.

Mas como o sujeito não é único e não tem somente uma tomada de posição diante de uma FD, a identidade do protagonista se desdobra em um “*eu*” *interior indignado* que vê falhas no pagamento, que quer reclamar, que quer ser pago dignamente e em um “*eu*” *exterior*

submisso que não pode externar suas opiniões, seus pontos de vista, pois sabe que será punido caso não obedeça às ordens do patrão. De tal modo, no interior do personagem identificamos a tomada de posição do *mau sujeito*, que não se identifica com os imaginários da FD. Em contrapartida, em seu exterior, em suas ações no mundo externo e na situação comunicativa, ele se enquadra na tomada de posição do *bom sujeito* que se identifica plenamente com as crenças da FD. Diante dessas considerações é possível entender como a identidade é um jogo complexo que depende tanto de fatores externos quanto de fatores internos de um sujeito. Como vimos com Hall (2006), a identidade do sujeito pós-moderno estará sempre em construção e em contradição ao longo de sua vida, já que ela depende das circunstâncias do meio social no qual o indivíduo está inserido.

Dito isso, percebemos que nos pensamentos de Fabiano – apresentados pelo narrador de terceira pessoa – mostram uma profusão de vozes e consciências que estão relacionadas com a situação comunicativa e com o seu contexto de vida. São vozes que acionam na memória do protagonista a situação de vida dos escravos e que lhe expõem a semelhança de trabalho entre ambos. Outras vozes também rodeiam a mente de Fabiano, como já dissemos, tais como as vozes ideológicas de imaginários sociais que pregam a submissão do empregado diante do patrão; vozes de revolta, pois ele está em uma situação na qual não pode externar seu ponto de vista e vozes morais que fazem com que ele se lembre de seu papel de provedor de sua família.

Inspirando-nos em Charaudeau (1992), expomos agora sob a forma de um quadro as categorias que a Semiolinguística daria a esta situação:

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	FRAGMENTOS DO ROMANCE
Elocutivo	Modo de saber	Saber/ignorância	“Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!”
	Avaliação	Depreciação	“Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens”
	Motivação	Obrigação	Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a

			mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!
--	--	--	---

(Quadro número 5, conforme Charaudeau, 2014, p. 85, por nós elaborado)

Compreendemos que Fabiano dialoga consigo mesmo, em um comportamento elocutivo no qual o sujeito falante revela seu ponto de vista interno sobre o mundo. Nessa perspectiva, ele revela um ponto de vista do *modo de saber*, que demonstra o *conhecimento* do protagonista sobre os imaginários que envolvem a relação entre patrão e funcionário. Como também apresenta o *conhecimento* e o *saber* de que sua situação pode se igualar à de escravos que passam a vida toda trabalhando e mesmo assim ao final dela não possuem bens materiais e propriedades. E por fim, o *conhecimento* e o *saber* de que ele precisa se submeter às injustiças cometidas pelo patrão para poder assim continuar dando pelo menos o mínimo de condição de sobrevivência para a família.

Fabiano também revela um ponto de vista de *avaliação* com a modalidade de *apreciação* em uma configuração implícita, na qual ele avalia sua condição pela ótica de uma *ordem afetiva* ou seja, ele avalia como faz para demonstrar seus sentimentos. Ele vai se depreciar, de um ponto a outro. O sujeito-narrador nos mostra a insatisfação e a revolta que habitam os pensamentos de Fabiano face a tais circunstâncias de vida.

Além desses dois modos de pontos de vista do comportamento elocutivo, consideramos também o ponto de vista de *motivação* com a modalidade de *obrigação*. Neste, o sujeito se vê em uma posição em que necessita realizar uma ação, seja por coerções internas, seja por coerções externas. Com base nesses postulados, inferimos que Fabiano se encontra em uma situação em que há uma dialética entre uma *obrigação interna* de ordem moral e uma *obrigação externa* vinda de uma ordem de instância de autoridade. Na *obrigação interna*, o protagonista sente o peso da coerção interna moral (ao se submeter às falhas do patrão) e ao mesmo tempo, ele revela um valor ético pois sabe que tem que calar-se pois ainda que mal pago e explorado, é tudo o que tem para sustentar a família. Na *obrigação externa*, a coerção emana tanto da autoridade do patrão, quanto das condições de sobrevivência de Fabiano, que é assim por dizer, levado à submissão.

Como vimos no Capítulo II, podemos compreender que G. Ramos faz diversas críticas ao capitalismo. Em *Vidas Secas* isso não vai ser diferente. Isto posto, entendemos que os imaginários e as ideologias capitalistas podem fazer com que Fabiano se sinta inferior em

relação às pessoas de melhores condições financeiras. Aliás, o salário injusto e errado que recebe serve ainda mais para dar ênfase ao poder que o fazendeiro tem sobre ele.

Outras passagens no romance também fazem alusão aos imaginários e às ideologias capitalistas. Como podemos observar em:

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contrato, recebera o cavalo da fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse (RAMOS, 2010, p. 23).

Nesse excerto, Fabiano faz uma comparação entre o comportamento do antigo patrão, Seu Tomás da bolandeira com o patrão atual e sublinha (em sua mente) a diferença de cortesia entre ambos. Enquanto o primeiro o tratava com educação, o outro o enxergava apenas como uma mão de obra, um objeto.

Vale ressaltar que não podemos afirmar que G. Ramos faça críticas a todos os patrões. Pois, como se vê no excerto supracitado, o personagem de Seu Tomás da Bolandeira também era patrão de Fabiano, mas mantinha um comportamento diferente: não o humilhava. Compreendemos, então, que as críticas advindas dos romances do autor referem-se aqueles que abusam de seu poder e maltratam, menosprezam os humildes e necessitados. Devido a esses fatores, o protagonista não tem mais esperanças de mudança de vida, uma vez que não há meios para progredir financeiramente. Como podemos observar nos seguintes enunciados:

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar a situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina (RAMOS, 2010, p.97).

Ou seja: Fabiano está mergulhado em um mundo injusto e que dificilmente mudará.

Com base no posicionamento do narrador diante dos sofrimentos de Fabiano, podemos entender as aflições geradas no âmago do personagem. Sendo assim, G. Ramos mostra uma visão de empatia para com as pessoas que estão à margem da sociedade: ele nos mostra que esses sujeitos não são objetos e somente fonte de mão de obra; são seres que têm sentimentos, família, necessidades físicas e psicológicas como qualquer outra pessoa de condição financeira avantajada, como é possível inferir no segmento de enunciado retirado do trecho supracitado: “Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? ”.

Diante dessas considerações notamos que o sujeito-narrador que usa a terceira pessoa para elaborar o romance *Vidas Secas* não mantém, dentro da história, um papel narrativo de neutralidade. Este sujeito não hesita em expor sua empatia para com a família de retirantes. Além disso, quando nos deparamos com o uso do discurso indireto livre, vemos que nele não está explícito onde começa ou onde termina a voz do sujeito-narrador e a voz do personagem: elas se misturam. E essa relação, quase íntima, entre essas duas vozes, pode nos revelar o posicionamento de G. Ramos, que demonstra a crítica e a visão sensibilizada diante das desigualdades sociais no país. Outros trechos que apresentam essa “relação íntima” entre as vozes do autor, do sujeito-narrador e do personagem no enredo podem ser citados:

Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte do ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias [...].

[...] Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hem? Que iam ganhar? (RAMOS, 2010, p.97 – 98).

Com esses enunciados compreendemos a presença da polifonia interna em *Vidas Secas*, pois ali nos deparamos com os posicionamentos de G. Ramos que são “transmitidos” para o sujeito-narrador e para o protagonista. Além das vozes ideológicas e morais do romancista, também estão presentes as vozes das pessoas injustiçadas que sofrem pela desigualdade social. A figura de Fabiano representa, portanto, um papel que abriga em si as vozes de todos os retirantes nordestinos que sofrem pelas desigualdades.

Enfim, os questionamentos apresentados no excerto acima podem ser analisados tanto do ponto de vista do autor quanto do protagonista. Sabe-se que G. Ramos é um autor que se compadece com o sofrimento alheio e que ao criar Fabiano, fez com que muitos leitores tivessem acesso e conhecimento ao/do sofrimento enfrentado por diversos retirantes em nosso país. Nessa conjuntura, *Vidas Secas* é uma obra que retrata a consequência do meio social na

identidade do protagonista. Não se trata apenas da seca enquanto clima, mas sim da seca relação entre um retirante nordestino e as pessoas que se valem de sua força de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar os romances *Infância*, *São Bernardo* e *Angústia* como *corpus* auxiliar para esta pesquisa e ao analisar o romance *Vidas Secas* compreendemos que G. Ramos passa algumas de suas crenças aos seus personagens. Em *Angústia*, o protagonista Luís da Silva é permeado por uma agonia interminável, visto que ele foi preso político, não se sentia satisfeito com seu trabalho no jornal e com salário que recebia. Em *São Bernardo*, nos deparamos com um protagonista, Paulo Honório, que adquire características ideológicas que são o oposto do universo de crenças de G. Ramos, já que o romancista sustentava ideais comunistas. Em *Vidas Secas*, assim como Luís da Silva, Fabiano também carrega em si muita dor advinda da humilhação de ter sofrido injustiças, de ter sido preso e por ser explorado pelo patronato.

Nesse sentido, podemos inferir que o universo de crenças de G. Ramos é permeado por vozes ideológicas, que em maior ou menor grau, são concedidas aos seus personagens. Vale ressaltar que não podemos afirmar que autor e personagens são a mesma pessoa. O que pode ocorrer nesse caso é uma polifonia constitutiva que atravessa o criador e as suas criações. Ao analisar as vozes ideológicas nos romances pudemos perceber como elas se repetem, se complementam, se refutam e se opõem. Em síntese, consideramos que em uma dimensão mais ampla as injustiças e as desigualdades sociais podem ser entendidas como um sustentáculo para esses romances.

Diante desse pensamento, podemos averiguar que as injustiças e as desigualdades são retratadas por diversos pontos de vista. Elas são contadas sob a ótica de G. Ramos enquanto criança, em *Infância*; são expostas a partir de uma posição social de um escritor sem sucesso, em *Angústia*; são narradas sob a perspectiva de um personagem que não se importa com os outros, em *São Bernardo* e; são percebidas a partir do silenciamento, em *Vidas Secas*.

Chegamos aqui ao nosso objetivo principal que foi o de analisar como a polifonia existe no silenciamento de Fabiano.

No capítulo IV, identificamos essa polifonia por intermédio das vozes ideológicas e morais que constituem o pensamento do protagonista e geram uma divisão de posicionamentos. Em diversas situações Fabiano é atravessado por vozes antagônicas que contribuem para um fracionamento de sua identidade.

A multiplicidade e a contradição de vozes que transpassa o íntimo desse personagem viabiliza um desdobramento em “*eu*” interior e em “*eu*” exterior. Na esteira de Charaudeau (2015), reconhecemos diversos posicionamentos do “*eu*” interior de Fabiano diante das desigualdades em que é submetido. Em nossas análises, dos trechos selecionados, verificamos

quatro ocorrências do ponto de vista do *modo de saber* através das modalidades de *constatação* e de *saber*; duas ocorrências do ponto de vista de *engajamento* sob a modalidade de *recusa* e de *discordância*; cinco ocorrências do ponto de vista de *avaliação* por meio da modalidade de *opinião* e *depreciação*; e duas ocorrências do ponto de vista de *motivação* por intermédio da modalidade de *obrigação interna/externa*.

Isto posto, os diversos pontos de vista sustentados pelo protagonista são construídos por vozes morais e não-morais, ideológicas e de crenças. Quando revela o *modo de saber*, o personagem demonstra ter conhecimentos e saberes sobre a injustiça que o atinge, a ele e aos seus pares.

O *engajamento* de Fabiano pode ser apreendido nas situações comunicativas em que ele produz uma *recusa* e uma *discordância* face aos imaginários e às vozes ideológicas que geram a desigualdade, como também, face aos comportamentos dos outros, como vimos ocorrer com o soldado amarelo, por exemplo.

O ponto de vista de *avaliação*, a ocorrência que mais identificamos nos pensamentos do protagonista, é produzido mediante a construção de um julgamento moral e de valor das injustiças e dos imaginários ideológicos vindas das FD's. Assim, consideramos que ocorrem uma problematização, uma deliberação e uma análise sobre as práticas ideológicas de inequidades na sociedade que atinge Fabiano.

O personagem demonstra a *obrigação interna e externa* face aos argumentos que o levam a tomar determinada atitude diante de uma situação comunicativa. Assim, se ele mantém uma posição de submissão deve-se ao fato de ele se sentir obrigado a exercer tal postura. Nesse aspecto, as vozes morais e ideológicas constituintes de uma FD vão delinear o comportamento a ser seguido perante um contexto.

À luz dessas considerações podemos apreender que o desdobramento entre o “*eu*” *interior* e o “*eu*” *exterior* possivelmente é provocado pelos diversos pontos de vista que o “*eu*” *íntimo* de Fabiano sustenta em seus pensamentos. O silenciamento, nesse sentido, não ocorre somente por meio da escassez de diálogos e de enunciados que o personagem mantém na narrativa. O silenciamento em *Vidas Secas* pode ser compreendido como a censura do “*eu*” *íntimo* de Fabiano.

Tal censura, que está no limiar do silêncio de Fabiano, é provocada pelos imaginários e pelas vozes ideológicas das FD's que fazem parte do universo de crenças que envolvem o personagem. Diante disso, as práticas ideológicas de injustiça e de desigualdade de algumas FD's que perseguem Fabiano e sua família contribuem para o apagamento de parte do “*eu*”

do personagem. Além disso, vimos também que a divisão dos “*eus*” do protagonista pode ser concebida como uma heterogeneidade de tomada de posições face às ideologias. Haja vista que o mesmo não se identifica plenamente com os imaginários que surgem dessas FD’s. Ocorre, pois, uma identificação parcial e até mesmo momentânea com alguma crença, para depois tal identificação se descolar para outra. Assim, quando Fabiano é recrutado para uma ideologia de postura de submissão ao seu patrão ou ao soldado amarelo, ele não é recrutado somente por essa ideologia, mas sim por um contraste múltiplo de vozes ideológicas que podem estabelecer e sustentar um pensamento de subversão, revolta, vingança.

Na medida em que Fabiano é transpassado por essa polifonia ideológica e moral ocorre a segmentação da identidade do mesmo. Verificamos a presença de um “*eu*” *interno* do personagem que tem conhecimento das crenças, das desigualdades, das relações de poder. Além do mais, esse “*eu*” pode ser subdividido e ser considerado como múltiplos outros “*eus*”: um “*eu*” *vingativo* que almeja a revanche com o soldado amarelo; um “*eu*” *revoltoso* que quer gritar com o patrão; um “*eu*” *jugador* que conhece as ilegalidades dos comportamentos alheios.

Em contraste com essa multiplicidade de “*eus*” do “*eu*” interno há apenas um “*eu*” *exterior submisso*. Este “*eu*” *submisso* surge como uma máscara que cala, apaga e silencia o “*eu*” *interior*. Nesse caso, discordamos do ditado da *vox populi* que afirma que, no discurso, de que “quem cala consente”. Pois, percebemos que o silêncio de Fabiano não é produzido por um consentimento, longe disso! Ele se silencia por causa da censura que emana das práticas violentas, das desigualdades, do abuso das relações de poder entre a classe dos dominantes e a classe dos dominados. Por causa disso tudo, Fabiano cala-se.

Enfim, o silêncio de Fabiano pode ser considerado como uma postura, uma máscara face à hipocrisia reinante e também como uma espécie de “armadura”, um meio de proteger a si e a sua família contra as injustiças do mundo. Desse modo, os diversos pontos de vista de avaliação, engajamento e julgamento ficam escondidos e silenciados em um “*eu*” *íntimo* que não quer sofrer ainda mais com violências físicas e psicológicas. A censura, portanto, estabelece por intermédio da *obrigação interna* ou coerciva qual máscara de identidade deve ser adotada pelo sujeito mediante uma situação comunicativa e, por isso, é ela que vai moldar os comportamentos e os papéis identitários do citado personagem. Contudo, as vozes ideológicas que produzem a censura não podem extinguir o “*eu*” *interno vingativo, revoltoso, julgador* do protagonista. Por mais que seja silenciado, ele ainda existe no âmago de Fabiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

AMARAL, Gabriela Pacheco. *O ethos nos conflitos de Fabiano, em Vidas Secas: uma perspectiva da identidade discursiva*. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Professora Dra. Ivanete Bernardino Soares, 2014.

ARAÚJO, de Lígia Mara Boin Menossi. *Discurso político, derrisão e heterogeneidade dissimulada na mídia contemporânea*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. Orientador: Professor Dr. Roberto Baronas. São Paulo, 2015.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade enunciativa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 128p.

BRANDÃO, Helena H. N.. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRUNACCI, Maria Izabel. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp/ Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a.

_____. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b.

_____. O mundo desfeito e refeito. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das letras. 1993, p.54 -67.

CHARAUDEAU, Patrick. Da ideologia aos imaginários sóciodiscursivos. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 185 – 208.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 309 -326, 2009. Disponível em: <http://www.patrick-charauveau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso em maio de 2016.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, [1983] 2014.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto: 2008.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py. Análise do Discurso na área de Letras. *Cadernos do IL*. Edição 34 Estudos Linguísticos. Jun. 2007.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACHADO, Ida Lucia. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de leitura. *Caligrama*. v. 6, julho 2001, p. 62-77.

_____. Relações de força/poder entre “iluminados” e “loucos”. In: EMEDIATO, Wander *et al.* (Org.) *Análise do Discurso: Gênero, Comunicação e Sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2006. p. 105-118.

_____. “Iluminados” e “loucos” na Literatura Francesa: análise discursiva de um caso. *Revista (in)visível* – número 2, abril /2014, p. 42 – 50.

_____. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, São Paulo, Número 9 (1): 108-128, Jan./Jul. 2014a.

_____. Percursos de vida que se entremeia a percursos teóricos. In: SANTOS, S.P. & MENEZES, W. A. *Discurso, Identidade, Memória*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015, p. 83-96.

_____. Fundamentos que organizam uma análise do discurso: o ato de linguagem e o sujeito da comunicação. In: MARCHIORI, M. (org.) *Linguagem e discurso*. Volume 7. São Paulo: Difusão Editora; Rio de Janeiro: SENAC, 2014, p. 75-94.

_____. Teorias e discursos transgressivos, *Revista de Estudos da Linguagem* v. 15, número 1, jan/jun.2007, p. 110-128.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 249 – 259.

MESQUITA, Diana Pereira Coelho de; Rosa, Ismael Ferreira Rosa. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. *Veredas Análise do Discurso*. 2. 2010.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

NAMER, G. (édition critique) *Maurice Halbwachs. La Mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michael. A Análise de Discurso: três épocas. In: *Análise Automática do Discurso*. 1983.

_____. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990, p. 245 – 260.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. *Vidas secas*. 114ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1938] 2010.

_____. *Infância*. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1945] 2008.

_____. *Angústia*. 64ª ed. Rio, São Paulo: Record, [1936] 2009.

_____. *São Bernardo*. 89ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1947] 2010.

_____. Entrevista de Graciliano Ramos concedida em 1948. Trecho em versão eletrônica da Revista Travessias Ed. XIV. ISSN 192-5935. P. 268-273. Publicada em 2008. Disponível em: <www.unioeste.br/travessias> acesso em 26 de Julho de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In: Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

TELES, Gilberto Mendonça. *A retórica do silêncio: teoria e prática do texto literário*. São Paulo: Cultrix, 1979.

VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2^aed. São Paulo: Hucitec, 1981.

YOUSFI, L. Louis Althusser, le dernier des caïmans. *In: Sciences Humaines* número 283, p. 50-55